BASEADO NO FILME

Disney

JOHN CARTER

ENTRE DOIS MUNDOS

©2012 Disney. JOHN CARTER™ ERB, Inc.

Fantasy
Casa da Palavra

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

JOHN CARTER
ENTRE DOIS MUNDOS

STUART MOORE

BASEADO NO ROTEIRO DE:
ANDREW STANTON & MARK ANDREWS E MICHAEL CHABON

BASEADO NO CONTO UMA PRINCESA DE MARTE DE EDGAR RICE BURROUGHS

PRODUZIDO POR:
JIM MORRIS, COLIN WILSON E LINDSEY COLLINS

DIRIGIDO POR ANDREW STANTON

TRADUÇÃO: DÉBORA ISIDORO

AO LEITOR DESTA OBRA

Ao entregar a você o estranho manuscrito do capitão Carter em forma de livro, creio que será interessante escrever algumas palavras relacionadas a essa impressionante personalidade.

Minhas primeiras lembranças do capitão Carter são dos poucos meses que ele passou na casa de meu pai na Virgínia, pouco antes do início da Guerra Civil. Eu era então uma criança de cinco anos, no máximo, mas lembro bem do homem alto, moreno, de rosto liso e porte atlético que eu chamava de tio Jack.

Ele parecia estar sempre rindo; e participava dos esportes infantis com a mesma boa vontade e simpatia que exibia quando se envolvia em passatempos apropriados a homens e mulheres de sua idade; ou ele se sentava por uma hora entretendo minha velha avó com histórias de sua vida estranha e livre em todas as partes do mundo. Todos nós o amávamos, e nossos escravos idolatravam o chão em que ele pisava.

Ele era um esplêndido modelo de masculinidade, com mais de 1,85m de altura, ombros largos e quadril estreito, com o porte de um homem treinado para lutar. Seus traços eram simétricos e firmes, o cabelo negro e curto, e os olhos cinzentos como o aço refletiam um caráter leal e forte, cheio de entusiasmo e iniciativa. Suas maneiras eram perfeitas, e o refinamento era típico de um cavalheiro sulista da mais alta estirpe.

Sua habilidade com cavalos, especialmente acompanhando cães, era um encanto e uma alegria mesmo naquele país de magníficos cavaleiros. Muitas vezes ouvi meu pai preveni-lo contra seus loucos descuidos, mas ele apenas ria e dizia que ainda não nascera o cavalo que o mataria com um tombo.

Ele nos deixou na época em que a guerra eclodiu, e não o vi mais por 15 ou 16 anos. Quando ele retornou foi sem aviso, e foi com grande surpresa que notei que ele não aparentava ter envelhecido nem um momento, nem havia mudado em nenhum outro traço da aparência. Quando havia outras pessoas em sua companhia, ele era o mesmo homem feliz e simpático que conhecíamos há muito tempo, mas quando pensava estar sozinho eu o via passar horas sentado olhando para o espaço, com o rosto cristalizado numa máscara de anseio e infelicidade. À noite ele se sentava para assim olhar o céu e eu não tinha idéia do porquê, até ler seu manuscrito anos mais tarde.

Ele nos disse que estivera garimpando e trabalhando em minas no Arizona durante parte do tempo depois da guerra; seu grande êxito era evidente pela quantidade ilimitada de dinheiro que possuía. Ele era muito reticente quanto aos detalhes de sua vida nesses anos e, na verdade, não os mencionava.

Ficou conosco por cerca de um ano e depois foi para Nova York, onde comprou uma casinha no Hudson. Eu o visitava uma vez por ano por ocasião de minhas viagens ao mercado de Nova York - meu pai e eu possuíamos e operávamos uma cadeia de armazéns de variedades por todo o estado da Virgínia naquela época. O capitão Carter tinha um pequeno mas belo chalé situado no alto de um penhasco, com vista para o rio, e durante uma de minhas últimas visitas, no inverno de 1885, notei que ele passava muito tempo escrevendo, agora presumo, este manuscrito.

Naquele tempo ele me disse que, se lhe acontecesse alguma coisa, ele queria que eu assumisse o comando de sua propriedade. Então me deu a chave de um compartimento do cofre que ficava

no escritório, informando que eu encontraria ali seu testamento e algumas instruções pessoais que ele me fez jurar seguir com total fidelidade.
Quando me recolhia para dormir, eu o via da janela do quarto, em pé, sob o luar na beirada do precipício de onde se via o Hudson, os braços levantados para o céu como num apelo. Pensei que estivesse rezando, mesmo sem nunca ter visto nele as características de um homem religioso, não no sentido rigoroso do termo.
Vários meses depois de ter voltado para casa após minha última visita, em 1º de março de 1886, eu acho, recebi um telegrama dele me pedindo para ir vê-lo imediatamente. Sempre fui seu favorito entre os representantes da geração mais jovem dos Carter, por isso me apressei em atender ao chamado.
Cheguei à pequena estação, distante pouco mais de um quilômetro da propriedade, na manhã de 4 de março de 1886. Quando pedi ao homem uniformizado para me levar à residência do capitão Carter, ele me disse que, se eu era amigo do capitão, estava para receber notícias bem tristes: ele fora encontrado morto pouco depois do amanhecer, naquela mesma manhã, pelo vigia que trabalhava em uma propriedade vizinha.
Por alguma razão, a notícia não me surpreendeu, mas corri à casa dele o mais depressa que pude, de forma que pudesse cuidar do corpo e tomar todas as providências.
Encontrei o vigia que o havia descoberto em companhia do chefe de polícia local e de vários cidadãos, todos reunidos em seu pequeno escritório. O vigia relatou os poucos detalhes relacionados à descoberta do corpo, que ele disse ter encontrado ainda quente. Segundo esse homem, o capitão estava deitado na neve com os braços estendidos sobre a cabeça na direção da beirada do precipício.
Quando ele me mostrou a posição eu pensei que ela era idêntica àquela em que eu o vira várias noites, com os braços erguidos numa súplica ao céu.
Não havia marcas de violência no corpo. Com a ajuda de um médico local a perícia chegou rapidamente à conclusão de que a morte havia sido causada por ataque cardíaco. Sozinho no estúdio, abri o cofre e tirei tudo que havia na gaveta onde ele dissera que eu encontraria as instruções. Eram peculiares, em parte, mas eu as segui até o último detalhe e com toda fidelidade de que fui capaz.
Ele me orientou a remover seu corpo para a Virgínia sem embalsamá-lo, e disse que deveria ser posto em um caixão aberto dentro de uma sepultura que mandara construir previamente. Como soube mais tarde, a sepultura era bem ventilada. As instruções estabeleciam que eu devia me assegurar pessoalmente de que tudo fosse feito como ele determinara e que tudo fosse feito em segredo, se necessário.
Seus bens foram deixados de tal maneira que eu deveria receber os rendimentos durante vinte e cinco anos, quando as propriedades se tornariam minhas. Outras instruções eram relacionadas a esse manuscrito, que eu deveria manter por 11 anos lacrado e não lido, tal qual eu o encontrara, e cujo conteúdo eu só poderia divulgar 21 anos depois de sua morte.
Uma coisa estranha a respeito da sepultura onde seu corpo ainda descansa é que a porta imponente possui uma grande fechadura dourada que só pode ser aberta por dentro.

Cordialmente,
Edgar Rice Burroughs

PRÓLOGO

Sab Than

- Luz - GRITOU Sab Than, alçando o corpo em meio à poeira que girava na ponte da aeronave. - Preciso de luz limpa!

Os homens se debruçaram sobre seus comandos, se esforçando para guiar a aeronave para cima, para dentro da nuvem da poeira. A areia entrava pelos portais abertos da ponte semi-cerrada. Um tripulante, um homem velho que havia servido ao pai de Sab, tossiu secamente.

– Eu disse luz limpa - Sab continuou. - Para o alto!

– Para o alto! - o homem repetiu.

Sab Than, governante da cidade predadora de Zodanga, segurou-se à balaustrada da ponte, na altura de sua cintura, e cambaleou sobre o deque aberto, afastando a areia mortal com um gesto da mão protegida pela luva. A aeronave arrancou, subindo com o nariz apontado para o alto. Do lado de fora, equipes de aviadores trabalhavam furiosamente para preparar as palhetas solares da nave... Os longos equipamentos de metal folhado que possibilitavam a viagem aérea no planeta vermelho de Barsoom - também conhecido como Marte.

Sab olhou para cima, além da tremulante bandeira vermelha de Zodanga, para a nuvem que se aproximava. Depois ele se virou para olhar para trás da nave. Não conseguia ver os perseguidores no meio da poeira densa, mas sabia que ainda estavam em seu encalço. Duas naves de Helium, único reino que ainda ousava desafiar a supremacia de Zodanga. E agora tinham encurralado o governante de Zodanga em uma tempestade de areia.

Apesar do perigo, Sab sentia o sangue ferver diante do desafio. Os pensamentos invocavam o momento mais intenso e imponente de sua vida: o dia em que assumira pela primeira vez o trono de Zodanga. Zodanga, a devoradora - a cidade móvel, atropelando as areias de Barsoom com suas centenas de pernas, drenando esse mundo de toda vida e energia. Governar Zodanga era ter um poder que nenhum outro homem jamais conhecera.

Quando a nave ganhou mais altitude e entrou na tempestade, a poeira se tornou densa e escura. Em torno de Sab Than, homens tossiam e sufocavam, apesar das máscaras. Sab ficou firme, apenas piscando um pouco enquanto examinava o furioso céu marciano.

Então a nave se inclinou para a esquerda, descrevendo uma curva acentuada. O ar ficou mais claro. A tempestade de areia sumiu abaixo da nave e foi substituída pela luz ofuscante do sol.

Raios de sol incidiram sobre o deque da nave, sobre as asas e as palhetas solares. Os tripulantes assobiavam e gritavam, trabalhando para direcionar as placas das asas para a luz.

Triunfante, Sab recuou e voltou ao interior no instante em que a luz inundou a ponte. A tripulação entrou em ação, correndo de leme em leme, de instrumento em instrumento.

A luz dançava nos controles de múltiplas lentes.

– Força total! - ele gritou.

– Dez pontos ascendentes - disse o navegador.

As mãos do cartografo voavam sobre os controles.

– Preparando novo curso...

– Não há tempo - disse Sab. - Curva fechada. Agora!

O cartografo fez uma careta, mas assentiu e obedeceu. Sab segurou-se firme a uma mureta quando a nave sofreu um solavanco, fazendo o retorno sobre o ponto exato onde eles haviam emergido da tempestade de areia.

Sab correu de volta ao deque no mesmo instante em que os atiradores trocavam de posição nas estações de armas. Eles se apoderavam das grandes metralhadoras sobre apoios, apontando-as para o alto, para baixo e girando. Ainda não conseguiam ver os alvos.
– Apontem para baixo - Sab gritou contra o vento, no mesmo instante em que as duas aeronaves de Helium apareceram do nada, irrompendo da nuvem de poeira e subindo. Os atiradores se prepararam para disparar...
– Sombra!
Era o pior alerta possível a bordo de uma aeronave.
Chocado, Sab virou a cabeça para o alto e viu uma *terceira* aeronave de Helium pairando no ar, bloqueando a passagem de luz para as velas zodanguianas. Sab sentiu a aeronave abaixo dele reduzir velocidade, e o barulho dos poderosos motores enfraquecer com a interrupção repentina da preciosa energia solar.
Depois disso, tudo aconteceu muito depressa. As duas primeiras aeronaves de Helium subiram, abrindo fogo assim que se posicionaram junto à nave de Sab. Choveram balas de canhão sobre o deque zodanguiano. A terceira nave começou a mandar grupos de abordagem que desciam por longas cordas.
Os guerreiros de Sab Than não precisaram de ordens, nem do comando de seu líder. Sacando espadas, eles combateram abertamente os invasores no caótico e oscilante deque da aeronave. Tiros de canhão ribombavam em torno deles. Os atiradores de Sab tentavam reagir com fogo, mas logo o deque tornou-se uma confusão de zodanguianos em vermelho e heliuminitas em suas malditas capas azuis. Alguns caíam mortos no deque, outros despencavam da nave para as areias marcianas lá embaixo.
Sab rangeu os dentes, sacou sua espada e na seqüência atingiu um oponente. Um, dois, três soldados vestidos de azul. Mas ele sabia que não seria suficiente. Podia enfrentar uma nave de Helium, talvez duas. Mas, três naves o haviam encurralado e não havia energia suficiente para fugir. Os soldados de Helium já dominavam a ponte.
Sab Than sabia que seu governo chegava ao fim. Assim como sua vida.
Então, algo aconteceu. Algo que mudou o destino do planeta Barsoom.
Quando cambaleou e caiu momentaneamente contra uma balaustrada, Sab viu uma estranha luz azul. Ela emanava da nave inimiga mais próxima, flutuando numa distância de alguns poucos metros no céu. A nave parecia estar envolvida em chamas azuis, um fogo frio e sinistro diferente de tudo que Sab já havia visto. Diante de seus olhos, o fogo ganhou intensidade, cercando toda a nave de Helium - que cintilou e desapareceu.
Simplesmente sumiu.
Sab olhou para o alto bem a tempo de ver a mesma chama tocar a nave que flutuava sobre eles. Essa também desapareceu, sumiu num forte clarão azul, revelando o sol ofuscante acima dela. Em torno de Sab, os guerreiros - tanto de Zodanga quanto de Helium - apontavam e olhavam chocados, com medo, vendo a terceira nave sofrer o mesmo destino e dissolver-se em um lampejo de poeira azul.
Contudo, a chama azul não se apagou. Ela se aproximou, cercando-os de todos os lados. Surpreendentemente, a luz não tocava os mostradores e instrumentos de Sab. Porém, diante dos olhos perplexos do governante, a luz incinerou guerreiro após guerreiro, fazendo cada um deles desaparecer em um raio de fogo mortal. Zodanguianos e heliuminitas, atiradores e navegadores - ninguém foi poupado.
Finalmente, restou apenas Sab Than.
O fogo ainda se aproximava. Rangendo os dentes, Sab levantou a espada - um gesto inútil, ele

sabia. Mas, para sua surpresa, o fogo parou na ponta da espada e se dissolveu em um brilho azul.
Um forte raio de sol o atingiu em cheio, cegando-o por um momento. Ele cobriu os olhos com a mão em pala, espiando o sol. Três silhuetas envoltas por mantos desciam suavemente pela luz radiante, chegando com facilidade ao deque aberto - onde não restava o menor traço da tripulação de Sab Than ou dos invasores de Helium.
As criaturas eram altas e calvas e seus mantos claros tinham estampas de complexos desenhos antigos. O líder empunhava uma estranha arma, uma mistura de luva de armadura com pistola que envolvia sua mão em uma rede de renda azul. Sab Than viu o líder aproximar-se e entregar a ele o estranho equipamento.
Sab olhou para a arma por um longo instante. Nos meses seguintes, ele aprenderia a palavra nanotecnologia, assim como o nome do líder, Matai Shang, e o nome daquela estranha raça: os therns. Mas nesse momento...
Sab apontou para Matai Shang e atirou.
O tiro atingiu um campo de energia e se dissipou sem causar dano. Matai levantou uma das mãos e fez um gesto despreocupado, tirando Sab do chão com uma força invisível. A arma caiu no chão do deque com um barulho surpreendentemente suave.
- Ser tolo é um grande luxo, Sab Than - Matai falou com uma voz grave e antiga. - Levante-se.
Sab ficou em pé com esforço.
– Quem... o que são vocês?
– Servimos à Deusa - disse Matai. - E ela o escolheu para receber esta arma.
Ele moveu a mão mais uma vez e a arma levitou do chão, voltando para a mão de Sab.
Sab deslizou as mãos pela arma, experimentando a curiosa textura firme e, ao mesmo tempo, macia. De repente ele sentiu o antigo poder, aquela sensação de conquista iminente, a mesma que havia sentido no dia em que ocupara o trono pela primeira vez.
Sua vida, agora sabia, não chegara ao fim. Estava apenas começando.
– Faça como ordenamos - continuou Matai - e governará Barsoom. Sem ninguém para desafiá-lo e nada para ficar no seu caminho.
Sozinho no deque de sua nave, tendo por testemunhas apenas os três therns que mais pareciam deuses, Sab Than assentiu e preparou-se para aceitar seu destino.

CAPÍTULO 1

MEU NOME é Edgar Rice Burroughs, sou escritor de ficção popular. Quando alguém ganha a vida com esse ofício, essa pessoa também lê muito: livros, revistas populares, manuais, até anúncios. Mas nada do que eu tenha lido me perturbou tanto quanto o telegrama que recebi naquele dia fatídico em 1881:

QUERIDO NED
VENHA IMEDIATAMENTE
JOHN CARTER

Era seco, sem informações, mas as implicações me deixaram gelado por dentro. Meu tio Jack nunca fora homem de pedir ajuda, e eu o conhecia bem o bastante para sentir o desespero por trás de suas palavras. Quando o trem em que eu viajava parou na estação Croton-on-Hudson, eu havia lido o telegrama uma dúzia de vezes, procurando pistas em vão.
Vi o homem solene e reservado em pé na plataforma, chamando meu nome. E entendi.
- Sr. Burroughs? Meu nome é Thompson, sou mordomo do capitão Carter. Receio ter más notícias...
Depois do silencioso trajeto em carruagem, paramos diante da sóbria mansão de granito de tio Jack. Thompson me ajudou a descer, e eu apertei a mão de um cavalheiro baixinho e vestido formalmente, que se apresentou como Noah Dalton, advogado de meu tio.
– Meus mais profundos sentimentos, Sr. Burroughs. - Dalton pediu-me que entrasse na casa. - A morte de seu tio foi um choque para todos nós. Ele era um modelo de saúde e vigor.
Em pé no saguão mantido em ordem impecável, mal consegui acreditar nas notícias.
– Como ele...?
– Apoplexia. Simplesmente caiu morto em seu estúdio menos de cinco minutos depois de mandar me chamar para buscar o médico. Quando cheguei, ele já havia... partido.
Entramos no salão principal e eu parei, olhando para a cena diante de mim. Objetos enchiam a sala: relíquias, mapas, cartas, documentos, fotografias de sítios arquitetônicos representando todas as culturas antigas do mundo. Os objetos estavam espalhados aleatoriamente em torno de uma mesa central - não como uma exibição de museu, mas como se fossem partes vitais de um grandioso projeto de pesquisa.
– O homem nunca parava de explorar - prosseguiu Dalton. - Pelo mundo todo. Ele mal começava a cavar um buraco e já estava a caminho de Java ou das Ilhas Orkney para cavar outro. Dizia que era pura pesquisa, mas sempre tive a impressão de que ele procurava alguma coisa. - O homem voltou seu olhar piedoso para o céu. - Deus permita que agora ele tenha encontrado.
Eu não prestava atenção ao que ele dizia. Olhava interessado para um grande mapa-múndi marcado por dúzias de pequeninos alfinetes, todos interligados por fios multicoloridos. Ao lado dele havia um retrato de meu tio, forte e robusto, mas com um toque de tristeza no olhar. Ele era um homem muito vigoroso que parecia ter parado de envelhecer em um dado momento. Não parecia mais velho do que as lembranças mais antigas que eu tinha dele.
Dalton apontou o porta-retratos.
– Um cavaleiro perfeito, até o fim - disse.
– Minha mãe disse que Jack nunca voltou de fato da guerra - comentei. - Ela dizia que só o corpo

dele que foi para o oeste. Sempre suspeitei de que alguma coisa aconteceu com ele naquele tempo, quando era jovem.
– Muitos homens têm cicatrizes daquele conflito - Dalton disse em tom suave.
– Ele me contava as histórias mais incríveis. - A respiração falhou por um segundo e limpei uma lágrima. - Gostaria de prestar-lhe minha homenagem.
Dalton me levou para fora da casa e nós atravessamos o terreno da propriedade, chegando a um mausoléu simples de pedra que se erguia entre as alamedas de fronteiras verdes. Seu tamanho era quase insuficiente para abrigar um corpo, e sobre a porta havia as palavras INTER MUNDOS entalhadas na pedra.
– Inter mundos - sussurrei, passando a mão pela porta perfeitamente lisa.
– Não vai encontrar fechadura - disse Dalton. - Ela só abre por dentro. Ele insistiu. Caixão aberto; sem embalsamar, sem funeral.
Andei em volta da sepultura de pedra limpa, quase sem traços dignos de nota. Ainda procurando pistas.
Dalton sorriu com ironia.
– Ninguém acumula a riqueza que seu tio conseguiu se comportando como a maioria, não é?

Naquela noite, eu me sentei no pequeno anexo do salão principal para ouvir Dalton ler o testamento de meu tio. Enquanto ele falava, eu não conseguia deixar de analisar os artefatos: estatuetas, mapas obscuros, estranhas esculturas de culturas que nunca vi antes...
– ...de agora em diante determino que minha propriedade deverá ser mantida em fundo por vinte e cinco anos, e seus rendimentos beneficiarão meu querido sobrinho, Edgar Rice Burroughs. Ao final do período estipulado todos os meus bens serão entregues a ele.
Virei a cabeça para ele, chocado.
– O quê?
Dalton assentiu.
– Todos os bens - repetiu.
– Eu... é claro que sempre o adorei. Mas faz tanto tempo. Por quê...?
– Ele não deu nenhuma explicação, e eu não fiz perguntas.
Dalton enfiou a mão em sua pasta e retirou de lá um diário de capa de couro bem velho preso por um enorme fecho. Ele o empurrou para mim por cima da mesa.
– O diário pessoal dele - disse. - Ele fez muita questão de que você, e só você, lesse esse registro. Talvez você encontre aí algum tipo de explicação, acho.
Toquei o livro e deslizei os dedos pela capa de couro macio.
– Agora me retiro. - Dalton se levantou. - Mais uma vez, meus pêsames.
Olhando para o livro, quase nem tomei conhecimento da partida de Dalton. Com mãos trêmulas, toquei o fecho e o abri. Comecei a ler com lágrimas nos olhos, fascinado.

Meu querido Edgar, lembro como eu costumava sentá-lo no meu colo e contar histórias fantásticas, nas quais você sempre me fazia a cortesia de acreditar. Agora você cresceu; o tempo e o espaço nos separaram. Mas eu transponho essa distância para me aproximar daquele mesmo menino de olhos muito abertos e pedir-lhe para acreditar em mim mais uma vez.

Essa história fantástica começa em 1868, há treze anos, no território do Arizona, entre as montanhas Pinaleno e os fundos do Inferno...

CAPÍTULO 2

QUANDO JOHN Carter voltou ao posto avançado do forte Grant, ele era um arremedo de ser humano. Sua barba estava longa e infestada de bichos, as peles de búfalo fediam a suor e poeira. Os alforjes pendiam praticamente em frangalhos; a mula que o acompanhava estava quase morta. Em seus olhos brilhava o fogo da loucura.

Mas não foi por nada disso que fez Dix, dono do armazém, revirar os olhos e virar as costas quando Carter se arrastou para dentro de seu estabelecimento.

Havia dois grandalhões bebendo junto do balcão. Um deles o encarou rindo.

– Veio comprar isca de aranha, Carter?

Carter o ignorou, aproximou-se de Dix e deixou dois pesados alforjes sobre o balcão. Dix balançou a cabeça.

- Já chega, Carter.

Carter alisou a barba e olhou para o comerciante.

– Algum problema, Sr. Dix?

– Sim. Você é maluco.

Os grandalhões riram e bateram com a mão no balcão. Mas o rosto de Dix estava sério, até zangado.

– Você me deve dinheiro, Carter. Cem dólares, e a dívida já venceu.

– Eu vou pagar - Carter respondeu. - Estou perto disso. Esse velho yavapai que conheci disse ter visto a caverna perto do...

– Pare - Dix levantou a mão. - Nem mais uma palavra sobre sua caverna de ouro.

– Ei, ei - disse um dos valentões. - Tenha respeito, Dix. É a caverna de ouro da aranha malvada.

Os grandalhões riram de novo e brindaram batendo os copos.

– Acabou, Carter - Dix anunciou com olhar firme. - Vá para casa.

Carter não se moveu.

Lentamente, os dois grandalhões se levantaram. O primeiro sacou uma faca e aproximou o rosto do de Carter.

– Acho que ele disse para você ir embora.

O segundo tocou o cabo do Colt.

– Irei embora quando essas bolsas estiverem cheias - Carter falou.

O primeiro grandalhão se moveu. Carter pegou a tampa de um pote sobre o balcão, bloqueando com facilidade o golpe da faca. O homem grunhiu e deixou cair a lâmina, mas Carter já se virava para pegar o revólver do segundo agressor. Carter bateu a mão armada contra o rosto do homem, quebrando seu nariz. Em seguida, com grande agilidade, ele bateu com a tampa do pote no queixo do primeiro atacante, provocando um estalo pavoroso.

Os dois caíram inconscientes.

Carter pegou o revólver de um deles e se virou, apontando-o para o rosto de Dix. Sabia o que o comerciante guardava escondido sob o balcão.

– Solte a arma, Dix.

Dix engoliu em seco. O barulho indicou o momento exato em que sua espingarda caiu no chão.

Mantendo o Colt apontado para a cabeça de Dix, Carter enfiou a outra mão no bolso, de onde tirou um pequeno objeto que jogou para o perplexo comerciante.

– Encontrei isto há dois dias, perto de Bonita. Deve pagar minha dívida e ainda sobra.

Os olhos de Dix se estreitaram. Ele olhou para o objeto, uma pequena estátua apache de uns

cinco centímetros de altura. Uma aranha com nove pernas esculpida em ouro brilhante.
Dix levantou a cabeça e olhou para Carter com ar chocado.
– Por que não mostrou isso logo?
– Não gostei da sua atitude. - Carter baixou a arma e jogou a lista de compras sobre o balcão. - Feijão. O primeiro item é feijão.
- John Carter?
Carter não se virou, mas reconheceu o tom. Homens da cavalaria - mais de um, pelo som. Ele resmungou um palavrão. Havia se preocupado tanto com os locais que se esquecera de proteger a retaguarda.
– Sua presença é requisitada no forte. Sugiro que venha pacificamente.
A mão de Carter apertou o cabo da pistola.
– Ah, você sugere... - Ele se virou... e deu de cara com o cano de uma Remington do exército.
Só teve tempo para registrar o rosto aborrecido de um sargento acompanhado por três subordinados. Depois mergulhou num sono cheio de aranhas, sofrimento e pesar.
- Você é um homem difícil de encontrar.
Mais tarde, Carter não conseguia lembrar o que havia acontecido primeiro: as palavras incisivas ou o jato de água fria no rosto. Ele voltou ao mundo dos vivos engasgando e tossindo sobre uma cadeira de madeira, no centro de um gabinete militar improvisado. Dois guardas de mãos grandes seguravam seus ombros. Um coronel carrancudo, desconfiado e de meia-idade estava parado diante dele segurando uma pasta cheia de papéis.
– Capitão John Carter - o coronel continuou. - Primeira Cavalaria da Virgínia, Exército do Norte da Virgínia. Estados Confederados da América. - Ele se abaixou para encará-lo diretamente. - Sou o coronel Powell. Seja bem-vindo à Sétima Cavalaria dos Estados Unidos da...
Carter jogou o corpo para frente, dando uma cabeçada violenta em Powell. A cabeça do militar virou para trás, jorrando sangue. Carter levantou-se, mas cambaleou sem equilíbrio, ainda atordoado. Os dois guardas entraram em ação, agarrando-o rapidamente e jogando-o no chão. Enquanto Powell limpava o sangue do nariz com uma careta desapontada, os golpes dos guardas caíam sobre Carter.
Vinte minutos mais tarde, ele estava algemado à grade da cela do forte. Seu rosto estava machucado, o olho ainda sangrava. Powell estava em pé do lado de fora, lendo tranqüilamente o dossiê como se nada houvesse acontecido.
– ...excelente cavaleiro, ótimo espadachim. Condecorado seis vezes, inclusive com a Cruz de Honra do Sul. Em Five Forks, a companhia sob seu comando quase mudou a situação.
Carter fungou com desdém, depois se encolheu com a dor. Tudo doía.
– Resumindo - Powell continuou - um guerreiro inato. E aos olhos do Tio Sam, um homem necessário para a defesa do território do Arizona...
- Não.
Powell ergueu os olhos dos papéis. Olhos duros.
– Estamos cercados de apaches, filho.
– Não é problema meu - disse Carter.
– Creio que é sim, capitão. As pessoas são atacadas em suas casas. Mortas. Elas precisam de proteção.
– Vocês começaram tudo isso. Vocês que terminem.
– Agora é nativo, então?
– Os apaches também podem ir para o inferno. - Carter sacudiu as algemas, sentindo a velha ira ferver dentro dele. - A humanidade é uma espécie selvagem e beligerante. Não quero saber dela.

– Você é um homem da cavalaria. Isso o torna valioso para nosso país e nossa causa.
– Coronel Powell. Senhor. - Carter empurrou o rosto contra as grades. - Seja qual for a dívida que imagina que tenho com você, com o nosso país ou com qualquer outra preciosa causa, já paguei. Está quitada.
Ele cuspiu por entre as barras. Powell o olhou de cima, impassível.
– Mas vou lhe dizer o que eu vou fazer - Carter continuou. - Vou sair desta cela, pegar meu ouro, trocá-lo por uma fortuna em dinheiro imundo, e depois vou comprar sua bunda murcha de soldado só para poder chutá-la por aí o dia inteiro.
De repente, e com grande selvageria, Powell deu um soco no estômago de Carter enfiando a mão entre as barras da grade. Carter caiu para trás e ficou tossindo no chão da cela.
Powell olhou com desprezo para o prisioneiro.
– Capitão - ele disse lentamente -, tenho dificuldades para relacionar o homem do meu dossiê com esse para o que estou olhando. Sugiro que tenha o bom senso de aceitar minha oferta, antes que eu faça o que realmente acho que devo fazer.
A porta bateu e Powell se foi. Carter estava de joelhos, tonto, pensando: *Não desmaie. E se desmaiar, pelo amor de Deus, não sonhe com Sarah.*
Mas, é claro que ele sonhou.

Na manhã seguinte, ao amanhecer, Carter enganou um guarda, pegou o cavalo do coronel e subiu cerca de oito quilômetros das colinas do Arizona antes de ser avistado.
Ele levou o cavalo para uma encosta íngreme e olhou rapidamente para trás. Seis soldados montados liderados pelo próprio Powell se aproximavam depressa. E o coronel não parecia feliz.
Carter praguejou, conduzindo o cavalo em velocidade ainda maior. Havia roubado o casaco e o chapéu do guarda, e agora o sol quente o fazia suar. Mas a arma do guarda ainda podia ser útil.
Quando Carter aproximou-se do cume da colina, o trovejar de cascos soava mais forte atrás dele. Ele sabia que seria apanhado. A menos que houvesse algo inesperado além daquele pico...
Havia. Uma dúzia de guerreiros apaches vestindo trajes de guerra completos e armados com rifles modernos.
Carter deteve o cavalo e levantou as duas mãos num gesto de rendição. Os apaches se aproximaram desconfiados. Depois, ouviram o som dos cavalos que perseguiam Carter e voltaram ao estado de alerta anterior.
Devagar, cuidadosamente, Carter falou com os apaches no idioma deles. Explicou que aquilo era um exercício, um jogo entre os homens brancos, não um ataque contra os nativos. O líder dos apaches, um homem chamado Domingo, ouvia com atenção e desconfiança, mas seus homens mantiveram as armas apontadas para a cabeça de Carter.
Domingo parecia ter rancor dos brancos daquela região. Carter o entendia. Havia muitos homens brancos de quem ele também não gostava.
Quando os cavaleiros comandados por Powell chegaram ao pico da colina, Carter havia quase convencido Domingo a não matá-los todos.
Então, um soldado ansioso gritou:
– Senhor!
E os apaches ameaçaram atacá-lo.
– Cale essa boca, cabo - ordenou Powell. Ele se aproximou de Carter e Domingo, cujos homens agora o mantinham sob a mira de suas armas.
Os homens de Powell se posicionavam lentamente em arco, também com as armas em punho. Apaches e cavalaria se observavam atentos, os dedos nervosos sobre o gatilho.

– O que ele está dizendo, Carter?
Carter levantou a mão pedindo silêncio. Domingo, no entanto, já estava ficando agitado, acusando Carter de induzir os apaches a uma armadilha. Carter mantinha a voz baixa, calma, mas insistente, explicando a Domingo que aquilo era só uma questão entre ele mesmo e o Coronel Powell.
– Carter, que diabos eles estão...
Um tiro. Carter nunca soube quem o disparou, mas foi o bastante. A colina explodiu num confronto armado.
O cavalo de Carter disparou encosta abaixo e quase o derrubou. Ele tentava controlar o animal, lutando com as rédeas. Homens da cavalaria caíam - um, dois, todos eles, seis no total, e seus cavalos saíram em debandada, sem nenhum controle. E bem atrás dele...
– Carter!
Powell o seguia com visível fúria nos olhos. Contudo, um tiro atingiu o coronel. Ele gritou e tombou sobre o cavalo que, em pânico, emparelhou com o de Carter.
Carter estendeu o braço e agarrou as rédeas do animal, pensando que devia estar maluco.
Com esforço, tentou controlar as duas montarias. Domingo gritava palavrões, mas Carter e Powell tinham uma boa vantagem. Mesmo assim, o apache logo estaria atrás deles.
Powell segurava o ombro ensangüentado.
– Pensei... que não se importasse.
– Cale a boca.
Mais adiante, o terreno árido do deserto se estreitava formando uma garganta entre duas colinas altas. Era a única chance que tinham. Carter puxou as rédeas e conduziu os dois cavalos para o corredor estreito.
Sabia que os apaches os perseguiam, silenciosos como coiotes.
Carter parou os animais na entrada de uma grande caverna e desmontou depressa. Depois tirou o atordoado Powell de cima do cavalo. Powell o encarou furioso por um instante quando Carter o desarmou, mas não disse nada. Carter o arrastou para dentro da caverna e o sentou com as costas apoiadas à parede.
Havia só uma entrada na caverna escura. Carter não acreditava que poderia vencer sozinho uma dúzia de apaches, mas pelo menos os veria chegar.
Já se ouvia os cascos dos cavalos batendo no chão do lado de fora.
Powell se mexeu.
– Dê-me uma arma, Carter.
Carter assentiu e entregou uma pistola ao coronel. Em seguida, engatilhou seu rifle e esperou. Os apaches surgiram a toda na entrada da caverna... e pararam de repente, todos boquiabertos e horrorizados.
Suas montarias relinchavam de medo.
Os olhos apavorados de Domingo encontraram os de Carter por um momento e ele balançou a cabeça. Em seguida, o chefe fez um gesto e os apaches se afastaram cavalgando a toda pressa.
Carter olhou para Powell, que deu de ombros. Devagar, ainda com o rifle preparado, Carter se aproximou da abertura da caverna. Lá fora, era possível ver a poeira que os apaches levantavam enquanto desapareciam do outro lado de uma encosta. Ele então se virou para olhar para a boca da caverna, e seu coração parou de bater por uma fração de segundo.
Entalhado sobre a entrada havia um círculo do qual se irradiavam nove linhas.
A aranha de nove pernas.

Alguns minutos mais tarde, no fundo da caverna, Carter acendeu um fósforo e não conteve uma exclamação de espanto.
Artefatos tomavam todo o espaço: uma canoa apodrecendo, pedaços de flechas velhas. Mas uma sinistra e complexa rede de linhas se estendia por todas as paredes, aparentemente entalhadas há muito, muito tempo. Na parede ao fundo havia uma plataforma de pedra, uma grande rocha esculpida com o mesmo desenho da aranha de nove pernas.
Atrás dele, Powell resmungou:
– Este lugar não é apache, isso é certo.
Carter passeou lentamente o fósforo aceso - alguma coisa na parede refletia sua luminosidade. Arregalando os olhos, ele seguiu um veio brilhante ao longo da parede até o teto, que cintilava pela pequena chama do fósforo.
– Ouro - sussurrou ele.
– Carter!
Carter virou-se e viu uma silhueta estranhamente vestida caminhando em sua direção. Havia em seu pescoço um medalhão com o desenho da aranha de nove pernas. Uma lâmina preta e de aparência mortal surgiu na mão da criatura, materializada do nada.
Carter atirou. A figura levou a mão ao peito e caiu para trás.
Powell se aproximou mancando e olhou para o recém-chegado.
– Ele não estava aqui. E de repente estava...
O desconhecido tentou se levantar, mas Carter sabia que ele estava morrendo. Ele levantou seu medalhão, que agora brilhava intensamente azul, e começou a cantar:
– *Ok Ohem, Oktay, Weez... - Um gemido de dor. - Ok Ohem, Oktay, Weez B...*
O medalhão escorregou dos dedos sem vida da criatura, e Carter o recolheu.
– *Weez... Barsoom* - concluiu o desconhecido.
Carter olhou para o artefato brilhante.
– Barsoom?
Ele só teve tempo para ver Powell estendendo a mão em sua direção e gritar apavorado.
E então, John Carter desapareceu.

CAPÍTULO 3

As PERNAS da aranha pareciam se esticar em todas as direções, fraturando espaço e tempo em uma rede infinita de luz. Carter caía, caía eternamente, sem conseguir sequer tentar se agarrar a um dos feixes de luz que poderiam levá-lo de volta para casa. Então os feixes pareceram se comprimir, juntando-se em um único e grosso cordão de luz brilhante. Ele o atraía, o sugava com irresistível força gravitacional. Carter foi tragado pelo cordão, cego e impotente...

Até que ele levantou a cabeça e cuspiu areia carmim.

Olhou em volta, piscando, incrédulo. Definitivamente, não estava mais na caverna. A areia vermelha se estendia em todas as direções até onde podia enxergar; musgo amarelo cobria rochas escarlates; estranhas e bulbosas formações rochosas salpicavam a paisagem desértica. Carter balançou a cabeça e se levantou de um salto.

Girou no ar. Seis metros, oito, e finalmente ele caiu sobre um aglomerado do estranho musgo amarelo.

Perplexo, ele se levantou devagar. Deu um passo hesitante... e subiu, subiu, caindo às cambalhotas feito um mergulhador.

Durante a meia hora seguinte, Carter tentou saltitar, andar devagar, pular como um sapo, nadar no ar e saltar como um coelho. Todos os movimentos terminavam com um doloroso retorno ao solo do deserto. Desesperado, ele se agachou e tentou andar feito um caranguejo pela areia, movendo-se com segurança. O processo era lento e humilhante, mas funcionou. Frustrado, ele aumentou a velocidade dos passos e subiu novamente, quase se chocando contra uma formação rochosa antes de cair de novo.

Furioso, Carter pegou uma pedra e a jogou longe com toda força que tinha. Ela disparou como um míssil, voando mais longe do que ele podia enxergar. Carter arregalou os olhos. Depois ele se abaixou e se arremessou no ar, como fizera com a pedra. Girando no meio do vôo, ele conseguiu pousar sobre os pés e com segurança.

Quatro ou cinco pulos mais tarde, estava quase se divertindo.

Ele executou um arco complexo no ar, evitando por pouco um círculo de pedras de contorno serrilhado, e notou uma estranha estrutura octogonal mais adiante, um espaço que lembrava um curral com laterais opacas e cobertura de vidro facetado. Carter rastejou até lá e galgou ao alto da construção para espiar através da cobertura.

E não conteve uma exclamação de espanto.

Grandes ovos cobriam o piso do cercado, tremendo como feijões saltadores mexicanos. Horrorizado, Carter viu um braço verde e fino surgir de um ovo quebrado. Outra rachadura, outro braço. Depois, um par de perninhas verdes.

Um dos ovos se abriu e um bebê magro monstruoso piscou e o encarou. Sua pele era completamente verde. Duas pequenas presas grossas brotavam das faces macias do recém-nascido.

Carter não conseguia desviar o olhar. É uma incubadora, ele percebeu.

Outro ovo rachou, depois um terceiro. Logo a incubadora estava cheia de furiosos e inquietos bebês verdes. Um deles começou a chorar e os outros o imitaram, criando uma cacofonia terrível. Carter se encolheu.

De repente um rugido soou atrás dele como que em resposta, seguido por um trovejar de cascos gigantescos. Uma manada de bestas gigantescas se aproximava levantando uma nuvem de poeira vermelha. Criaturas enormes, cada uma do tamanho de uma casa, com presas cinzentas, quatro

pernas de cada lado e estranhas caudas achatadas. Carter nunca vira nada parecido com elas.
Quando notou os seres que cavalgavam as bestas, ele foi tomado por um novo tipo de medo.
Eram figuras de forma vagamente humana, mas verdes, e com corpos alongados como aranhas. Tinham pelo menos três metros de altura e quatro braços em vez dos dois habituais.Todos usavam traje cerimonial de guerreiro e levavam uma impressionante coleção de lanças, pistolas e outras armas desconhecidas. Como suas montarias
– e como os bebês que Carter acabara de ver saindo dos ovos - cada cavaleiro tinha duas presas afiadas e curvas brotando da metade inferior do rosto.
O que Powell dissera na caverna, mesmo?
Este lugar não é apache, isso é certo.
O líder dos cavaleiros gritou alguma coisa, apontou uma lança afiada para Carter e atacou. Sem pensar, Carter pulou para o alto e foi parar muito além da cabeça do cavaleiro. O animal se chocou contra uma pedra, jogando longe a criatura que a montava. O homem verde caiu com violência e ficou deitado na areia.
Carter pousou com facilidade e no mesmo instante ouviu o primeiro tiro.
Os cavaleiros estavam atirando com seus longos rifles. Carter se jogou no chão e rolou para trás de uma pilha de pedras. Balas as atingiram e acabaram com o esconderijo. Os velhos instintos de guerra entraram em ação, e ele começou uma série de saltos curtos em zigue-zague, pousando de rocha em rocha, à procura de regiões mais altas.
Carter olhou para trás e viu o líder - já recuperado da queda - desviar com um tapa o cano do rifle de um guerreiro de presa quebrada.
– *Katom! Tet mu yat Jeddak hok ta!*
De trás de uma rocha, Carter viu o líder dos guerreiros ordenar com um gesto imperioso que seus homens recuassem. O guerreiro de presa quebrada hesitou por um instante, olhando furioso para o comandante, depois se juntou aos companheiros para formar um perímetro em torno da posição de Carter.
O líder andou na direção dele.
– *Kaor!* - ele disse. - *Jah mu tet!*
Carter ficou tenso ao ver o guerreiro verde se aproximando devagar, deliberadamente, sem nunca desviar o olhar. O líder depôs sua lança, desafivelou a bainha e se livrou de todas as armas uma a uma, deixando-as no chão ordenadamente. Quando falou novamente, seu tom era calmo, quase relaxante.

– *Jah mu tet. Satav... satav.*
Carter saiu de trás da pedra com as mãos erguidas, as palmas voltadas para a frente.
– Tudo bem, você me pegou. Eu me rendo.
- Jeddak. - A criatura apontou para ela mesma. - Tars Tarkas.
- Jeddak? - Carter repetiu.
– Tars. Tars Tarkas.
A criatura sorriu, um sorriso horrível e aterrorizante. Carter tentou não se encolher de medo.
– Capitão John Carter. Virgínia.
– Vor-gí-nia - a criatura repetiu devagar, apontando depois para Carter. - Vorgínia!
– Não, não. John Carter. Eu sou *de* Virgínia.
Depois Carter sorriu, e foi a vez da criatura se encolher. Enquanto ele estava distraído, Carter deu um pulo por cima dele e pousou bem ao lado da pilha de estranhas armas descartadas. O ser de quatro braços o estudava num silêncio perplexo. Era evidente que nunca vira ninguém com suas habilidades antes.

- *Vor-gí-nia!* - O líder girou sobre os calcanhares e correu para Carter, agitando os oito braços de um jeito quase cômico. - *Tet! Tet saal! Tet saal!*
Carter olhou para o círculo de guerreiros e viu o que tinha a presa quebrada apontar uma arma para ele. Desesperado, Carter pegou da pilha a enorme pistola do líder. Ele a estudava aflito, tentando entender o mecanismo de disparo. O líder o empurrou para o lado e o derrubou - no mesmo instante em que uma bala raspou na nádega esquerda de Carter antes de explodir na areia. Carter gritou de dor.
De alguma maneira, ele sabia que a provação estava apenas começando.

O que aconteceu em seguida se passou quase como um sonho. As criaturas reuniram os recém-nascidos da incubadora, os vestiram e embrulharam, e os penduraram nos flancos de duas das maiores bestas do rebanho. Por insistência do líder, eles cobriram o ferimento de Carter com uma das fraldas. Carter tinha vaga consciência de que devia se sentir humilhado, mas só conseguia pensar na dor que sentia.
Quando todos os bebês foram retirados da incubadora, restaram ainda alguns ovos inteiros, uma ou duas dúzias. O guerreiro da presa quebrada engatilhou o rifle, e o líder - Tars Tarkas - olhou diretamente para ele. Um segundo depois Tars assentiu e juntou-se à criatura de presa quebrada na incubadora.
Tars deu uma ordem breve, um som que sugeria pesar. Em seguida, juntos, os dois guerreiros abriram fogo contra a incubadora, destruindo os ovos fechados.
Muito mais tarde, quando conhecesse melhor essas criaturas, Carter aprenderia que eles eram chamados de tharks, e que seus animais eram os thoats. E ele saberia o que significara a ordem pesarosa de Tars Tarkas: *não deixe nada para os macacos brancos*.

CAPÍTULO 4

BARSOOM, UM mundo no limite...

Ela balançou a cabeça e começou novamente. Ensaiou as palavras em pensamento.

O poder recém-descoberto de Zodanga ameaça destruir nossa cidade de Helium. Se Helium cair, Barsoom também cai...

Não. Muito forte!

Dejah Thoris, princesa de Helium, estava sozinha na pomposamente nomeada sala do trono, olhando séria para a longa mesa. O trabalho de sua vida estava sobre ela, envolto por uma manta de seda, escondido. Ela repuxava o tecido, nervosa.

Vossa Majestade - não, milorde. Meu... Jeddak. Meu Jeddak, após anos de incansável pesquisa, eu lhe apresento... a resposta.

Ela acrescentou em voz alta:

- Assim espero.

Dejah era alta, elegante e muito bonita. Metade dos homens de Helium a pediram em casamento em um ou outro momento. Um pretendente particularmente poético descrevera seus olhos atormentados citando o azul dos oceanos desaparecidos. Sua pele, dissera ele, era tocada pelo rico carmim de Barsoom.

Mas Dejah Thoris não tinha tempo para romance. Ela entendia o precipício sobre o qual se equilibrava sua cidade - e seu mundo. Cada momento que ela passava acordada era dedicado a salvar seu povo.

Um clamor de vozes chamou a atenção de Dejah. O pai dela entrou: Tardos Mors, Jeddak de Helium. Ele parecia agitado e cansado. Kantos Kan, o experiente almirante de Jeddak, o seguiu, e depois entraram os outros membros do Alto Conselho.

Tardos Mors olhou rapidamente para o objeto coberto sobre a mesa, depois franziu o cenho. Evitou o olhar de Dejah.

– Meu Jeddak. - Ela se curvou. - Após anos de incansável pesquisa, eu lhe apresento...

– Sinto muito, princesa. - Ele passou direto por ela. - Sua apresentação vai ter que esperar.

– Pai? O que aconteceu?

Kantos a olhou incisivo: *agora não.*

Tardos Mors subiu ao trono e sentou-se com visível cansaço. Os membros do conselho o cercaram, todos falando ao mesmo tempo em voz baixa. Acontecera alguma coisa com Zodanga... Dejah ouviu as palavras "última chance" mais de uma vez.

Finalmente Tardos se manifestou.

– Conheço os termos propostos por Sab Than! O que quero saber é se podemos nos dar ao luxo de recusá-los.

– A fronteira do leste foi arrasada - Kantos disse em tom sombrio. - Sab Than incinerou nossas defesas com sua nova arma. O povo da fronteira foi massacrado.

Os olhos de Dejah se arregalaram. Com urgência, ela removeu o tecido que cobria a mesa, revelando uma complexa e sofisticada máquina.

Seu pai e o conselho não prestavam atenção.

– Nossas melhores tropas e nossas naves mais velozes foram inúteis - continuou Kantos Kan. - E agora recebemos a notícia de que o último esquadrão que nos restava desapareceu.

Tardos abaixou a cabeça.

– Helium está perdido. Meu povo, meu mundo... falhei com todos eles.

– Não, meu Jeddak. Não falhou.
Todos os olhos se voltaram então para Dejah. Ela ligou o equipamento, provocando um som baixo e vibrante.
Kantos franziu a testa.
– Milady não viu a arma zodanguiana. Ela irradia a mais intensa e ofuscante...
– Luz azul?
Quando disse as palavras, Dejah acionou o último interruptor. Um raio de luz azul incidiu sobre o assoalho, brilhando inofensivo nos ladrilhos desenhados.
Tardos levantou-se do trono. Os membros do conselho foram com ele, aproximando-se de Dejah e sua máquina. Eles olhavam para o raio azul, mantendo uma distância cautelosa.
Dejah pigarreou.
– Quando li nossos relatórios sobre as armas de Sab, eu soube: de algum jeito, aquele bruto idiota descobriu primeiro.
– Descobriu o quê?
– O Nono Raio. Poder ilimitado.
O raio azul começou a piscar, brincando nos ladrilhos do piso e iluminando partículas de poeira no ar. A esperança inundou os olhos de Tardos. Até Kantos moveu a cabeça numa aprovação silenciosa.
– Sab a usa apenas para matar - Dejah continuou. - Mas pensem no que nós podemos conseguir com esse poder. Transformar os desertos... restaurar os mares...
Os membros do conselho se aproximaram, examinando a máquina, espiando o raio de ângulos diferentes. Tardos olhou para o almirante.
– Foi isso que viu, Kantos?
– É muito parecido.
– Esperem um pouco - disse Dejah. - Vai funcionar.
Então, algo estranho aconteceu. Pelo canto do olho, Dejah pensou ver um movimento rápido no grupo de membros do conselho - quase como um lampejo de renda azul se projetando para atingir a máquina. Ela se virou alarmada. No mesmo instante uma onda sacudiu o aparelho, que entrou em curto-circuito. Faíscas voaram. O raio azul dançou loucamente por um momento, e todos recuaram amedrontados. Depois o raio morreu, e a máquina ficou em silêncio, fiimegando suavemente.
Todos os membros do conselho olharam para Dejah, decepcionados e confusos ao mesmo tempo. Ela fechou os olhos com desânimo.
– Saiam todos - disse Tardos Mor. - Agora.
Kantos foi o último a se retirar, lançando um olhar de pena na direção de Dejah. As portas gigantescas se fecharam.
Dejah estava parada ao lado da máquina fumegante, olhando para o pai por cima dela. Foi difícil não demonstrar dor quando ele tocou um fio arrebentado, examinando-o por um segundo.
– Estava funcionando, pai. - Ela se esforçava para banir o tremor da voz. - Mas aconteceu alguma coisa... uma sabotagem, talvez...?
Parou de falar. A desculpa soou patética até para ela mesma.
– Dejah - Tardos começou devagar. - Desde que era pequena, você... você sempre correspondeu às expectativas. Superou-as, na verdade...
Ela o encarou atenta. Alguma outra coisa o aborrecia. Ela estendeu a mão para segurar a dele, trêmula, forçando-o a fitar seus olhos.
– Os termos de Sab - murmurou Tardos.

– Quais são?
Ele pôs a outra mão sobre a dela.
– Ele poupará Helium se você aceitar seu pedido de casamento.
– Sab Than? - Dejah removeu a mão. - Ele é um monstro!
– Dejah...
– Pai, você precisa rejeitar esses termos.
– Ele já está a caminho.
– Mas... todo o meu trabalho... - As mãos apontavam aflitas a máquina arruinada. - Só preciso de mais tempo! Não pode simplesmente... Como pode se curvar à vontade de Zodanga?
– Um casamento salvará esta cidade.
– Talvez. Mas pode destruir Barsoom.
Ele se virou de costas para a filha.
Dejah insistiu:
– Sem ninguém para deter Zodanga, esse será o começo do fim. Você é o Jeddak de Helium. Precisa encontrar outro jeito...
– Não há outro jeito!
Dejah se afastou, magoada.Tardos suavizou a voz imediatamente e tocou seu ombro.
– Minha filha... você sabe, se houvesse outra chance, eu arriscaria tudo para agarrá-la. Esta é a chance que nos foi dada. Talvez... talvez seja a Vontade da Deusa.
– Não. É a sua vontade.
A acusação o feriu.
– Quando eu era pequena - ela continuou -, nós olhávamos para as estrelas, e você me falava sobre como a glória de todos aqueles heróis estava escrita no céu. Dizia que havia uma estrela para mim lá em cima. Era isso que imaginava que estava escrito?
Kantos Kan voltou à sala e pigarreou para anunciar sua presença.
– O corsário de Sab Than aproxima-se da cidade, meu Jeddak. Eles pediram permissão para pousar.
Tardos e Dejah ficaram frente a frente por um longo momento, trocando um olhar silencioso.
- Autorize - disse Tardos. - E vamos todos nos preparar para o casamento.
Em seguida ele saiu da sala a passos largos, deixando Dejah Thoris, princesa de Helium, possível futura rainha de Barsoom, com o escombro fumegante do trabalho de sua vida inteira.

CAPÍTULO 5

NAQUELA NOITE John Carter estava acorrentado a uma parede ao lado de fileiras de bebês tharks vestindo fraldas. O berçário thark lembrava uma masmorra: paredes imundas, correntes enferrujadas, chão duro de argila.

Mulheres tharks se moviam com delicadeza ao longo da fileira de filhotes de pele verde, virando chaleiras de um líquido forte e malcheiroso em suas bocas famintas. Elas murmuravam palavras naquela áspera linguagem desconhecida dos tharks.

A mulher chamada Sola aproximou-se de Carter, hesitando em princípio. Depois ela agarrou sua cabeça. Quando ele resistiu, a mulher voou para cima dele e prendeu seus braços com duas de suas quatro mãos. Sola era magra, mas alta, e sobrepujava o peso de Carter em muitos quilos. Ela o obrigou a abrir a boca com a terceira mão e, com a quarta, despejou a mistura líquida. Carter sufocou, engoliu e tossiu.

Sola também estava falando... e enquanto tossia e quase se afogava, Carter percebeu que começava a entender o que ela dizia.

– Beba... bom...

Ele piscou e balançou a cabeça.

– O que tem nessa coisa?

Os olhos estranhos mergulharam nos dele. Quando ela voltou a falar, Carter ouviu cada palavra com clareza.

– A voz de Barsoom.

Depois de consumir a poção, Carter conseguiu lembrar e traduzir as palavras que os tharks haviam falado mais cedo naquele dia. Os costumes daquele povo passaram a fazer sentido... ou tanto sentido, pelo menos, quanto qualquer coisa que havia visto nesse lugar estranho.

Eles chegaram à cidade em formação de tropa. Carter, amarrado a um thoat carregado com os recém-nascidos, viu um aglomerado de construções em ruínas surgir diante deles. A tropa passou por um quebra-mar e atravessou um portão dilapidado.

Uma horda de tharks parecia se materializar, brotar de cada portal e de cada edifício. Centenas deles cercaram a tropa que voltava para casa, dando as boas-vindas aos guerreiros. Carter percebeu que todos os tharks carregavam uma arma, inclusive as crianças.

Quando os guerreiros chegaram a um pátio aberto, as mulheres - dúzias delas - se adiantaram. Uma mulher gigantesca e carrancuda, que Carter passaria a conhecer como Sarkoja, ordenou que elas formassem duas fileiras, uma de frente para a outra, separadas por um metro e meio, aproximadamente.

Depois Tars Tarkas, líder dos guerreiros thark, cortou com sua lâmina os cestos presos ao thoat de carga. Os bebês caíram no chão com Carter, que gemeu e ficou inerte por um momento, tonto e dolorido. Ele viu os bebês se moverem, se levantarem e correrem para o espaço entre as duas fileiras de mulheres.

Elas tentaram pegá-los. Alguns filhotes tentaram fugir, debatendo-se e agitando os quatro braços, enquanto outros se submetiam com docilidade. Várias vezes, duas mulheres tentavam pegar o mesmo bebê e começavam a brigar, lutando até uma delas cair ou desistir, voltando a atenção para outra criança.

Mais uma vez, Carter pensou: *Onde eu estou?*

Uma mulher - Sola - ficou para trás e não conseguiu pegar um bebê. As outras mulheres gritaram com ela, algumas exibindo seus filhotes recém-adotados para provocá-la. Sarkoja aproximou-se

de Sola, a empurrou para trás e a esbofeteou.
Tars Tarkas interferiu:
– Sarkoja - ele chamou, dizendo palavras que Carter logo entenderia. - Chega!
Sarkoja o encarou ofendida. As outras permaneciam perfiladas assistindo ao drama. Uma delas pegou a última criança que sobrara.
Sarkoja então saiu da fila e caminhou até onde Carter continuava caído no chão. Ela o pegou e levou para a área entre as fileiras. Sem poder fazer nada, Carter caiu no chão diante de Sola, que havia se levantado.
– Sola pode ficar com o pequeno verme branco - disse Sarkoja.
Sola olhou para Carter com expressão indecifrável. Em seguida ela se abaixou, o pegou nos braços e o libertou das amarras. Seu toque era mais suave do que o capitão esperava. Os braços tinham um complexo desenho de cicatrizes, uma confusão de símbolos queimados e calejados. Todas as outras tharks tinham cicatrizes, ele notou, mas as de Sola eram. muito mais extensas.
– O que aconteceu com você? - ele perguntou.
– Fique quieto.
Sarkoja bufou e levou as outras mulheres dali. Sola as seguiu submissa, carregando Carter como se fosse um bebê, passando pelos tharks reunidos. Alguma coisa brilhante e metálica pendia do cinturão de um jovem guerreiro...
O medalhão. O artefato de aparência antiga que levara Carter até aquela terra estranha. Ele percebeu que o havia perdido ao cair nas areias vermelhas. O guerreiro thark devia ter encontrado o medalhão perto da incubadora e o pegara antes de recolher os bebês.
Carter pulou dos braços de Sola e se jogou contra o guerreiro surpreso, derrubando-o sobre vários outros. Enquanto eles urravam furiosos, Carter agarrou o medalhão, arrancando-o do cordão que o prendia.
Então, com velocidade incrível, três braços verdes o agarraram e imobilizaram no chão. Um quarto braço segurava uma faca contra sua garganta. O rosto sombrio do guerreiro da presa quebrada surgiu diante dele.
O medalhão escorregou de seus dedos.
– Agora matamos - disse o guerreiro. Uma gota de saliva brilhou em sua presa quebrada.
– Afaste-se, Tal Hajus.
Agora Carter já reconhecia a voz de Tars Tarkas, embora ainda não identificasse todas as palavras.
Tal Hajus puxou Carter pelos pés.
– Dá mais valor a isto do que à minha opinião?
A silhueta imponente de Tars Tarkas apareceu sobre Carter, bem na frente do rosto de Tal. Carter, que estava no meio dos dois, os viu encostar as presas num gesto evidente de desafio.
– Afaste-se - Tars repetiu devagar.
Tal Hajus ficou furioso. Ele pressionou a lâmina contra a garganta de Carter.
– Reivindico o direito ao desafio.
– E quem apoia seu desafio?
Ainda segurando a faca no pescoço de Carter, Tal afastou suas presas das de Tars e se virou para olhar para os tharks ali reunidos.
– Quem vai aliar seu metal ao meu?
Silêncio.
Tars Tarkas deu um passo à frente e agarrou Carter como se ele fosse uma boneca de pano.
– Não será Jeddak desse jeito, Tal. Talvez amanhã.

Tal Hajus sustentou o olhar de Tars por um longo momento.
– Amanhã, então.
Tal virou-se e se afastou andando por entre a multidão. Carter deixou escapar um suspiro aliviado - depois tossiu quando Tars Tarkas o arrastou para o grupo.
– Vejam o troféu que seu Jeddak encontrou!
Os tharks se reuniram olhando para ele com evidente curiosidade.
– É um filhote de macaco branco? - alguém perguntou.
– Não - Tars respondeu orgulhoso. - É um animal raro e valioso. O nome dele é Vorgínia.
– Vor-gí-nia - os tharks repetiram, vacilantes.
– Vejam só. Afastem-se todos. - Tars soltou Carter, que cambaleou ao chão. - Mostre a eles, Vorgínia. Pule.
Carter ainda não entendia todas as palavras de Tars, mas o significado do gesto dele era claro. E dentro de Carter, algo trincou. Havia sido jogado de um lado para o outro, embrulhado como um bebê, tratado como animal de estimação e escravo. De jeito nenhum executaria truques obedecendo a comandos.
Tars imitou o movimento de pular usando três de suas mãos.
– Pule - repetiu.
Sola aproximou-se e gesticulou encorajadora.
– Não - disse Carter.
Tars bateu na parte de trás de seus joelhos. Carter caiu para a frente, com o rosto no chão a centímetros do medalhão abandonado. Os tharks explodiram em gargalhadas, exibindo os dentes monstruosos.
– Sola - disse Tars acorrente-o. Eduque-o com os outros filhotes.
Com uma careta, Sola prendeu um colar de metal ao pescoço de Carter. Enquanto as mulheres thark o punham em pé, ele ouviu Tars Tarkas sussurrar:
– Por Issus, você vai pular amanhã, Vorgínia.
Naquela noite Carter foi barbeado, esfregado, limpo e empoado com os outros bebês. Nenhuma mulher thark parecia saber que bebês eram seus filhos biológicos. Elas simplesmente adotavam os que conseguiam agarrar, e depois todos eram submetidos ao mesmo processo ríspido de iniciação à sociedade thark. Para Carter, o sistema parecia ser frio e desumano.
Por outro lado, ele lembrou, essas criaturas não eram humanas.
Depois de Sola alimentá-lo com a poção de tradução, Carter caiu exausto. Acordou suado e olhou em volta, percebendo que estava deitado sobre um tapete, cercado de bebês adormecidos. Todos roncavam. Lentamente, ele se levantou e começou a se mover na direção da entrada. Uma longa corrente ainda o prendia à parede, chocalhando como que para lembrá-lo de sua impotência.
Uma criatura assustadora impedia a passagem de Carter, olhando para ele com seus olhos de bola de gude. Meio lagarto, meio buldogue, uma boca enorme cheia de fileiras de dentes afiados. Quando Carter aproximou-se, ele se empinou sobre suas dez pernas curtas e fortes.
– Calma, garoto - Carter falou em voz baixa. - Bom cãozinho feioso...
A criatura se acalmou, sentando-se. Além dela, a porta do berçário se abria para uma rampa que subia em espiral. Seria um pulo fácil... não fosse pela corrente. Carter a puxou e sentiu um elo começar a ceder. A criatura abriu um olho e o fechou em seguida.
Mais um puxão e a corrente se partiu. Carter deu impulso e saltou por cima do animal surpreso. Ele pousou com facilidade no topo da rampa e se virou para a saída - mas o animal estava bem na frente dele. Fuçando.

– Como é possível? - perguntou Carter.
A criatura grunhiu, tentando empurrar Carter de volta ao berçário. Ele saltou novamente e viu a besta segui-lo numa explosão de poeira. Carter pousou mais adiante na rampa, alguns passos mais perto da liberdade.
O animal não parecia querer machucá-lo. Na verdade, Carter tinha a estranha sensação de que ele estava preocupado com sua segurança. Mas ele o atrasava, isso era certo.
Após um último pulo, Carter caiu no meio do assentamento thark. Havia tendas espalhadas entre as ruínas, ocupadas por tharks adormecidos. Carter caiu abaixado e parou para pensar no que fazer.
Ainda não sabia onde estava. Ouvira histórias sobre a África e a América do Sul, sobre vilarejos distantes intocados pela moderna civilização. Nenhum desses relatos, porém, mencionava guerreiros de pele verde, três metros de altura e presas brotando das faces.
Seu primeiro impulso foi sair correndo, saltar a muralha do assentamento e ir em frente. Mas não havia nada num raio de muitos quilômetros. Por quanto tempo poderia sobreviver sozinho em um deserto desconhecido?
O animal do berçário se aproximou silencioso e, parado atrás dele, rosnou baixinho.
– Xô! - Carter respondeu. - Vá embora. Suma!
Não, percebeu ele, os tharks eram sua melhor opção. Agora que entendia a língua que eles falavam, estava em melhor posição para negociar com Tars Tarkas. Mas uma arma aumentaria ainda mais as suas chances.
Em silêncio, seguido de perto pelo animal primitivo, Carter atravessou o pátio central e se dirigiu a um grande edifício parcialmente destruído. Em uma varanda alta, a luz do fogo tremulava e tambores e vozes soavam. Uma sentinela armada atravessava a varanda.
Carter pulou para dentro da varanda e agarrou a sentinela surpresa pelo pescoço. Enquanto os braços do thark se agitavam com aflição, Carter o acertou com uma forte pancada na cabeça e pegou sua espada longa e fina. A sentinela caiu.
Depois da varanda, uma grande tenda se erguia entre as paredes em ruínas de uma antiga sala de trono. Carter caminhou silencioso até a entrada da tenda, parando nas sombras. Pelo lado aberto, era possível ver Tars Tarkas cercado pelos homens de seu clã, comendo. Alguns tharks tocavam tambores cerimoniais.
Carter respirou profundamente e levantou a espada.
Foi então que o animal passou por ele como uma explosão, rugindo. Ele caiu desajeitado no meio de um grupo de tharks, derrubando pratos no piso de pedra. Olhando para Carter, a criatura rugiu novamente.
Os tharks dominaram a criatura em um instante, atingindo-a com golpes violentos.
O primeiro impulso de Carter foi proteger o animal. Ele se lançou para a frente com a espada erguida, gritando:
- Já chega!
Carter tirou um thark de cima da criatura e o esmurrou com força, jogando o guerreiro contra uma estaca que sustentava a tenda, a alguns metros dali. A estaca quebrou, derrubando um lado da tenda, e o thark se chocou com violência contra uma parede de pedra. Estava morto.
Todos os outros pararam, olhando chocados para Carter. Ele ergueu um punho, surpreso com a própria força.
Tars Tarkas se levantou, os olhos fixos no thark morto. Devagar, ele se virou e cravou os olhos frios em Carter.
– Você o matou com um único golpe.

– Eu não... não queria...
Carter percebeu que agora entendia as palavras de Tars. Mas, no mesmo instante em que esse pensamento penetrou sua mente, Tars fez um gesto para os outros, e todos se lançaram sobre Carter furiosos, ansiosos para vingar a morte do camarada.
Carter ainda estava muito aturdido para reagir. Ele entregou-se, apertando os olhos ao sentir os punhos verdes que o castigavam e lançavam na inconsciência. Seu último pensamento foi uma dúvida: será que morreria ali... sem saber onde realmente estava?

CAPÍTULO 6

LENTAMENTE, SARKOJA tirou do fogo o ferro em brasa. Ela mostrava aquele sorriso horrível dos tharks. Então Sarkoja pressionou o ferro com força no braço de Sola, que já era marcado por muitas cicatrizes.

A carne do braço de Sola fritou. Ela lutou com as amarras que a mantinham imóvel. Mas não gritou.

– Pelo amor de Deus! - Carter berrou.

Estava acorrentado no pátio, assistindo impotente ao bárbaro ritual de marcação dos tharks. Tars Tarkas e os outros culpavam Sola pela fuga de Carter. Esse era seu castigo. Seus braços estavam amarrados a uma estrutura em forma de X, e Sarkoja se debruçava sobre ela, apreciando cada segundo do sofrimento de Sola. Sob o sol quente, os tharks reunidos assistiam a tudo, sedentos por sangue ou, talvez, por diversão.

Quando o ferro queimou outra vez a carne de Sola, Carter jogou o corpo para a frente.

– Foi *minha* culpa...

Tal Hajus se aproximou e o atingiu com um tapa no rosto.

– Silêncio!

– Faça isso de novo e eu...

Tal repetiu o gesto.

– Chega!

Todos os olhos se voltaram para Tars Tarkas, que puxava Sarkoja para longe da prisioneira. Sarkoja rosnava e brandia o ferro quente no ar, mas Tars a ignorou. Ele usou a própria faca para cortar as amarras de Sola.

Os braços de Sola estavam cobertos de vergões.

– Não há espaço para outra marca, Sola - disse Tars. - Sua próxima falta será a última.

Alguma coisa no tom de voz do thark fez Carter desviar os olhos. Sentindo um puxão, ele virou a cabeça e viu Tars segurando a corrente que o prendia como uma coleira.

– Pule, Vorgínia.

Carter olhou para Tars por um instante. Não queria ter mais nada a ver com esses selvagens... fossem quem fossem, de onde fossem.

– Você vai pular, Vorgínia. Agora.

Atrás de Tars Tarkas, Sola olhou suplicante para Carter.

– Naves!

Todos olharam para cima. No alto de um velho telhado havia uma sentinela thark apontando com desespero para o céu.

– Vocês são as pedras - disse Tars Tarkas. - A areia!

Os tharks se dispersaram em silêncio, desaparecendo como fantasmas atrás de portas e arcadas, passando por buracos e janelas, procurando os esconderijos que haviam cavado nas ruínas. AJguns se enterraram em bancos de areia, deixando expostas apenas as narinas no alto da cabeça.

Tarks puxou a corrente de Carter com força, querendo levá-lo para uma torre de forte semi-destruída. Carter olhou para o céu novamente e ouviu o primeiro ronco distante. Apressado, ele se virou para seguir o líder dos tharks.

Tharks lotavam os porões apertados, olhando para o céu. Um deles se movia entre os outros recolhendo pulseiras, colares e outros objetos valiosos que ia depositando em uma vasilha, selando as apostas.

– Helium - disse um thark. Outro fez um muxoxo de desdém para ele.
– Zodanga! - Outro falou ao jogar seu colar na vasilha.
– Helium.
Carter alongou os membros, tentando enxergar o céu. Tars havia afrouxado as correntes, mas seus músculos ainda doíam. Lá em cima, três aeronaves vermelhas e de aparência hostil perseguiam outra que, solitária, voava levando uma bandeira azul.
– Zodanga é a vermelha - disse Tars. - Helium é a de bandeira azul.
Carter apontou para a nave-líder de Zodanga. Uma arma negra e de aparência letal se prendia a uma das laterais, com garras que penetravam o casco. A arma parecia fora do lugar, como uma criatura viva costurada a uma máquina.
– O que é aquilo?
Tars olhou para uma luneta por um instante, depois deu de ombros.
– Navios voadores - Carter sussurrou.
A nave líder da esquadra de Zodanga passou por cima deles. Sua sinistra arma azul começou a brilhar intensamente, depois disparou um facho de energia azul diretamente contra a nave de Helium. Atingida, a nave brilhou, faiscou e cintilou. Carter teve a impressão de ver um homem da nave ficar paralisado, gritar e evaporar na luz azul.
A nave de Helium morreu no ar, planando sobre as ruínas. Os tharks aplaudiram.
Carter olhou para Tars.
– Seu povo torce por Zodanga?
– Zodanga está ganhando a guerra. Mas, para nós, não faz diferença. Que os homens vermelhos matem outros homens vermelhos até restarem apenas tharks.
Lá em cima, o raio azul brilhou novamente.
– Não me pareceu ser uma luta limpa - opinou Carter.
Tars olhava sério pela luneta.
– Zodanga nunca luta limpo.
Sab Than assistia satisfeito sua tripulação conduzir os últimos prisioneiros de Helium para o deque de sua aeronave. Um prisioneiro tropeçou quando desceu da rampa de abordagem, quase caindo no ar entre as duas naves.
Os heliuminitas se perfilavam passivos, encarando os que os haviam capturado. Eles tinham o rosto protegido por capacetes, mas Sab Than quase conseguia sentir o cheiro do medo. Todos ali haviam acabado de ver dúzias de companheiros de tripulação se desintegrando, dizimados pelo raio azul. E agora eram prisioneiros de Zodanga.
Sab Than sorriu. Envolvendo a mão dele, a pistola thern pulsava como uma criatura viva.
Ele se aproximou da fila, abrindo o capacete do primeiro prisioneiro. Sab estudou o rosto jovem e franziu o cenho. Depois passou ao segundo prisioneiro, e ao terceiro.
Ele parou no quarto homem, um idoso com olhos cor de ardósia no rosto de pele avermelhada.
– Onde ela está?
O homem não disse nada.
Sab Than levantou a mão e disparou a arma thern. O prisioneiro gritou, reluziu em azul e desapareceu.
Os olhos do prisioneiro seguinte refletiam medo quando Sab abriu seu capacete. Erguendo a arma, Sab encostou a extremidade brilhante bem no rosto do homem.
– Onde ela es...
– Senhor!
Sab Than virou-se e viu um tripulante apontando a nave capturada. A passarela entre as duas

aeronaves balançava, sacudida violentamente para cima e para um lado. Soldados zodanguianos, surpreendidos na passarela, giravam os braços com desespero tentando manter o equilíbrio.
A nave de Helium se afastava, abrindo as palhetas para ganhar mais potência. Tentava se libertar.
– Quem está lá dentro? - Sab Than perguntou.
– Apenas nossos homens - respondeu o líder do grupo de abordagem. - Não deixamos nenhum heliuminita vivo, senhor. Eu juro!
– Para a ponte. Depressa! - Sab virou-se, apontou e viu um dos heliuminitas dar um sinal. De repente os prisioneiros caíram sobre eles, atacando seus captores. Estourou uma luta generalizada.
– Acabem com eles! - Sab Than gritava, disparando a arma que era como uma luva. Outro heliuminita se dissolveu em fogo azul.
A prancha de abordagem se partiu. Zodanguianos gritaram e despencaram no ar.
Sab Than correu para a ponte, empurrando tanto os próprios soldados quanto os rebeldes heliuminitas. Esse não era o fim, jurou ele. Antes do fim do dia, teria a mão da princesa de Helium em casamento - e Barsoom seria unificado sob seu domínio de ferro.
Sab parou pouco antes da entrada da ponte e olhou para o lado, para fora da nave. A nave irmã se movia na direção da aeronave heliuminita fugitiva, tentando interceptá-la. Mas o inimigo era rápido...
Soldados zodanguianos despencavam sobre os tharks, quebrando o pescoço e a cabeça ao se chocarem contra as ruínas de pedra. Os tharks reagiam a cada impacto, murmurando exclamações de alegria ou de piedade debochada.
- Aquelas naves vão bater - disse Carter.
Ele e Tars viram a aeronave de Helium ganhar velocidade e ir de encontro à segunda nave zodanguiana com um estrondo pavoroso. A nave se inclinou para um lado, as palhetas solares muito danificadas. Mais zodanguianos caíam do deque, mergulhando para a morte por entre os indiferentes tharks.
O olhar de Carter foi atraído por outro movimento no deque da aeronave. Ele arrancou a luneta de Tars, ignorando os protestos do thark. Pela luneta, ele viu uma criatura de armadura e capacete, um traje muito diferente dos zodanguianos, com suas vestes vermelhas, cambaleando pelo deque para se debruçar sobre a lateral da nave. A criatura cruzou o ar por um momento, mas agarrou-se à arma presa à lateral da aeronave. O capacete caiu e longos cabelos castanhos se espalharam ao vento.
A primeira coisa que Carter pensou foi: *ela é linda.*
A segunda: *ela é humana.*
A mulher era alta e exuberante, com lábios carnudos, braços fortes e um rico tom avermelhado na pele. Ela se agarrava com desespero àquela saliência da nave, os olhos azuis expressando desespero. Por um instante, aqueles olhos pareciam ter encontrado os de Carter através da luneta. Ele ouviu seu grito distante de socorro.
Carter jogou a luneta para Tars e saltou, subindo muito alto. A corrente voou no seu encalço. Tars tentou segurá-la, mas era tarde demais.
Carter mirou um telhado e quase errou o pulo, desequilibrado pelo peso da corrente. Quando pousou, ele ouviu a mulher gritar novamente, um grito mais claro que o anterior. Olhou para cima, para o corpo que se debatia no ar, depois olhou em volta, para os vários edifícios. Havia poucos telhados mais altos do que aquele onde estava. Segurando a corrente, ele pulou de novo, ganhando mais alguns metros de altura. Se a nave continuasse à deriva... e se ele conseguisse se aproximar só mais um pouco...

Pela primeira vez desde a caverna apache, Carter tinha a sensação de ter um propósito - talvez até, ele percebeu chocado, pela primeira vez desde a guerra.

Não vou falhar com você, pensou. E saltou mais uma vez, aproximando-se ainda mais da estranha mulher vermelha de cabelo esvoaçante.

No chão, o agente de apostas thark continuava recolhendo os valores apostados. Ele passou por cima de um zodanguiano caído, inclinando a cabeça para encarar Tars Tarkas.

– Zodanga ou Helium?

Sorrindo, Tars jogou um amuleto na vasilha do agente.

– Aposto no Vorgínia - ele disse.

CAPÍTULO 7

O ASSENTAMENTO thark havia sido uma grande cidade portuária. Agora a cidade de pedra estava em escombros, torres e templos devastados pela areia, pelo tempo e por hordas de criaturas predadoras.

Carter pulava de telhado em telhado, de cúpula em parapeito, subindo em zigue-zague para a inclinada nave de Helium. Ele parou, olhando para a frente. Agora só havia uma cúpula mais alta que o local onde estava, estava a quinze metros de distância, pelo menos, e tinha um parapeito muito estreito. Ele hesitou.

De repente, a aeronave de Helium sacudiu, virando de lado no ar. A mulher não conseguiu se segurar e, gritando, começou a cair.

Carter se abaixou e saltou tão alto quanto pode.

Ele subia. Ela descia. Carter se esticou no ar até alcançá-la. Ela se agarrou com força à mão que a salvava, e ele girou o corpo, conseguindo pousar sobre a cúpula. A corrente despencou no ar até um parapeito mais baixo e quase o derrubou. Ele balançou por um segundo, depois recuperou o equilíbrio, ainda com ela nos braços.

O tempo parecia ter parado enquanto eles se entreolhavam. Por um instante, Carter experimentou aquela sensação de propósito há tanto tempo ausente.

Então, uma prancha de abordagem baixou com um estrondo sobre o parapeito da cúpula. Carter olhou para cima e viu uma das aeronaves de Zodanga pairando no ar. Soldados em vestes vermelhas desembarcavam e percorriam a prancha com espadas e armas em punho.

Carter soltou Dejah, deixando-a em pé.

– Com licença, senhora. - Diante de seu olhar surpreso, ele pegou a espada que ela levava na bainha. - Se puder ficar atrás de mim... Isso pode ficar perigoso.

Os soldados ocupavam todo o espaço da prancha. Carter segurou a corrente ainda presa a seu corpo e a sacudiu como se fosse um chicote, atingindo os dois primeiros soldados.

Com a outra mão, ele brandia a espada da mulher num grande arco, admirado com a leveza e flexibilidade da arma. Um soldado gritou e levou a mão ao peito lanhado. O outro teve menos sorte - a lâmina penetrou seu coração.

Até ali Carter havia ido bem. Porém, quando parou para recuperar o fôlego, o último zodanguiano que restava brandiu sua arma como um taco, arrancando a espada da mão dele. Surpreso, Carter a viu voar... diretamente para a mão da mulher. Ela agarrou o artefato pelo cabo com habilidade, deu um salto acrobático que a posicionou diante dele e empalou o zodanguiano com um golpe rápido e preciso.

Carter olhou para o homem morto, depois para a corajosa mulher.

– Talvez eu é que deva ficar atrás de você - ele disse.

Ela sorriu; era um sorriso afetuoso, muito diferente das caretas monstruosas dos tharks.

– Não se esqueça de me avisar quando a situação ficar perigosa - ela disse.

Depois limpou a lâmina da espada no traje de bebê de Carter. Só então ele percebeu que ainda usava a fralda com que Sola o vestira na noite anterior. Por um instante, foi impossível evitar o constrangimento.

Em seguida, uma grande sombra os cobriu. Carter olhou para cima e viu as duas naves de guerra de Zodanga convergindo para a posição que eles ocupavam. Uma delas, a que voava mais alto, portava aquela estranha arma negra que ele vira antes. A nave de Helium ainda pairava perto dela, fumegante e inclinada.

A bordo da nave zodanguiana mais próxima, um novo contingente de soldados chegava à rampa. O líder desse grupo fez um gesto, e todos correram na direção de Carter e da fugitiva.
- Já cansei desses moleques - disse Carter. Ele apontou para uma rampa em espiral que descia do outro lado da cúpula para o assentamento lá embaixo. - Se me permite, senhora, sugiro que corra.
Sem esperar a resposta, Carter correu para a rampa e saltou sobre os soldados surpresos, pousando logo acima deles. Mais um pulo o levou para o deque da aeronave, onde mais zodanguianos surpresos o encararam sacando a espada. Mas Carter já decolava outra vez, saltando para o teto da ponte da nave. De lá, ele olhou para a segunda aeronave e respirou fundo.
Um salto no ar, e ele caiu no deque, de onde saltou para o teto. Sem parar para pensar, Carter deu mais um pulo, agora para a terceira e maior nave, tentando chegar ao deque das armas.
A tripulação assustada o viu saltar, alguns deram o alerta, e vários tentaram apontar armas em sua direção. Tarde demais. Carter desceu sobre a nave como um míssil, pousando com uma tempestade de chutes e socos. Ele derrubou os homens que estavam no deque das armas e nem se virou para vê-los cair. Em seguida, agarrou uma arma montada sobre um apoio, girou-a e a apontou para baixo.
O mecanismo era desconhecido, mas simples. Carter olhou pela mira, centralizou a nave que estava diretamente abaixo dele e disparou. Uma, duas, três vezes.
A segunda nave zodanguiana estremeceu, partiu-se ao meio e explodiu em chamas. Ela começou a cair, levando consigo a nave Helium, ainda engatada.
Por um momento tenso, Carter pensou que as duas aeronaves poderiam atingir o assentamento thark. Aquele povo era bárbaro, o tratava feito criança, mas não queria provocar um massacre.
Carter suspirou aliviado quando as aeronaves despencaram na areia, pouco além dos limites do assentamento, no lugar onde, séculos atrás, estivera o mar. O chão tremeu com a violência do impacto.
Carter pensou ter ouvido mais alguma coisa: sim, os aplausos dos tharks.
Ele se virou e deu de cara com um forte guerreiro que o encarava. Olhos humanos e cruéis, peito protegido por uma armadura de ouro e pele, e a capa vermelha de Zodanga. Carter levou a mão à arma e percebeu que ela havia desaparecido.
O guerreiro levantou uma das mãos. Ela estava coberta por uma estranha e brilhante arma azul diferente de todas que Carter já vira antes.
– Sou Sab Than, governante de Zodanga - disse o homem. - E o condeno a...
Ele parou de falar e inclinou a cabeça, como se escutasse uma voz desconhecida. O brilho da arma se apagou, e Sab Than olhou espantado para a própria mão.
– O quê? Levá-lo vivo?
Três soldados cercaram Carter. Ele girou a corrente, derrubando-os e ferindo-os gravemente. Sab Than gritou:
– Deixem-no!
Em seguida ele deu um passo à frente sacando a espada. Seu sorriso era quase uma careta.
– Isso vai ser divertido.
Carter pegou a espada de um dos zodanguianos caídos, levantando-a bem em tempo. As duas lâminas se chocaram e deslizaram provocando uma chuva de faíscas. Sab Than recuou, sorriu e atacou novamente. Carter defendeu-se com dificuldade.
– O que você é? - perguntou o zodanguiano. - Não é um homem vermelho. Não é exatamente um macaco branco...
Carter havia treinado com espadas, mas a arma em sua mão era desconhecida, e Sab Than era evidentemente um mestre espadachim. Lentamente, o zodanguiano o empurrou contra a lateral

da nave.
– Seja você o que for - Sab Than sibilou -, vai sangrar como um...
O zodanguiano parou, olhando para um ponto além de Carter.
– Tharks!
Carter virou-se, olhou para baixo e viu de relance a multidão verde fortemente armada reunida sobre as ruínas. Todas as armas estavam apontadas para cima, para as naves.
Carter atacou com firmeza, forçando Sab Than a recuar. Depois ele pulou, tomando novo impulso no teto da outra nave no mesmo instante em que os tharks abriam fogo.
A aeronave explodiu em chamas, causando uma grande destruição. Carter sentiu o calor nas costas enquanto voava pelo ar, movendo os braços para dar impulso, tentando cair em uma área de areia macia lá embaixo. Foi uma longa descida.
Acima dele, a aeronave restante - aquela em que estava Sab Than - era alvejada continuamente, mas se mantinha no ar. Os atiradores de Sab se recuperaram, e disparavam contra os tharks. Mas a nave fora danificada.
Carter preparou-se para uma dura aterrissagem, olhou para baixo e viu uma pequena silhueta vermelha, seguida por algo verde, correndo pela areia para longe do assentamento thark. Era a mulher vermelha, aquela da nave de Helium. Ele caiu sobre uma duna de areia bem na frente dela.
A mulher o viu pousar e levantou as mãos.
Carter olhou atrás dela e viu quem a perseguia: Sola. A mulher thark parou, sem saber o que fazer.
Longe, os destroços de três aeronaves ardiam em chamas, espalhando no ar um cheiro de madeira e carne humana queimadas.
A mulher de Helium entregou sua espada a Sola, mas seus olhos estavam fixos em Carter. Ela falava com a confiança seca de um comandante.
– Pode me levar agora.
Sab Than entrou na ponte como um raio. Havia soldados mortos por toda a parte, caídos sobre equipamentos fumegantes. Com a nave balançando muito, Sab removeu o corpo do Mestre de Luz de cima do medidor de luz e leu os dados. Ele ia de um posto ao outro, movendo alavancas com pressa e determinação.
O navegador sobrevivente olhou para ele assustado.
– Prepare a manobra de retorno - Sab ordenou. - Vamos atrás da princesa.
Ele sentiu o conhecido formigamento dentro da cabeça — Matai Shang estava ali novamente. Em seus pensamentos, em sua ponte, sempre com ele. Sempre no controle.
Era o preço que Sab Than pagava pelo poder ilimitado.
– Não - falou Matai Shang. - Os tharks a pegaram. Você perdeu essa oportunidade.
– Por que o queria vivo? O macaco branco, o homem... seja lá o que for?
– Vá para casa, Sab Than. Outra chance surgirá.
– Como os encontrará outra vez?
Matai Shang deu um sorriso fino, e Sab Than retraiu-se ao sentir uma breve dor aguda dentro da cabeça.
– Podemos encontrar qualquer um.

CAPÍTULO 8

SEU SOME era Dejah Thoris, e Carter nunca havia conhecido uma mulher como ela. Braços fortes, olhos azuis e vivos, lábios carnudos que se distendiam num sorriso. Sua pele era avermelhada, um tom selvagem que combinava com as areias sob seus pés.

Eles ficaram ali por um longo momento enquanto as aeronaves queimavam e a mulher thark, Sola, os observava incomodada. Então um brado selvagem ecoou, e Carter virou-se e viu toda a tribo thark correndo na direção deles.

– Não disse que ele conseguia pular? - Tars Tarkas dizia.

Carter se abaixou para saltar, mas alguma coisa o deteve. Ele
olhou para baixo e viu o fiel animal parecido com um cachorro, Woola, segurando sua perna com afeição brincalhona. Carter afagou a cabeça de Woola.

– Me solta cão danado!

Mas era tarde demais. Os tharks o cercavam, puxando-o para longe de Dejah Thoris e batendo em suas costas.

Tars Tarkas abriu caminho entre o grupo e apertou Carter entre os quatro braços, sorrindo feito um pai orgulhoso.

– Você é feio, mas é bonito. E luta como um thark!

Carter engasgou e tossiu, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa,Tars o pôs no chão diante dos guerreiros. Eles se aproximaram um por um, entregando-lhe equipamento e armas, enfeitando-o como uma árvore de Natal.

O próprio Tars Tarkas removeu seu cinturão, colocando-o em Carter que viu alguma coisa pendurada no pescoço do líder: o medalhão, o objeto que o levara àquele lugar estranho.

Tars olhava para ele intrigado, e Carter percebeu que o estava encarando. Ele apontou o medalhão, abriu a boca para falar...

- Jeddak dos tharks!

Todos se viraram quando a voz de Dejah ecoou. Sola a mantinha sob a mira da arma.

– Sou Dejah Thoris - ela continuou. - Regente da Academia Real de Ciência de Helium. Minha nave de pesquisa foi atacada. Consegui religar o propulsor Oitavo Raio, mas não pude salvar meu...

Tars se aproximou com brutalidade e empurrou Dejah para os braços de Carter.

– Sua parte dos despojos - ele disse.

Os tharks riram, um som horrível. Dejah ficou ainda mais vermelha.

– Sola - chamou Tars -, cuide da propriedade de Vorgínia.

– Sim, meu Jeddak. - Sola usou seus quatro braços para segurar Dejah, que se debatia. Carter assistia a tudo desamparado e inseguro.

– Sabe - Dejah resmungou -, quando Sab Than me encontrar, vai usar a arma dele contra vocês.

– Sei que Zodanga encontrou um jeito de derrotar você - respondeu Tars. - E agora você procura uma arma própria. Mas Vorgínia luta por nós! Ele vai combater os torquas no sul, os warhoons no norte. E será chamado de Dotar Sojat! Meus bons braços direitos!

Os tharks levantaram suas armas numa ovação barulhenta. Tars olhou para Carter com seu horrível sorriso thark.

– Não - disse Carter.

A expressão de Tars desmontou.

– Não luto por ninguém. Não mais.

Exausto, Carter começou a se despir dos presentes tharks: um cinturão, um rifle, um grande amuleto. A descarga de adrenalina havia passado, e a realidade da situação começou a se impor. Este não era seu lar; este não era seu povo. Nem mesmo eram pessoas!
Tars se aproximou dele, sorrindo novamente.
– Vorgínia - ele falou em voz baixa. - Se recusar essa honra, não vou poder garantir a segurança de sua mulher vermelha.
Carter encarou Tars, os olhos recaindo mais uma vez no medalhão em forma de aranha no pescoço do Jeddak. Em seguida ele olhou além de Tars, para as cicatrizes de Sola, para as marcas bárbaras que recobriam seus braços. Examinou o rosto dos tharks. Sarkoja e Tal Hajus observavam atentos, esperando que ele tomasse a decisão errada. Para eles, seria um prazer vê-lo exilado ou morto.
E, por fim, havia Dejah. Ainda orgulhosa, ainda altiva, mas com uma sombra de medo nos olhos.
Carter levantou o punho fechado... fraco, no início, depois com todo vigor que ainda lhe restava.
– Eu... eu sou Dotar Sojat - ele disse.
Os tharks explodiram numa loucura coletiva, gritando e aplaudindo mais alto que nunca.
Tars Tarkas apontou as naves destruídas.
– Ao saque!
Ainda comemorando, os tharks correram para os destroços. Antes de ir, Sarkoja e Tal Hajus lançaram um olhar hostil para Carter.
Carter se aproximou de Dejah, ainda prisioneira das mãos firmes de Sola. Mas a mulher de Helium lançou para ele um olhar frio, sombrio, e virou para o outro lado.
Horas depois, um sol desolador se punha sobre os destroços da aeronave de Helium. O incêndio havia cessado, mas os tharks ainda corriam pelos deques destruídos como um exército de gigantescas formigas verdes. Carter se mantinha afastado da areia, observando os tharks e a indiferença com que eles jogavam os corpos heliuminitas de lado.
Dejah estava ao lado dele, mordendo o lábio para conter as lágrimas pelo destino de seus compatriotas. Sola segurava a extremidade da coleira grosseira presa a seu pescoço.
– Guerra - Carter comentou. - Que coisa vergonhosa.
As palavras soavam fracas e impróprias.
– Não quando uma causa nobre é defendida por aqueles que podem fazer a diferença. - Dejah o fitou séria. - Você hoje fez a diferença, Vorgínia.
– O nome é John Carter. Virgínia é o lugar de onde vim.
Ela o contornou sem pressa, arrastando junto sua coleira.
– Como aprendeu a pular daquele jeito? - Havia nos olhos dela o brilho da curiosidade científica.
– Não sei - Carter deu de ombros. - Como aprendeu a voar?
– Suas naves não voam com a luz? Em Virgínia?
– Não, professora. Nossas naves navegam no mar. - O olhar confuso sugeria que ela não conseguia entender o conceito. Ele apontou para as areias estéreis. - Água. Água a perder de vista por toda parte.
Ela assentiu com ar superior, depois segurou seu braço e o apertou.
– Estrutura esquelética aparentemente normal. Talvez a densidade de seus ossos... - Ela bateu em uma de suas pernas. - Pule para mim.
– Não!
– Chega. - Sola puxou a coleira de Dejah. - Vai ter tempo para se divertir depois.
Dejah resistiu desafiante.
– Não quero me divertir com ele. Quero a ajuda dele. - E olhou novamente para Carter. -

Explique como faz isso... os saltos! Se é uma habilidade, eu pago para você ir ensiná-la em Helium. Faça seu preço.
– Não estou à venda. Tenho uma caverna de ouro só minha. - Carter afastou-se. - Em algum lugar.
Ele olhou para o pálido disco solar desaparecendo no horizonte. A luz agora os deixava e a areia passava de vermelha a marrom. Uma sentinela thark patrulhava uma área mais afastada, sua silhueta verde e magra diminuída pela enormidade do thoat que ele montava.
Quero ir para casa, Carter pensou. De repente, nada era mais importante... nem mesmo essa mulher atraente e frustrante que caíra do céu.
– Não há mares neste planeta - Dejah falou. - Não mais. Só um louco sonharia com o Tempo dos Oceanos.
Ele se virou e olhou para trás.
– É essa sua opinião de especialista? Acha que sou maluco?
– Ou mentiroso.
Sola sorriu daquele jeito thark.
– Ela combina bem com você, Dotar Sojat.
– Não me chame assim... - Ele interrompeu-se e virou para Dejah com um movimento brusco. - Você disse "planeta"...
Dejah o encarou com uma expressão estranha. Esticando a coleira o máximo que podia, ela se ajoelhou, pegou um graveto e desenhou um círculo na areia.
– Sol - disse.
Depois desenhou um anel em torno dele, e outro. Nove círculos cercando o Sol. Carter a viu marcar um ponto em cada círculo, começando pelo mais interno.
– Rasoom - ela começou a contagem.
– Mercúrio - Carter disse em voz baixa.
– Cosoom.
– Vênus. Depois a Terra... somos nós.
Ela o fitou com uma estranha luz de descoberta nos olhos.
– Esse é Jasoom - disse. Em seguida marcou um ponto no quarto círculo a partir do Sol. - Você está em Barsoom, John Carter.
Ele se virou balançando a cabeça. O sol se fora; a escuridão caía rapidamente. Carter olhou para cima... e viu não uma, mas duas luas resplandecendo no céu noturno.
– Cluros e Thuria - disse Dejah. - Os Amantes Celestiais. Uma dupla, como as alianças que usa no dedo.
Carter tocou suas alianças de casamento. De repente sentiu uma tristeza profunda, tão grande quanto a distância entre este lugar e... Jasoom.
– Estou em Marte - ele sussurrou.
– E seu lar é Jasoom... desculpe-me, a Terra - Dejah acrescentou, cética. - Veio até aqui em uma de suas naves que navegam? Atravessou todos esses *karads* de espaço vazio?
Carter estava tão chocado que nem respondeu à provocação.
– Não - disse. - Um medalhão me trouxe até aqui. O mesmo que agora está no pescoço de Tars Tarkas.
– Um medalhão... - Dejah alinhou os ombros. - Ah! Bem, isso explica tudo.
– Explica?
– Sim. Você é um thern... e quer voltar para casa. É isso?
– Não sei o que é um thern.

– Podemos resolver isso agora mesmo. Venha.
Segurando a coleira, Dejah começou a se afastar da área do desastre, caminhando para o assentamento thark. Sola franziu o cenho e olhou para Carter. Ele deu de ombros, e os dois a seguiram.
– Não gosto do tom dela - Sola comentou.
Carter tinha que admitir: também não gostava.
- Não pode entrar aqui - Sola protestou. - É proibido!
Mas Dejah Thoris não lhe deu atenção. A mulher de Helium entrou correndo no templo em ruínas, empunhando uma tocha para iluminar pilares caídos e paredes feitas de pedras aos pedaços.
Carter e Sola a seguiram para o interior de uma grande sala. Uma antiga estátua de uma deusa dominava o ambiente, sua altura equivalente a vários andares.
– Foi você quem insistiu para eu remover a coleira - queixou-se Sola.
Carter assentiu e tentou sorrir.
Dejah levantou a tocha, iluminando uma janela de vidro cor-de-rosa empoeirada. Em seus complicados montantes de pedra brilhava o desenho de uma aranha de nove pernas idêntico ao do medalhão.
– Parece familiar? - ela perguntou.
Sola ajoelhou-se. Ela levantou duas mãos para cobrir a cabeça, as outras duas protegendo o coração.
– É claro - Dejah resmungou -, ajoelhe-se diante do sagrado thern. - Ela se virou para Carter com ar furioso. - Pode usar a religião como disfarce para enganar os selvagens tharks, mas comigo não vai funcionar. Já percebi o que está fazendo.
Carter encolheu os ombros, confuso.
– Desperdiça meu tempo com fantasias sobre essa Terra enquanto minha cidade está para ser derrotada.
– Você me chamou de... de thern. - Carter apontou para a estátua. - É isso que ela é?
– Ela é Issus! - gritou Sola. - Seu templo está no coração de cada cidade de Barsoom. Todos idolatram a Deusa.
– Nem todos - Dejah corrigiu.
Mas Carter não ouvia a conversa. Olhava para um baixo-relevo entrelaçado com uma antiga e desconhecida escritura que se estendia acompanhando a área junto ao teto do templo. Um padrão geométrico entremeava o desenho, entrando e saindo dele.
Já vira esse desenho antes. Na caverna no Arizona. Em casa.
– O que está escrito?
– Esqueceu sua própria língua? Que conveniente.
Carter agarrou Dejah e saltou, divertindo-se com seu grito de surpresa. Ele pousou sobre um pilar inclinado sob o baixo-relevo.
Dejah se debatia quase a ponto de derrubar a tocha.
– Ponha-me no chão!
– Assim que ler essa inscrição para mim.
Contrariada, ela entregou a tocha a Carter, que a segurou perto da parede. Dejah apontou a primeira fileira de imagens: eram silhuetas humanas ou semi-humanas sobre uma extensa cordilheira, usando medalhões.
– No tempo dos oceanos, todo o Barsoom era desordem e caos. - Ela parou, fazendo um esforço para ler. - Então vieram... os therns. Mensageiros sagrados da deusa Issus... eles tomaram o

primogênito e separaram os homens vermelhos dos verdes. A cada um deles, deram os dons do conhecimento... - Seu dedo deslizava sobre uma série de imagens sobrepostas e borradas de therns semi-divinos.
– As faces duplas - Carter falou. - O que significam?
– Supostamente, os therns certa vez viveram entre nós como guardiões. Tomavam a forma que queriam... falavam diretamente com os homens em pensamento. Guiavam, protegiam...
– Feito anjos.
Outra vez ele segurou Dejah, pulando para um parapeito do outro lado do templo. Dejah o encarou furiosa por um instante, depois olhou para a parede. Ela deslizou o dedo ao longo da imagem de um longo rio sinuoso.
– O maior conhecimento ofertado pelos therns - Dejah continuou a ler - foi o caminho da Deusa.
Carter tocou o extremo mais distante da imagem do rio. Havia outro medalhão desenhado ali dentro de uma pirâmide de cabeça para baixo.
– Lá está o medalhão outra vez. O que significa?
– Não me apresse. Diz que aqueles que buscam o consolo da eternidade podem descer o rio... passar pelos sagrados Portões de Iss e encontrar a paz eterna no seio de Issus.
Carter seguiu o olhar dela até a gravura dos enormes portões forjados.
– Os Portões de Iss... Acha que a resposta está aqui?
Ela hesitou.
– Sim. Tenho certeza disso. - Depois olhou para Sola, no chão, e baixou a voz. - E se eu pudesse levar você até lá?
Ele franziu o cenho.
– E se eu não confiar em você?
– Nesse caso, estaremos quites.
Ele sorriu.
– Posso conduzi-lo aos Portões - continuou Dejah. - Às respostas que procura. Ao caminho de volta para Jasoom.
– Terra.
– Terra. - Ela olhou em volta numa atitude conspiratória. - Desde que consiga nos tirar daqui.
Seus olhos se encontraram por um momento. Em seguida, Carter estendeu a mão.
– Fechado.
Ela olhou para a mão estendida sem saber o que significava o gesto.
– Você tem que apertar minha mão - ele explicou. Seguiu-se um cumprimento muito desajeitado.
Carter sorriu outra vez, apesar de tudo.
– Agora só preciso pegar aquele medalhão de Tars. Não imagino que ele vá simplesmente...
– Dotar Sojat?
Os dois olharam para baixo e viram Sola se debatendo nos quatro braços fortes de Sarkoja. Cinco tharks apontavam rifles na direção de Carter e Dejah, num aviso silencioso.
– Eu disse que era proibido - Sola falou.

CAPÍTULO 9

TARS TARKAS entrou na tenda-prisão afastando as duas partes da lona com os quatro braços.
– O que está acontecendo, em nome de Issus?
Quatro tharks seguravam Carter, que se debatia nas amarras apertadas. Sarkoja estava em pé ao lado de Sola, ajoelhada, e de Dejah Thoris, brandindo uma espada num gesto triunfante.
– Issus foi profanada - disse Sarkoja. - Encontramos esses dois tramando no templo.
Tars olhou para Dejah Thoris.
– No templo?
– Sola os levou até lá.
Carter viu os olhos de Tars buscarem os de Sola, e uma expressão de terrível sofrimento estampou-se no rosto do Jeddak.
– Não - disse Carter. - Sola tentou nos deter. Não tive a intenção de desrespeitar sua deusa, Tars.
Sarkoja pressionou a lâmina contra a garganta de Carter.
– Seu "braço direito" planeja roubar o medalhão, meu Jeddak. Ele tramava levá-lo pelo rio Iss para usá-lo em uma blasfêmia ainda maior.
– Só quero voltar para casa! - Carter gritou.
Tal Hajus parou atrás de Tars Tarkas, analisando a cena com frieza.
– Todos devem morrer - ele decretou. - Na arena.
Tars estendeu um braço e empurrou Sarkoja para o lado. Ele alçou Carter no ar e, com mais dois braços, carregou o terráqueo para longe dos outros, para um canto da tenda.
– Como pôde fazer isso? - A quarta mão de Tars apertava o pescoço de Carter, ameaçando estrangulá-lo. - Poupei sua vida, fiz de você Dotar Sojat. Mas a vida dela não significa nada para você!
A voz dele era amarga, aborrecida... e temperada por uma tristeza desesperada.
– Você sabia - Tars continuou. - Sabia que ela não tem espaço para outra marca. Agora Sola vai morrer por sua causa.
– Ela... - Carter tentava respirar. - Ela é sua filha, não é?
O rosto do Jeddak incendiou-se de choque e culpa. Ele sacudiu Carter, afastando-o ainda mais dos outros, e o empurrou com força contra uma pedra. Anda amarrado, Carter não tinha como se defender.
– Quem lhe contou isso? - Tars perguntou em voz baixa. - O thark tem apenas a tribo por pai e mãe.
– Chame de intuição paternal. - Carter olhou para as alianças em sua mão amarrada. - Mas como sabe? Que ela é sua filha, quero dizer?
– A mãe dela guardou um ovo. Sola é a última centelha de nossa antiga grandeza.
Carter apontou para o medalhão de Tars.
– Então, não pode ficar parado e deixá-la morrer...
De repente Tars o agarrou pelo pescoço novamente. Quando o thark virou, Carter viu por quê: Tal Hajus e Sarkoja se haviam aproximado, sorrateiros, tentando ouvir a conversa particular.
Tars Tarkas olhou diretamente para Sarkoja.
– Você tem razão. Meus braços direitos me ofenderam. Agora devo cortá-los. - Ele se inclinou

para a frente e falou com toda a força de um Jeddak thark. - Deixem-nos.
Tal e Sarkoja se afastaram olhando para trás com evidente desconfiança.
Quando eles já estavam longe, Tars Tarkas sacou uma faca. Ao vê-la, Carter teve um horrível momento de medo e dúvida. Havia exagerado? O Jeddak realmente o mataria para manter seu segredo sobre Sola?
Tars usou a faca para cortar as amarras. Carter estava livre.
Sola e Dejah juntaram-se a ele.
– Precisam ser rápidos - falou Tars, apontando a lona no fundo da tenda.
Dejah segurou o braço de Carter.
– Obrigada, Jeddak...
– Tenho uma condição. - Tars tirou o medalhão do pescoço e o entregou a Carter. - Levem Sola na jornada pelo rio Iss.
Sola não conteve uma exclamação de espanto. Quando Tars olhou para ela, sua voz soou estranhamente... humana.
– Prefiro que você morra nos braços da Deusa a vê-la virar comida de banths selvagens na arena thark. - Tars olhou solene para Carter. - A partir deste momento, Sola serve a Dotar Sojat. Aonde você for, ela vai.
Carter assentiu e depois apontou a frente da tenda.
– E Sarkoja e Tal Hajus? O que vai dizer a eles?
– Deixe um thark com sua cabeça e uma mão, e ele ainda poderá vencer. - Tars abriu um sorriso pavoroso dos thark. - Agora vá!
Quando começou a correr, seguido por Dejah e Sola, Carter percebeu surpreso: *estou quase me acostumando àquele sorriso.*
Os três galoparam pela areia, cada um montado sobre um thoat veloz. Carter ouviu um barulho e se virou depressa, certo de que eram perseguidos. Mas uma criatura conhecida corria atrás deles, levantando uma nuvem de poeira.
– Woola! - ele exclamou. - Mas como...
– Você pertence a ele - disse Sola. - Woola o encontraria em qualquer lugar de Barsoom.
Dejah Thoris apontou para a frente.
– Sigam-me!
Eles cavalgaram por muitos quilômetros, passando por terras arrasadas pontuadas por uma incrível variedade de ruínas. Antigamente, Dejah explicou, aquilo era um mar repleto de ilhas, acampamentos e portos. Mas a água secara há muito tempo, e a móvel cidade predadora de Zodanga esgotara a maior parte dos recursos restantes do planeta. Barsoom tornara-se a sombra de um mundo, um deserto estéril mergulhado na selvageria.
Carter estava fascinado com a beleza de Dejah, com sua energia e paixão pela idéia de salvar seu povo. Contudo, sentia cada vez mais que ela não revelava tudo que sabia.
No segundo dia, quando Dejah cavalgava à frente deles sob o sol quente, Sola olhou para o céu intrigada. Depois aproximou seu thoat do de Carter.
– Dotar Sojat- ela disse. - Quero dizer, Carter. Acho que ela não nos está levando ao Iss.
Carter assentiu sério.
– Finja que não percebeu.
Então, ele galopou mais depressa, para se aproximar de Dejah. Ela se virou surpresa, e Carter aproveitou esse momento para tomar as rédeas de seu thoat.
– O que pensou que eu faria quando visse sua cidade?
– O quê?

– Devia estar nos levando ao rio.
Sola se aproximou trotando e apontou as luas gêmeas que brilhavam no céu.
– Cluros e Thuria. Elas já deviam estar atrás de nós. Você está nos levando para Helium.
Dejah suspirou e tentou reduzir a velocidade do thoat - mas Carter tinha as rédeas e manteve o animal em movimento.
– Eu tinha certeza que, quando chegássemos a Helium - disse ela -, você veria a nobreza de nossa causa.
– Todos pensam que a própria causa é virtuosa, professora.
Com um movimento preciso, ele puxou o alforje da montaria de Dejah. Tudo que havia em seu interior caiu na areia. Quando ela se virou, surpresa, Carter a empurrou de cima da besta e soltou as rédeas.
Dejah rolou para o chão. O thoat disparou sem comando e desapareceu além de uma elevação. Carter e Sola se afastaram, cavalgando lado a lado em direção oposta.
– Não - gritou Dejah. - John Carter, você não pode ir!
– Gosto mais deste plano - Sola respondeu.
Carter fez um gesto para silenciar a thark.
– Seu louco! - Dejah corria atrás deles e arfava. - Você não é da Terra... e não existem therns! Eu só disse o que você queria ouvir para convencê-lo a nos ajudar... Para você me ajudar.
Sola olhou para Carter com curiosidade.
– Logo ela vai dizer a verdade - ele disse, baixo para que Dejah não o ouvisse.
– Pare - gritou Dejah. - Não posso... Não posso me casar com ele!
Carter parou o animal e o guiou para olhar para Dejah.
– Não pode se casar com quem? - perguntou.
Ela o encarou furiosa.
– Sab Than. O Jeddak zodanguiano com quem você lutou a bordo da aeronave. Ele propôs uma trégua em troca da minha mão.
Meu pai teme a nova artilharia dos zodanguianos, por isso aceitou a proposta, mas eu... eu não posso.
– Seu pai?
– Tardos Mors.
– O Jeddak de Helium? - Sola perguntou em tom chocado. - Ela é uma princesa!
– Uma princesa de Marte. - Carter se aproximou de Dejah e começou a rodeá-la. - Uma princesa que não queria se casar, por isso fugiu.
De repente estava bravo. Ela o usara, mentira para ele, colocara centenas de vidas em perigo. E só por isso?
Carter deu meia-volta e se afastou trotando.
Dejah ainda o seguia.
– Eu não fugi. Eu escapei.
Ele manobrou novamente o thoat.
– Por que não se casa com ele e ajuda seu povo?
– Não posso fazer isso com eles.
– Fazer o quê? Deixá-los vivos?
– Uma vida de opressão? Isso não é viver.
– Morrer não é viver.
– Mas eles não precisam morrer.
– Certo. Você pode se casar com Sab Than.

– Ou você pode nos ajudar... ahhhh!
Ele ouviu Dejah tropeçar e olhou para trás. Ela estava caída com o rosto na areia. Carter recuou praguejando e desceu do thoat para ajudá-la.
Ele estendeu a mão, mas Dejah a empurrou com violência.
Sola contornava a cena sem descer do thoat, mantendo distância.
Lentamente, Dejah levantou-se e olhou para o chão. Quando ela falou, sua voz era dura como aço.
– Se tivesse meios para salvar outras pessoas, salvar aqueles de quem mais gosta, não tomaria nenhuma atitude para isso?
– De nada adiantaria se eu lutasse sua guerra.
– Eu daria minha vida por Helium. Mas não vou vender minha alma. - Dejah baixou os olhos novamente. - Sim, eu fugi. Fui covarde, fraca. Talvez devesse simplesmente ter me casado com ele. Mas eu temia que isso fosse o fim para Barsoom.
As mãos adoráveis, mas firmes, seguraram os ombros de Carter.
– Vou lhe dizer a verdade, John Carter da Terra. Não existem Portões de Iss. Eles não são reais.
– Sinto muito, princesa. - Ele levantou o medalhão quase como se pedisse desculpas. - Mas isto é real, e foi o que me trouxe aqui. Se isto pode me levar de volta para casa... eu tenho que tentar.
Eles trocaram um olhar demorado. Um estranho pensamento passou pela cabeça de Carter: *se ela pode entender meu sofrimento, talvez eu possa entender o dela.*
Juntos, de mãos dadas, eles voltaram ao thoat de Carter.

CAPÍTULO 10

A CIDADE de Zodanga estava em movimento. Avançando sobre suas incontáveis pernas gigantescas, sacudia o deserto sob mil toneladas de ferro e pedra. Esmagando tudo que havia diante dela, deixando uma trincheira profunda para trás.

Sab Than se movia pelo espaço amplo e aberto do Hangar Real. Aos olhos dos tripulantes que preparavam sua nave particular ele parecia destemido, quase tão poderoso quanto os therns. Mas a consciência de Matai Shang ainda vibrava dentro de sua mente, um lembrete constante de quem tinha realmente o poder ali.

Um general aproximou-se nervoso.

– Senhor. A prudência exige que leve um acompanhante no vôo.

– Não - Matai Shang disse dentro da cabeça de Sab. Seu tom de voz não admitia discussão.

– Eu vou sozinho - Sab anunciou em voz alta.

-Mas, Jeddak...

– Com um golpe, posso encerrar mil anos de guerra civil e fazer Helium se curvar para sempre Meu general, em sua superior sabedoria, se opõe?

O general se retirou resmungando um pedido de desculpas.

Quando Sab Than embarcou na aeronave, ele sussurrou para Matai Shang:

– Estou até começando a falar como você.

O thern não respondeu.

A aeronave ganhou altitude, deixando para trás as torres de Zodanga.

– Tenho dúvidas sobre este plano - disse Sab. - A princesa continua desaparecida. E aquele macaco branco...

– Não se preocupe com eles.

Como se um portal se abrisse na mente de Sab Than, ele passou a ver o que Matai Shang via. Uma dúzia de imagens ao mesmo tempo: a cidade de Zodanga correndo sobre suas pernas. A aeronave de Sab Than vista do chão enquanto subia ao céu. Tardos Mors com o semblante carregado, em meio aos preparativos do casamento real. Uma vista aérea da cidade de Helium, com suas torres azuis e metades iguais separadas por um abismo profundo, intransponível.

Por um breve momento, uma imagem do meio do deserto: Dejah Thoris, uma mulher thark e o macaco branco chamado Carter descendo por um sulco serpeante rumo ao rio Iss.

Eles estão em todos os lugares, percebeu Sab, os therns. E o que um deles vê, todos os outros veem também pelos olhos dos irmãos.

Matai Shang rompeu a conexão. Sab piscou assustado, desorientado. A aeronave sacudiu sob seu corpo, e ele se esforçou para corrigir o curso.

– Eles não chegarão aos Portões - disse Matai. - Onde quer que estejam, eu estarei lá.

Quando eles chegaram ao rio Iss, os thoats tinham muita sede. Carter conduziu a montaria até o rio negro para que bebesse água. De pé, ele apreciou o cenário enquanto Sola e Dejah Thoris se aproximavam e desmontavam atrás dele. O fiel Woola os encontrara novamente e galopou para se juntar ao grupo na margem do rio.

Carter havia esperado ver sinais de vida perto do rio - aqüíferos eram muito raros em Barsoom. Mas não havia ninguém nas margens, nenhuma criatura vermelha ou verde. Apenas canoas, umas destruídas, outras inteiras, todas cheias de comida e oferendas abandonadas. Uma quietude mortal reinava sobre a paisagem.

Sola apontou as oferendas.

– Aqui os peregrinos devem abandonar tudo o que têm, tudo que conhecem. Para nunca mais voltar. - Ela abaixou a cabeça e suavizou o tom de voz. - Que a Deusa me julgue digna.
Carter olhou rapidamente para ela. Sola ficara calada o dia inteiro. Não pela primeira vez, Carter desejou poder entender melhor os tharks.
Ele se ajoelhou, uniu as mãos e colheu um punhado d'água - e derrubou tudo quando Woola se jogou em cima dele, ganindo e lambendo seu rosto.
– Woola!
Dejah sufocou um grito. Carter olhou para cima, seguindo a direção dos olhos dela, e viu seu thoat morto, caído na margem do rio a alguns metros deles. Uma espuma densa jorrava de sua boca.
– A água é venenosa. - Carter sacudiu a água que tinha nas mãos e as enxugou cuidadosamente. Ele olhou para Woola, que estava sentado a seu lado e ofegava. - Bom menino!
Depois notou que Sola começava uma marcha solene para o rio.
– Espere!
Carter saltou e aterrissou na margem do rio, entre Sola e a água. Ela tentou empurrá-lo, tirá-lo do caminho, mas Carter se manteve firme.
– O que acha que está fazendo?
– É meu caminho, Dotar Sojat. Não seu. - A voz dela não tinha inflexão. - Preciso honrar meu Jeddak e redimir minha falta de valor.
– Quer honrar seu pai? Então, continue viva e me ajude.
– Meu pai?
Só então Carter se deu conta do que acabara de dizer.
– Sola... é isso que provoca sua compaixão. O sangue de seu pai, de Tars Tarkas. De todos os tharks, você é a única digna dele.
Carter a observou enquanto ela tentava assimilar a nova informação. Tomado pelo impulso de tentar ajudá-la, ele percebeu algo muito estranho. Mesmo não sendo humana e sim alienígena, Sola era o mais próximo de uma mãe que ele tinha em muito, muito tempo.
Ele se virou e caminhou até uma das canoas intactas.
– É seu dever para com seu pai exige que me ajude. - Ele ofereceu um remo, mostrando a canoa. - Ajude-me a encontrar os Portões. Depois você pode decidir o que deve fazer por sua honra.
Sola olhava para o remo. Dejah Thoris se aproximou de Carter e tocou seu ombro suavemente.
– Só até os Portões, então. - Sola pegou o remo e subiu na canoa.
Quando Carter olhou para Dejah, ela o fitava sorrindo. O mais terno e humano sorriso que ele vira nesse mundo.
Eles deixaram o pobre Woola na margem do rio, ganindo, muito agitado, guardando os thoats que restavam. A água era densa, mas fluía com uma correnteza forte que os carregava rio abaixo, rumo ao destino.
Sola se mantinha atenta, vigiando a água em busca de sinais. Em certo momento ela gesticulou, e Carter remou para levar a canoa até a margem. Um barco de fundo chato passou levando três tharks magros e imóveis. Dois deles iam ajoelhados na proa, cantando em voz baixa, enquanto o terceiro permanecia em pé, impulsionando o barco com uma vara longa feito um sinistro gondoleiro.
– Outros peregrinos - disse Sola.
Eles passaram a maior parte do dia remando, passando por docas destruídas e barcos abandonados. Finalmente, o rio fez uma curva acentuada e Carter estendeu a mão para Dejah com repentino entusiasmo.

Os Portões de Iss surgiram diante deles, uma pirâmide invertida que parecia brotar do fundo do rio: uma enorme estrutura jateada que fazia tudo parecer muito menor a sua volta. Parecia uma imitação de barragem terrestre, só que construída por um louco.
Sola sussurrava um cântico e começou a fazer sinais no ar com os quatro braços.
Dejah balançou a cabeça com os olhos muito abertos.
– Impossível - disse.
Carter olhou com mais atenção. Cada centímetro da superfície dos Portões era coberta por aquelas estranhas redes de linhas que ele havia visto na caverna no Arizona e depois novamente no templo thark. Mas aqueles desenhos, ele agora percebia, eram entalhes grosseiros, imitações primitivas. Isso era o original, uma teia pulsante de máquinas vivas alimentadas com algum propósito específico e grandioso.
A correnteza os levou diretamente para a base estreita dos Portões. Eles os alcançaram colidindo levemente e parando, enquanto o rio seguia fluindo em torno da estrutura por ambos os lados.
Dejah estendeu o braço e tocou o complexo traçado de linhas.
– Nunca vi este material antes...
– Quero dar uma olhada. - Carter a pegou nos braços e saltou. Dejah gritou, enterrando a cabeça em seu peito.
Eles voaram cerca de trinta metros, passaram por cima dos Portões e aterrissaram no teto largo e plano. Lá embaixo, na canoa, Sola continuava cantando.
Dejah olhava para ele. Carter a pôs no chão.
- Carter - ela disse seus pés.
Ele olhou para baixo. Uma aura azul irradiava dele, formando um desenho brilhante contra a teia de linhas no telhado dos Portões. Hesitante, ele deu um passo. Quando o pé voltou a tocar o telhado, um lampejo de energia azul se ergueu.
Surpreso, Carter ergueu o medalhão. O objeto também brilhava azul, suas linhas divididas pareciam ganhar vida na presença dos Portões.
Então, a superfície dos Portões se abriu diante deles. Pedras caíam como areia escorrendo por uma ampulheta. Uma escada se materializou, descendo até o cerne da estrutura.
Juntos, eles começaram a descer. As paredes dos Portões os cercavam, a escada formando constantemente novos degraus diante de seus pés. Carter não saberia dizer o quanto haviam descido, mas estavam no nível da superfície do rio, pelo menos, talvez abaixo dela.
Quando chegaram ao fundo, o medalhão brilhou mais forte.
Adiante, uma passagem se abriu na pedra azul. Um corredor se materializou exatamente como a escada havia feito. Carter tentou enxergar alguma coisa, mas a passagem era escura, iluminada apenas pelo brilho azul do medalhão.
Ele olhou para Dejah, e ela o encarou. Mais uma vez Carter sentiu uma ligação entre eles, a sensação de que nascera para conhecer essa mulher. Essa estranha, determinada, irritante e incrivelmente linda princesa de Marte.
Eles puxaram as espadas ao mesmo tempo, com um único e fluido movimento. E começaram a caminhar rumo à escuridão.

CAPÍTULO 11

CARTER E Dejah mal haviam dado alguns passos quando o corredor ganhou vida. Uma luz misteriosa e difusa surgiu no ar, e parecia segui-los enquanto caminhavam. Lá na frente, até onde essa luminosidade alcançava, eles ainda conseguiam ver o corredor se materializando, formando um novo ambiente de alvenaria diante de seus olhos.

Dejah Thoris balançou a cabeça, incrédula.

– Isto não é trabalho dos deuses. São máquinas.

O corredor parou repentinamente. Carter deu mais um passo rumo à parede - e mais uma vez seu pé começou a brilhar. Uma complexa rede de energia se erguia no ar, cintilando e distorcendo tudo em torno deles. As paredes começaram a derreter, ganhar novas formas e se retorcer, se expandindo para formar uma câmara nova e muito maior.

Quando a energia diminuiu, Dejah e Carter se descobriram em um aposento cilíndrico e de teto alto. Luzes fracas dançavam pelas paredes de pedra, faiscando naquele feitio de teia agora já familiar.

Quase em transe, Dejah deslizou os dedos pela parede azul luminosa. Ela olhou para o chão, depois estendeu a mão para Carter.

– Seu medalhão.

Ele o entregou. Dejah ajoelhou-se e o colocou sobre uma marca que refulgia suavemente no chão. O medalhão se acendeu, pulsando com uma luz breve. Dejah removeu a mão e o medalhão flutuou, pairando alguns centímetros acima do chão.

Carter segurou a mão de Dejah e, juntos, eles retrocederam, vendo o chão sob seus pés ganhar vida, reluzir com textos e símbolos luminosos. Formas abstratas se ligavam a linhas radiantes, arcos, círculos. Quando acabou, Carter olhou fascinado para o desenho final.

A aranha de nove pernas. Pernas que se estendiam a partir de um ponto de origem comum: a marca diretamente abaixo do medalhão que pairava no ar.

- Nove — Dejah murmurou. - Nove raios.

Ele a encarou confuso.

– Carter, o Nono Raio é real. Pode ser domado e utilizado! Não percebe? - Ela olhou em volta, apontando as grades de linhas. - Toda essa estrutura funciona com isolados de Nono Raio. Eu estava certa! Mãe Issus... - Ela parou, deu meia-volta. - Os therns. Eles são reais. E você... você é realmente John Carter da Terra?

Ele sorriu do entusiasmo de Dejah.

– Sim, senhora.

– E as naves que viajam por mar... você os viu de verdade. Devem ser lindos de se ver.

– São mesmo. - Ele se aproximou dela. - Mas não tenho certeza de que trocaria a expressão do seu rosto por essa imagem agora.

Carter pisou em outro disco de luz, e essa marca também se expandiu sob seus pés, formando um padrão que encobriu o anterior. Um ponto central cintilante com nove círculos concêntricos se abrindo em torno dele. Pontos de tamanhos variados se formavam ao longo de cada linha, completando o modelo do sistema solar. Do mesmo modo que Dejah havia desenhado na areia do assentamento thark.

Mas o desenho não parou por aí. Dejah e Carter viram mais oito linhas brotarem do terceiro ponto, aquele que representava a Terra. As linhas se espalhavam, atravessavam os círculos concêntricos e formavam ligações com todos os outros planetas do diagrama. Ao longo de cada

linha surgiam sinais da linguagem ancestral de Barsoom.
Eles se ajoelharam juntos ao lado da Terra e começaram a acompanhar as linhas com o dedo. Carter olhou para Dejah.
– O que isto significa?
– Não tenho certeza. - Ela tocou os sinais. - Parece ser um tipo de... diagrama técnico. Esta linha liga Jasoom a Barsoom, e o sinal aqui... é como nosso símbolo para uma transcrição. Uma cópia enviada por estas linhas entre os mundos. Como...
– Como um telegrama. - Carter balançou a cabeça, se esforçando para entender o conceito. - Está dizendo que fui *telegrafado* para cá? Sou uma cópia de mim mesmo?
– É possível. Essas palavras podem ser um comando para a viagem. - Uma Unha marcava sua testa. - Não gosto de ficar adivinhando. Preciso de mais informação... cartas, códices...
O coração de Carter batia mais depressa. Teria encontrado o caminho de volta para casa?
– Essas cartas. Onde podemos encontrá-las?
– No Hall de Ciência. Em Helium.
– Ah, sim. Vamos simplesmente voltar a Helium. - Tomado por uma raiva súbita, ele a ergueu no ar. - O que pensa que sou?
Ela o fitou nos olhos por um longo momento.
– Creio que é um homem que está perdido - respondeu.
– Não estarei perdido se você me disser como fazer essa coisa funcionar.
– Eu direi o que puder. Mas tudo de que preciso para entender o medalhão está em Helium.
Ele a puxou para mais perto, ainda fitando seus olhos. Dejah dizia a verdade? Ou era só mais um truque para levá-lo a sua cidade?
– Estou tentando ajudar você - ela continuou. - Levá-lo de volta a sua caverna de ouro. Não é isso que você quer?
– Sim - confirmou ele. Mas a resposta soou fraca até para os próprios ouvidos. Vazia.
– Não - Dejah respondeu com mais firmeza. - Não acredito nisso. Nascemos em mundos diferentes, mas eu o conheço, John Carter. - Ele tentou desviar os olhos, mas os dela, muito azuis, o magnetizavam. - Desde que pulou e me pegou pela primeira vez, eu tive certeza. Quando estávamos juntos no alto daquela torre, empunhando espadas, eu... senti o coração de um homem bom. Um homem disposto a arriscar sua vida por outras vidas.
Ele não disse nada.
– A lutar por uma causa. - Dejah aproximou-se ainda mais, e agora seus olhos estavam a poucos centímetros dos dele. - Aqui. Em Barsoom.
O espaço entre eles desapareceu, sumiu como a distância entre a Terra e Barsoom. Eles se beijaram, um beijo quente e apaixonado. Ela cheirava a sangue e fogo, como as antigas areias que cobriam seu mundo guerreiro e altivo.
Carter fechou os olhos, e uma lembrança invadiu sua mente: a última vez em que trocara um beijo tão apaixonado com alguém. Vestido com o cinza dos rebeldes, na escada externa da velha casa na Virgínia, com os lábios cálidos de Sarah colados aos dele, seus cabelos desalinhados diante das árvores verdejantes e flores em botão. A mão de Carter tocando a cabeça da filha, que se agarrava à saia de Sarah.
– Não percebe, Carter?
Ele abriu os olhos.
– Fugi de Helium para encontrar outro caminho - Dejah continuou, erguendo a mão para afagar seu rosto. - Você é esse caminho.
Ele balançou a cabeça, sentindo culpa e paixão travarem uma batalha em seu peito. Abriu a boca

para falar... mas o som de tiros o impediu.
– Para fora! - Dejah gritou, disparando pelo corredor estreito.
Ainda atordoado, Carter olhou mais uma vez para o majestoso modelo do sistema solar desenhado no chão. Depois pegou o medalhão que ainda flutuava e foi atrás de Dejah.
Atrás dele, a câmara dissolveu-se em átomos.
Do alto dos Portões, Carter viu uma cena alarmante. Sola estava sozinha na canoa, com o rifle erguido, disparando tiros e mais tiros na direção das margens do rio... que eram dominadas por warhoons.
Tars Tarkas descrevera os warhoons para Carter: primos selvagens e piratas dos tharks, com perigosos dentes retorcidos e presas curvas afiadas. Centenas deles se reuniam sobre o penhasco, disparando quase uma parede sólida de lanças e flechas. Alguns warhoons montavam thoats, enquanto outros cavalgavam banths, animais de oito patas com caudas de rato e garras afiadas como as de um leão.
Sola defendia a posição, e os warhoons guardavam distância do rio envenenado. Mas a thark estava em enorme desvantagem. Cedo ou tarde, uma lança a encontraria.
Sem pensar, Carter pegou Dejah e pulou. Eles pousaram na canoa com força, espalhando a mortal água negra em todas as direções. Sola virou-se surpresa e quase derrubou o rifle.
– Dotar Sojat!
– Eles são de Helium? - Carter perguntou.
Dejah fez que não com ênfase. Uma chuva de flechas passava zunindo por eles, e ela se encolheu.
– Sola, tire Dejah daqui - Carter ordenou.
– Carter? - Dejah perguntou.
Ele a segurou pelos ombros e a fitou nos olhos.
– Cheguei tarde demais uma vez. Não vou me atrasar de novo.
Em seguida ele flexionou os músculos e pulou outra vez... para a margem.
Dejah gritou:
– Carter! Não!
Ele pisou no chão no instante em que soou uma trombeta ensurdecedora. O grupo warhoon atacou, todos vindo em cima dele. Uma centena de guerreiros bestiais gritando e uivando, todos com o quádruplo de seu tamanho e armados com lanças e flechas.
Ao se ver diante da morte certa, Carter foi de novo tomado de assalto por uma lembrança. O momento horrível de quando voltara para casa depois da guerra, ensangüentado e manco, sobrevivendo apenas pela esperança de rever Sarah e sua garotinha outra vez. Cavalgara até o cavalo cair de exaustão... diante de uma casa incendiada em uma fazenda completamente destruída pelo fogo. Soluçando, exausto, ele escavara os destroços com as próprias mãos... até encontrar.
O corpo de Sarah recurvado em torno de uma forma pequenina e imóvel.
Cheguei tarde demais uma vez. Não vou me atrasar de novo.
Alguma coisa explodiu dentro dele. Carter soltou um brado selvagem que expressava todo horror e todo ódio do passado e os canalizava para este momento, para esta batalha que, provavelmente, seria a última. Ele saltou para longe do rio e mergulhou na massa de warhoons. Girando, cortando, tirando sangue e pulando de novo.
Flechas o atingiam, lanças perfuravam seu corpo, mas Carter nada sentia. Tudo que via era a lembrança de sua mão jogando um punhado de terra sobre o pequeno túmulo da filha. A mão que agora usava as duas alianças em memória de tudo que perdera.
Em meio à fúria, em meio à dor e a tristeza, um pensamento surgiu: *Encontrei algo por que lutar.*

Dejah Thoris? A lembrança de Sarah? Ou apenas a esperança de voltar para casa? Enquanto era castigado por dúzias de punhos warhoons, enquanto seu sangue jorrava e se misturava com o sangue dos warhoons dizimados, Carter percebeu que ainda não sabia. E qualquer que fosse a resposta, mesmo agora que a horda o subjugava, sabia que nunca ia parar de lutar.

CAPÍTULO 12

DEJAH THORIS viu horrorizada o bando de warhoons cair sobre Carter. Monstro após monstro esfaqueando e agredindo, forçando-o lentamente a sucumbir.
– Ele estará morto em minutos - disse. - Temos que ajudá-lo!
Sola a encarou enfática.
– Não! Você ouviu as ordens de Dotar Sojat.
Dejah pegou o remo, planejando levar a canoa para a margem. Mas, antes que ela pudesse remar, uma violenta explosão sacudiu o rio, provocando ondas de água venenosa que se aproximaram perigosamente das bordas da canoa. No alto do penhasco, warhoons e thoats voaram longe. Os sobreviventes correram em busca de proteção. Uma segunda explosão fez tremer a margem, e depois dela, uma terceira.
Uma sombra caiu sobre a canoa. Dejah olhou para cima e apontou animada.
– A Xavarian! É a Xavarian!
A majestosa aeronave de Helium pairava no ar, atacando implacável os apavorados warhoons. No deque, experientes atiradores apontavam para as criaturas com precisão cirúrgica, isolando os maiores lutadores e separando-os dos companheiros.
Dejah remou a canoa até a margem do rio, e a Xavarian pousou sem nenhuma dificuldade ao lado dos corpos inertes de muitos warhoons. O estandarte azul de Helium tremulava orgulhosamente nos mastros da nave. Os poucos warhoons que restavam correram, fugiram para as colinas.
Guerreiros desembarcaram em ondas compactas pela rampa da nave, cumprimentando Dejah Thoris ao vê-la em terra firme. Sola a seguiu desconfiada.
Os guerreiros heliuminitas se afastaram, revelando uma figura imponente e conhecida.
– Pai! - Dejah gritou.
– Dejah! - Tardos Mors a tomou nos braços. - Graças a Issus! Por uma fração de segundo, Dejah enterrou o rosto no ombro do pai. Depois se afastou com urgência.
– Carter?
Tardos a conduziu a uma pilha de corpos de warhoons. Soldados heliuminitas foram removendo os mortos, um a um, até revelar o corpo de Carter no fundo da pilha, meio esmagado.
Com o coração disparado, Dejah caiu de joelhos ao lado dele. Rápida, verificou seu pulso: fraco, mas estável.
– Graças a Issus - ela murmurou.
– Quem é ele? - perguntou Tardos Mors.
– Seu nome é John Carter. Ele salvou minha vida. E... ele veio de Jasoom.
– De Jasoom? Acredita nisso?
Ela sorriu.
– Sim, acredito.
Tardos ameaçou contestar, mas uma voz profunda e autoritária soou perto da aeronave.
– Vamos levá-lo a Zodanga. É mais perto que Helium.
Dejah virou-se e viu Sab Than andando na direção deles, alto e imponente. Seu uniforme vermelho se destacava no mar azul de Helium. Ele se curvou profundamente diante de Dejah, apontando para Carter de um jeito casual.
– Ele será atendido por meu médico particular, prometo.
Furiosa, Dejah deu as costas ao governante zodanguiano. Antes que Tardos Mors pudesse

protestar, ela pegou sua arma do coldre e a apontou para Sab Than. Suas mãos eram firmes, calmas.
– Filha! - Tardos gritou.
– Ele disparou contra mim. Fez minha nave cair - falou Dejah.
Sab Than observava tranqüilamente.
Tardos colocou-se entre os dois, detendo Dejah.
– Filha, escute. Sab Than já admitiu tudo. Ele me procurou sozinho, sem levar nenhum acompanhante. Eu poderia tê-lo matado sem nenhuma dificuldade. Mas ficou claro que ele só se preocupava com sua segurança.
– Temia que fosse torturada pelos tharks - disse Sab. - Condenada a morrer na arena deles. Eu não suportaria levar esse peso na minha consciência. - Ele sorriu reconfortantemente para Dejah. - Eu tenho uma consciência, princesa.
– É mesmo? - Dejah baixou a arma, mas manteve os olhos fixos em Sab. - Ouvi dizer que ela foi removida junto com...
– Filha!
Sab Than levantou uma das mãos.
– Ela não confia em mim, Jeddak. E por que deveria? Nunca houve confiança entre Zodanga e Helium. Portanto, ofereço esta prova de minha boa vontade.
Ele sacou a espada e a mostrou - e centenas de soldados heliuminitas imitaram o gesto. Com um movimento rápido e simples, Sab Than girou a espada e a ofereceu pelo cabo a Dejah Thoris.
– Minha vida - ele disse.
Dejah sentia-se sob a pressão de forças grandiosas, paixões que alterariam a história de Barsoom. Com um movimento de cabeça que denotava concordância, ela aceitou a espada e apontou-a para a garganta de Sab Than, ignorando os protestos do pai.
– Você tem o poder, princesa. - A voz de Sab permanecia calma. - O poder sobre minha vida e sobre nosso mundo. Com nossas cidades unidas, tudo é possível. Só precisa se casar comigo.
Sab estava certo: Dejah tinha a vida dele nas mãos. Mas, de repente, sentia-se exausta, derrotada. Olhando em volta, viu o rosto apreensivo do pai, os corpos dos warhoons e os altivos guerreiros de Helium em suas vestes azuis.
E, finalmente, ela viu o corpo imóvel de John Carter.
Devagar, Dejah baixou a espada e assentiu com tristeza.
Carter acordou em uma cela espartana. Um oficial heliuminita chamado Kantos Kan, um homem de grande lábia, o tirou rapidamente da cela enganando os guardas que deveriam vigiá-lo. Antes que pudesse respirar, Carter estava sobre o telhado de um palácio, observando as torres de uma cidade desconhecida.
– Esta é Helium? - Carter perguntou.
– Zodanga - respondeu Kantos. - Onde os homens são tão limitados quanto o cardápio e as mulheres são duras como as camas.
Carter não sabia o que dizer.
– Temos que ir encontrar a princesa Dejah - continuou Kantos, e olhou para trás, para a escada, que agora reboava com os passos dos guardas zodanguianos.
– Dejah! - Carter exclamou.
– Pelo que ela me disse, você pode nos levar... lá.
Kantos apontou uma torre quinze metros abaixo do palácio e duas vezes mais distante. Carter engoliu em seco.
– Ela disse que eu podia saltar até lá?

Kantos o encarou.
– Ousa chamar Sua Alteza de mentirosa?
Os guardas chegaram ao telhado e apontaram para eles.
Carter agarrou Kantos e pulou, tão alto e tão longe quanto pôde. Ele chegou ao topo do pulo e começou a cair na direção da torre. Aflito, percebeu que não conseguiriam chegar lá. Mas com o braço livre estendido, ele conseguiu segurar o parapeito de uma janela. Lá ficou pendurado por um segundo, ainda segurando Kantos, que o estudava com um desprezo debochado e um pouco de medo.
A pedra do parapeito começou a esfarelar, e os dois caíram. Carter relaxou as pernas e mirou noutro parapeito, mais largo que o anterior. Ele pousou, quicou e subiu novamente.
Sorriu. Tinha de novo o que os ianques chamavam de "pernas de marinheiro". Habilidoso, Carter foi saltando de cúpula em cúpula, de passarela em passarela, ricocheteando no convés de uma nave que passava por ali. Kantos apontou, e Carter o puxou através de uma janela... para o quarto de vestir da princesa. Um grupo de damas de companhia reagiu aos gritos à chegada dos dois homens. Assustado, Carter se desequilibrou, soltou Kantos e caiu no chão. Ele se levantou depressa, recuperando o equilíbrio.
A princesa Dejah Thoris estava diante dele em suas vestes matrimoniais. Um sinuoso vestido dourado envolvia seu corpo alto, acentuando as curvas e deixando à mostra os ombros, o ventre e as pernas. Ela estava linda, radiante e imponente, exibindo com orgulho as tatuagens rituais. Era digna do posto de rainha de Barsoom.
Carter mal conseguia falar.
– Desculpe, senhora...
Os lábios da princesa se distenderam num meio sorriso.
– Devia se curvar diante de mim, capitão Carter.
Ele tentou, mas apertou os olhos de dor. Ainda tinha vários ferimentos resultantes do ataque dos warhoons e suas garras. As damas de companhia riram.
-Trouxe-o conforme ordenou - disse Kantos. - A propósito, ele deve ter levado alguma pancada na cabeça.
– Obrigada, Kantos. Agora quero falar com o capitão Carter em particular. Fique lá fora vigiando.
Kantos se curvou e saiu. As damas hesitaram, todas olhando para Carter. *Sou exótico para elas*, o capitão pensou.
A matrona do grupo - uma mulher austera e magra - expulsou todas as outras do aposento.
– Saiam agora! Vamos, agora!
Depois que todas saíram, Dejah fechou a porta com o ferrolho e olhou para Carter. Esperou que ele se manifestasse.
– Você está linda - ele disse. A palavra não era intensa o bastante.
Dejah apontou o vestido.
– Zodanguiano tradicional. Foi usado pela mãe do noivo no casamento dela. Eu acho um pouco vulgar, mas minha opinião logo será irrelevante.
– Não se eu puder evitar. - Com um movimento rápido, Carter a tomou nos braços e pulou para a janela, preparando-se para sair. Mas, antes que pudesse saltar, Dejah se libertou atingindo-o com violência no queixo.
Ela estava furiosa.
– Não tem nenhuma consideração pela minha situação? - ela perguntou.
– Eu vim resgatá-la!

– Não. Eu estou resgatando Helium.
Carter balançou a cabeça, chocado e confuso.
– Você me disse... No deserto, disse que não poderia se casar com ele.
– Não tenho escolha. - Ela o encarava furiosa e linda no vestido de noiva. - Você me disse isso.
Ele virou de costas, os punhos cerrados.
– Dê-me uma razão - Dejah continuou, e de repente sua voz tremia. - Um motivo para não me casar com ele. Você vai... vai ficar e lutar por Helium?
Ao se virar para encará-la, Carter viu a esperança iluminando seus olhos. Esperança por ela mesma e por seu povo. Esperança de que Helium tivesse agora um defensor, e que ela não precisasse se casar com um homem que só a via como propriedade.
Carter abriu a boca para falar. Um brilho dourado chamou sua atenção, e ele olhou para a própria mão. Para as alianças idênticas que usava.
– Dejah...
-Temos um ditado em Barsoom - ela o interrompeu, e seu tom era novamente frio e firme. - Um guerreiro pode mudar seu metal, mas não seu coração.
Ela se aproximou, enfiou a mão no vestido e tirou dele o medalhão.
– Você estava certo - a princesa continuou. - Eu sabia decifrar a inscrição, podia ler o comando. Posso lhe dar o que você quer.
Carter olhava para o medalhão. Seu coração bateu depressa.
– É uma frase simples, uma seqüência de sons. Repita comigo. - Dejah pôs o medalhão nas mãos dele. - *Ok Ohem. Oktay*.
Um barulho repentino soou do lado de fora. Carter ouviu vozes do outro lado da porta.
Kantos Kan:
– Sua Alteza pediu para não ser incomodada.
Sab Than:
– Com aquela aberração solta por aí? Afaste-se, seu calot empetecado!
– Com todo o respeito, ó Poderosa Magnificência, não posso.
Batidas na porta.
Sab:
– Dejah! Você está bem?
Dejah inclinou-se para Carter com urgência.
– *Repita! Ok Ohem. Oktay*.
Carter estava com a garganta seca.
– *Ok Ohem. Oktay*.
O medalhão começou a brilhar na mão dele. A energia pulsava ao longo das pernas da aranha.
– *Weez - continuou Dejah. -Jasoom.*
– *Weez*... - hesitou ele.
- *Jasoom* - a princesa repetiu.
As batidas na porta tornaram-se violentas e seguiram-se de um estalo.
- Jasoom. Diga! - Ela praticamente gritava com Carter. - Diga!
Carter olhou para o medalhão, cujo brilho agora era quase ofuscante. Sentia a pressão do espaço, a imensa distância entre os mundos chamando-o de volta. Abrindo a boca, começou a formar a última palavra.
– Jasoo...
A porta foi arrombada com violência, espalhando pedaços de madeira pelo interior do quarto. Dejah Thoris protegeu o rosto e virou-se.

Os guardas zodanguianos entraram correndo, seguidos pelas curiosas damas de companhia e pela matrona.
Sab Than passou por todos eles e caminhou, pisando duro, na direção de Dejah. Ele a segurou pelos ombros, fascinado, orgulhoso e possessivo ao mesmo tempo.
– Está sozinha?
Juntos, os dois olharam em volta estudando o aposento. Banheira, cama, móveis e arcas cheias de sedas.
Nada de John Carter.
– Sim - Dejah respondeu em voz baixa. - Estou sozinha.

CAPÍTULO 13

JUNTO DA abóbada do teto, encolhido entre as sombras dos beirais, Carter assistiu em silêncio quando Sab Than conduziu Dejah para fora do aposento, mantendo um braço possessivo em torno de sua cintura. Os guardas e as damas de companhia os seguiram. A matrona olhou em volta com evidente desconfiança e saiu depois de todos, fechando a porta ao passar por ela.

Sozinho, Carter pulou para o chão.

Havia tomado sua decisão, percebeu ele. A Terra estivera a uma sílaba de distância; sentira sua atração, pudera quase sentir o cheiro da grama verde da Virgínia. Mas, no final, Dejah Thoris era mais importante que tudo. Ela era o seu mundo.

Infelizmente, não tinha idéia do que fazer agora. Estava livre, mas seria caçado e hostilizado naquela cidade alienígena. E faltava menos de um dia para o casamento de Dejah com o tirano que governava essa cidade.

Helium e Zodanga haviam feito um pacto. A única esperança de Carter eram os tharks.

Ele saiu do quarto, estudando com atenção o corredor vazio. Virou-se para um canto onde encontrou uma escada sinuosa e deu de cara com a matrona de Dejah.

A velha empunhava uma estranha arma em forma de bracelete. Uma teia de cintilante energia azul brotou dela, atingindo o peito de Carter e se espalhando como musgo instantâneo. Ela se expandiu para cima, até o pescoço, e para baixo, pelas pernas, cobrindo também os braços e as roupas. Então enrijeceu, ficou dura como pedra, e ele não conseguia mover o corpo.

– O que é isto...?

A teia subiu mais um pouco pelo pescoço, envolvendo o queixo e formando uma mordaça.

A matrona levou um dedo aos lábios.

– Shh...

Com um movimento suave, ela tirou o medalhão da mão de Carter. Depois parou atrás dele, se inclinou sobre seu ombro... e seu rosto mudou. Tornou-se mais duro, mais anguloso, mais masculino. Ela também parecia estar mais alta, e uma expressão muito antiga, quase atemporal, surgiu em seus olhos.

– Sou Matai Shang - disse a criatura. - E garanto que teremos muito tempo para conversar.

A teia de energia se espalhou sobre os olhos de Carter e o mundo ficou escuro. Ele fez um ruído abafado, apavorado, mas o braço firme de Matai Shang o empurrava para a frente. Carter ouvia barulhos, vozes. O ar estagnado no interior do palácio deu lugar a uma brisa morna, e ele sentiu a movimentação de muita gente à sua volta. Uma multidão. Carter quase tropeçou quando chegou a uma escada de poucos degraus, mas a mão firme obrigou-o a se sentar.

Quando a arma de energia thern removeu a teia de seus olhos, Carter descobriu que estava sentado em um carro de combate zodanguiano. Conseguia mover o pescoço o suficiente para espiar pela janela: uma rua cheia, ocupada por pedestres e barracas de vendedores. E por estátuas de Sab Than.

– A avenida dos Guerreiros - disse Matai Shang.

Matai estava sentado na frente dele. Agora vestia uma túnica bege etérea e usava pulseiras metálicas. Ele olhava para Carter como um gato estudando um rato ferido.

Carter tentou se mexer, mas o equipamento thern mantinha seus membros paralisados. Matai tocou seu bracelete, e um fio se soltou do pescoço de Carter. Ele tossiu sufocado.

– Agora vamos ter aquela conversa - disse Matai.

– Quem é você?

– Ah. Americano.
Carter franziu o cenho.
– Quem *é* você, senhor?
– *Senhor*. Americano do sul, com certeza. - Shang inclinou a cabeça quase como se estivesse se divertindo. - Das Carolinas? Virgínia? É da Virgínia, não é? Lugar adorável.
– Você o conhece?
– Não muito, ainda. Mas vou conhecer.
O carro estremeceu e parou. Matai abriu um pequeno painel sobre sua cabeça. Em seguida, encostou um dedo na garganta e falou com uma voz completamente diferente. A voz de um oficial militar zodanguiano.
– Padwar, qual é o problema?
O condutor respondeu de seu posto na frente do carroção.
– Desculpe, senhor. As ruas estão interditadas. É o cortejo nupcial.
Matai fechou o painel meio aborrecido. Depois sorriu do esforço inútil de Carter.
– Maior força e agilidade. Uma simples questão de gravitação e anatomia... nós devíamos ter previsto.
– Nós quem?
– Não há indícios de aumento da inteligência... infelizmente para você. De qualquer maneira, isso não vai continuar. - Matai mostrou o medalhão, balançando-o perto do rosto de Carter. - Não podemos permitir que terráqueos projetem-se para Barsoom, que saiam pulando por aí causando todo tipo de confusão.
Uma linha surgiu na testa de Carter. Esse homem ou criatura, o que quer que fosse, tinha armas e poder ao seu dispor - e também parecia saber tudo sobre Carter e a Terra. De repente Carter lembrou as palavras de Dejah no assentamento thark.
– Você é um thern - ele disse.
– Therns são um mito - respondeu Matai.
Em seguida ele tocou o pescoço novamente e falou com a voz do oficial:
– Padwar, vamos prosseguir a pé.
As portas de trás do carro de batalha se abriram. Carter sentiu as pernas se soltarem e descobriu que era capaz de ficar em pé. Quando elevou os olhos novamente, Matai Shang se transformara por completo, corpo e roupas, assumindo a aparência de um jovem oficial zodanguiano.
Eles saíram do veículo e mergulharam na multidão. Cidadãos zodanguianos se espremiam em torno deles vestindo o vermelho comemorativo. Havia muitos deles, e o espaço era insuficiente para Carter tentar fugir. E seus braços ainda estavam presos.
– Os therns não existem - Matai falou em voz baixa. - Eu não existo. Na verdade, me esforço muito para isso.
A multidão ficou ainda mais compacta, se espremendo e esbarrando em Carter. Quando ele levantou o olhar, a aparência de oficial de Matai havia sido substituída pela figura de uma sorridente velhinha.
– Com licença - dizia Matai. - Mil desculpas... que as bênçãos de Issus se derramem sobre você...
A multidão foi ficando para trás, e Carter finalmente viu o carro do desfile real se aproximando, pairando sobre a rua larga. Sab Than e Dejah Thoris viajavam em pé sobre ele, acenando para os cidadãos que os idolatravam.
– É uma pena, realmente - Matai falou com a voz da velha senhora. - Ela é uma criatura impressionante. E chegou bem perto, de verdade.
– Refere-se ao Nono Raio - deduziu Carter.

– Isso não tem importância agora. Hoje à noite, quando as duas luas se encontrarem e os votos forem trocados, vai haver uma grande cerimônia. E depois ela, todos que tiverem conhecimento do Nono Raio serão eliminados. - Matai olhou para Carter e sorriu com crueldade, desumano. - Pena não haver ninguém para preveni-la.
Carter virou-se para o carro do desfile... e a teia subiu por seu pescoço, cobrindo a boca mais uma vez. Um grito abafado morreu em sua garganta.
O carro real passou por ele. No meio da multidão eufórica, apenas Carter enxergava a tristeza por trás do sorriso estoico de Dejah Thoris.
Matai acenou quando o carro passou flutuando.
– O equilíbrio deve ser restaurado.
Ele segurou o braço de Carter e o levou outra vez pelo meio da multidão. Lá na frente, Carter viu o espaço elevado do hangar zodanguiano com seus diversos níveis de aeronaves, pilotos e mecanismos.
A teia se retraiu. Carter aspirou uma grande porção de ar.
– O que... o que dá a você o direito de interferir?
– Por que se importa? - A curiosidade de Matai parecia ser honesta. - Essa não é sua casa; você não tem nenhuma obrigação para com essas pessoas. Como diriam na Virgínia? Você não tem cão nessa rinha. É um homem sem causa.
Quando se aproximaram da base do Hangar, Matai retomou com facilidade a forma do oficial. Ele cumprimentou os guardas e levou Carter para uma plataforma elevatória aberta.
Quando a plataforma começou a subir, Matai retomou sua verdadeira forma.
– Qual é a sua causa? - Carter perguntou.
– Oh, não temos nenhuma. Não somos atormentados pela mortalidade como vocês. Somos eternos.
– O casamento... Esse nosso passeio. Por que não me mata? E mata Dejah?
– Não questione nossos motivos, terráqueo. - Matai apontou um lugar além da plataforma aberta, para a cidade de Zodanga lá embaixo. - O que tem que acontecer vai acontecer. Hoje à noite Dejah Thoris fará seus votos, beberá do cálice e selará o destino de Barsoom. Nossos agentes passaram décadas preparando tudo isso: eles exercem seu ofício no Conselho de Helium, nas torres mais altas de Zodanga, nos mais baixos cortiços de Barsoom. Estamos em todos os lugares. Jogamos esse jogo desde o nascimento do mundo, e continuaremos jogando por muito tempo depois que seu mundo morrer.
Carter olhou para as torres da cidade. Conseguia ver o carro real ao longe, na lotada avenida dos Guerreiros.
Matai continuou:
– Entenda, nós não causamos a destruição do mundo. Simplesmente a administramos... nos alimentamos dela, se preferir. Mas em cada mundo hospedeiro a coisa acontece do mesmo jeito. A população aumenta, a sociedade se divide, guerras explodem. E durante esse processo, o planeta negligenciado morre lentamente.
A plataforma chegou ao hangar elevado. Matai Shang, outra vez na forma de oficial, soltou uma ordem.
– Transporte de prisioneiro. Prepare um planador de dois lugares imediatamente.
O planador era uma máquina assustadora: pouco mais que um grande cilindro com controles e instrumentos, um para-brisa e "asas" de metal brotando das laterais para captar a energia solar. Quando o thern o prendeu ao assento traseiro e ligou o motor, Carter sentiu um profundo desespero. A teia sobrenatural o prendia com força, respondendo a todos os comandos de Matai

Shang. Carter não podia fazer nada.
Mas havia mais. Os therns dominavam esse mundo e pareciam ter poder absoluto. Nenhum homem da Terra, nenhum thark, zodanguiano ou heliuminita poderia enfrentá-los. Nenhuma criatura de nenhum mundo...
Antes que eles pudessem decolar, o planador tombou de lado. Matai foi arrancado da nave, mas Carter caiu com ela. Ele tentou virar a cabeça e viu uma criatura enorme e furiosa saltar no ar e cair sobre o thern com um estalo das mandíbulas poderosas.
– Woola! - gritou Carter.
Matai se debatia sob o peso do corpo do animal. Woola soltou-se e mastigou o bracelete de Matai, esmagando-o contra o braço do thern. Matai gritou de dor.
Com o bracelete destruído, as amarras de Carter se desfizeram. Ele se levantou, depois se ajoelhou ao lado do thern subjugado e aflito.
– Imortal, mas não à prova de bala - ele disse, afagando Woola com um gesto distraído. - Acertei um de vocês na Terra. Lembre-se disso.
Carter pegou o medalhão e o guardou dentro da bota. Em seguida percebeu que os guardas zodanguianos apontavam em sua direção e corriam para pegá-lo. Woola ganiu preocupado.
Carter olhou para o planador de dois lugares, ainda ligado. Pulou dentro dele com rapidez e estudou os controles. Enquanto tentava entendê-los, ele procurava não pensar no que tinha de fazer agora.
O capitão John Carter, veterano de combate em terra no século XIX, faria seu primeiro vôo solo.

CAPÍTULO 14

PARA CARTER, a hora seguinte se passou em meio a uma confusão de instinto e ação. Ele conseguiu fazer o flutuador subir, perdeu o controle e o recuperou. Ouviu Matai Shang gritar alguma coisa, e depois um zumbido alto atrás dele: guardas em planadores individuais decolando para persegui-lo. Em pânico, Carter mergulhou bem perto da lateral do hangar, depois subiu novamente em tempo de ver o palácio se aproximando.

Ele desviou depressa, perdeu o controle e mergulhou outra vez no labirinto de canos das refinarias da cidade, a rede de metal fumegante que fornecia energia às ruas. Dois planadores zodanguianos estavam bem perto dele agora. Carter desviou de canos grossos e escaldantes, puxando a alavanca de comando com firmeza como vira os pilotos de Barsoom fazer.

Cada comando, por mais brando que fosse, fazia o flutuador sacudir intensamente. *Isto não é um cavalo*, pensou o capitão.

Carter subia, descia, jogava o planador de lado - e de repente descobriu que estava embaixo da cidade, voando entre as fileiras de gigantescas pernas móveis. Elas afundavam na areia como torres de poços de petróleo, como bate-estacas. Tenso, Carter segurou com mais força os controles do flutuador.

Um dos zodanguianos não foi rápido o bastante e se chocou contra uma perna. Seu planador explodiu numa bola de fogo.

Mas quando Carter reduziu a velocidade para superar a desorientação, um segundo zodanguiano tirou proveito desse instante. Ele manobrou para a lateral da nave, emparelhou com ela e apontou a arma diretamente para o alvo. Carter fez uma careta de horror.

Um tiro ecoou. O zodanguiano caiu do planador deixando um rastro de sangue no ar. Carter olhou em volta, desesperado. Já estava quase fora da cidade, e podia ver a trincheira vazia deixada em seu rastro. As últimas pernas passaram por ele, e Carter viu o atirador na areia lisa lá embaixo. Sola e seu rifle thark. Woola estava ao lado dela, latindo muito animado.

Carter, aos solavancos, fez um pouso um tanto desconfortável. Atrás dele, a cidade continuava se movendo lentamente pelo deserto.

Quando ele saltou do planador, Sola se aproximou como uma mãe que reencontra o filho.

– Calma! - ele pediu. - Sola...

– Eu disse que Woola poderia encontrá-lo em qualquer lugar - ela respondeu.

Carter sorriu para o animal, que pulava de alegria. Depois, ele se virou e voltou ao planador.

– Aonde vai? - perguntou Sola.

– Salvar Dejah. E vou precisar de um exército para isso. - Ele ligou o motor. - Suba.

– Não. - Sola hesitou. - Não é natural. Tharks não voam.

Carter sorriu outra vez.

– Agora voam.

Era uma imagem fabulosa: Carter no assento do piloto, Sola montada atrás dele, agarrando-se com os quatro braços à cintura do capitão, e Woola esticado como um enfeite de capô sobre a frente do planador. O animal estava inseguro no início, mas logo começou a uivar com euforia para o vento.

Ao chegarem ao assentamento thark, Carter descobriu que pousar o planador era ainda mais difícil com passageiros. Ele se chocou contra uma duna, criando uma onda de areia que subiu

muito alto. Depois disso, o planador derrapou barulhento até parar, cheio de areia.
Quando a poeira baixou, eles descobriram que estavam diante de dois rifles thark.
– Levem-me ao Jeddak - Carter ordenou. - Agora!
Os guardas os levaram pelo labirinto de tendas. Sarkoja mostrou os dentes quando os viu passar. Sola se encolheu, desviando depressa os olhos.
Quando chegaram à tenda do Jeddak, Carter passou pela abertura da lona sem se anunciar.
-Tars! Eles vão matar Dejah...
Mas o thark sentado na cadeira do Jeddak não era Tars Tarkas. Tal Hajus levantou os olhos de um prato de comida, e uma expressão de alegria sinistra dominou seu rosto.
– Issus de fato recompensa os justos - ele disse.
Carter foi jogado por uma grade e caiu cinco metros ou mais no fundo de uma masmorra em ruínas. A pedra acorrentada a sua perna caiu atrás dele.
Tal Hajus esboçou um sorriso antes de fechar a grade e se afastar.
Os olhos de Carter tentavam se ajustar à escuridão. Longos esqueletos de tharks ocupavam os cantos do espaço escuro e malcheiroso... e havia mais alguma coisa. Outra silhueta...
– Eu vejo os mortos.
A voz era rouca, mas conhecida. Carter estreitou os olhos.
– Tars?
O antigo Jeddak estava encolhido contra uma parede, nu e machucado. Havia dúzias de pequenos ferimentos cobrindo seu corpo. Ele parecia mais morto do que vivo e não dava a impressão de ter total consciência do ambiente.
– O Vorgínia que conheci - disse Tars - viajou pelo Iss...
– O Virgínia voltou, meu amigo. - Carter se abaixou para examiná-lo. - O que fizeram com você?
Tars levantou o olhar, como se o focasse em Carter pela primeira vez.
– Seu Jeddak, antes grandioso, agora enfrenta banths famintos na arena. - Ele tossiu sangue. - Quando o vi, quis acreditar que era um sinal de que algo novo poderia acontecer com este mundo. Não importa. Minha filha está com a mãe, no paraíso. Isso me conforta.
Carter hesitou:
– Ah,Tars... na verdade, Sola voltou comigo. Está aqui.
Tars se levantou com velocidade espantosa e atingiu Carter com toda força. Carter voou para o outro lado da masmorra, chocando-se contra a parede. A corrente e a pedra o seguiram, e quase o atingiram.
Com uma expressão assassina, Tars Tarkas começou a avançar para o terráqueo.
-Tars. Não... espere! - Carter levantou a mão. - Dejah, Helium. Eles estão prestes a...
– É assim que você paga sua dívida comigo?
Tars estendeu as quatro mãos e começou a esganar o terráqueo. Carter arfou e tentou falar.
-Tars... não... Helium! Eles vão...
Mas era inútil. Mesmo machucado, Tars era muito mais forte que Carter. O capitão sentiu a força das mãos verdes, viu a masmorra desaparecer em meio a uma densa névoa de morte. Seus olhos encontraram os esqueletos: *logo serei um deles*.
Mas as mãos se afrouxaram repentinamente em seu pescoço, e Tars Tarkas desmaiou de exaustão.
Uma grande porta se abriu e três guardas tharks entraram. Eles cutucaram Carter com suas lanças e fizeram o mesmo com Tars até ele abrir os olhos.
– Em pé. Agora! - disse um dos guardas. - Vamos!
Carter empurrou as lanças para longe, sem se importar com o que os guardas faziam. Para sua surpresa, eles recuaram e permitiram que Carter ajudasse Tars Tarkas a ficar em pé.

– Estamos acabados - Tars disse em voz baixa.
– Bobagem. - Carter forçou um sorriso. - Deixe um thark com sua cabeça e uma mão, e ele ainda pode vencer. Certo?
– Sua moral me irrita.
Quando os guardas os deixaram sair, Carter sentiu uma esperança repentina e irracional. Com Tars Tarkas a seu lado, ainda poderia escapar.
Mas sabia que não seria sem luta.
A luz envolveu Carter - forte e ofuscante - quando a enorme parede de pedra subiu, revelando a arena thark do outro lado. Ao lado dele, Tars Tarkas preparava o espírito para a batalha.
Arquibancadas em ruínas contornavam toda a área e acomodavam os tharks ruidosos, que aplaudiam e cantavam. Uma grande parede com lanças de ferro o topo separava a arena da platéia. A arena propriamente dita era cheia de ossos secos, mas também havia ali as grandes e podres carcaças de meia dúzia de banths.
Carter apontou os cadáveres.
– Aquilo é obra sua?
Tars assentiu cansado.
Atrás deles a muralha de pedra fechou, prendendo-os na arena. Não havia como escapar.
No alto, na arquibancada, uma figura solitária se levantou dos escombros de um trono entalhado. Tal Hajus levantou os braços, e a multidão silenciou imediatamente.
– Fraqueza. Sentimento. - Tal apontou para Carter. - Permitir que abominações como esse verme branco contaminem a tribo!
Os tharks se manifestaram ruidosamente.
– Somos unidos porque eliminamos as aberrações - continuou o novo Jeddak. - Somos fortes porque desprezamos a fraqueza. - Ele olhou para baixo, para o local da arquibancada onde Sola permanecia acorrentada pelo pescoço como um cachorro. Sarkoja, cruel como sempre, segurava a coleira.
– Que sejam esmagados como os ovos que não chocam!
A multidão gritou e começou a jogar pedras na arena. Tars se encolheu sob o ataque e caiu de joelhos. Carter fez menção de protegê-lo, mas sua corrente esticada impediu que chegasse mais. Ele olhou para trás e viu que os guardas thark haviam prendido o outro elo da corrente a uma grande pedra perto da porta. Preso dessa maneira, Carter só conseguiria chegar até o centro da arena.
Um grito soou - um grito de pesadelo, de fome predatória, um grito diferente de tudo que Carter já ouvira antes. Sua fúria quase humana o paralisou de modo instintivo.
– Isso é um banth? - ele perguntou.
– Não. - Tars balançou a cabeça devagar, os olhos cheios de medo. - É um macaco branco.
Do outro lado da arena, um portão de ferro subia. O macaco branco se libertou: gigantesco, quatro braços, o dobro da altura e três vezes a largura dos tharks, seus olhos não eram visíveis. Ele parou no centro da arena e farejou o ar às cegas, depois se virou devagar para Tars e Carter.
Os tharks aplaudiram.
- Deus do céu - Carter sussurrou.
O macaco rugiu e atacou. Carter tentou proteger o enfraquecido Tars Tarkas, mas era tarde demais. A criatura balançou os braços num ataque cego e jogou Tars para o outro lado da arena. Quando ele caiu no chão, o macaco virou e começou a caminhar na direção dele, abandonando Carter por um momento.
Carter correu na direção da criatura. Mas, de novo, a corrente o deteve. Sem ação, ele viu o

macaco se aproximar do antigo Jeddak, rugindo e batendo os pés no chão.
Os tharks ficaram de pé, gritando com entusiasmo. Carter viu Sola pressionar o rosto entre as lanças que serviam de grade, os olhos muito abertos, enquanto acompanhava o tormento de Tars. Sarkoja ainda segurava firme a coleira.
Carter puxou a corrente, incrivelmente frustrado. Não podia ajudar Sola, não podia ajudar Tars. Tal Hajus agora comandava os tharks, e Sab Than logo governaria o restante de Barsoom. E Dejah... Dejah Thoris...
Não. Não podia deixar tudo desmoronar. Nem para ele, nem para os tharks que se tornariam seus aliados na batalha. E, especialmente, nem para ela.
Rangendo os dentes, Carter segurou a corrente com as duas mãos. Ele a sacudiu para cima e para baixo, batendo com ela no chão com toda força que tinha. Uma vez, duas, quatro e cinco vezes.
O macaco branco parou sobre o corpo imóvel de Tars Tarkas e se virou na direção do barulho.
O animal avançou para Carter.
O macaco o alcançou mais depressa do que ele esperava. Carter pulou, passando por cima da cabeça da criatura, e parou no ar quando a corrente esticada o brecou. O tombo violento o deixou tonto por um momento.
O macaco atacou outra vez. E de novo Carter pulou.
Na platéia, Tal Hajus chamou um guarda e ordenou com frieza:
– Solte o outro.
Quando ele caiu, o segundo macaco o atacou. Carter o estudou por um momento, depois virou para o primeiro macaco, que se aproximava pelo outro lado. Podia saltar outra vez, mas agora não havia como fugir. Ele olhou em volta com desespero, para os banths mortos e para os tharks agitados - e foi nesse instante que Sola se jogou na arena por cima das lanças.
Sarkoja, que ainda segurava a coleira, gritou quando sentiu a corda esticar, tirando-a do chão e levando-a pelo mesmo caminho que a outra thark seguira. A armadura de Sarkoja enroscou nas lanças, e ela ficou pendurada no alto da muralha, xingando e brandindo a espada freneticamente.
Sola aterrisou no meio da arena. Os macacos pararam e farejaram o ar.
No chão, Tars Tarkas se agitava.
– Sola! Ficou maluca?
– Não - gritou Sola. - O sangue de meu pai me conduz!
Sarkoja se soltou das lanças e olhou furiosa para a arena.
- Pai?
Sola puxou a corrente, e Sarkoja caiu dentro da arena. Bem nos braços de um dos macacos brancos.
Ele rugiu uma vez, depois a rasgou ao meio.
A multidão gritava e vaiava.
Carter viu Sola ajudar Tars Tarkas a ficar em pé. Quase sem olhar em volta, Tars levou um dos braços às costas e puxou uma lança do corpo de um banth. Ele a arremessou contra o segundo macaco, acertando em cheio o peito da fera.
O macaco arrancou a lança e, uivando e sangrando, se lançou numa corrida furiosa para Tars e Sola.
Carter sorriu. Agora tudo começava a ficar melhor.
Ele começou a circundar o primeiro macaco, puxando a corrente para contornar seu corpo atemorizante. O macaco rugiu e se soltou, levando com ele um pedaço da parede de pedra onde estava a outra extremidade da corrente. Exigindo o máximo dos músculos, Carter girou a corrente no ar sobre sua cabeça e acertou a fuça do macaco com a pedra e o pedaço de parede.

Houve um estalo pavoroso, e o macaco caiu no chão. Morto.
O outro macaco rugia em agonia, ainda perseguindo Sola e Tars pela arena. Quando eles passaram correndo pelo corpo destroçado de Sarkoja, Carter gritou:
– Sola!
Sola saltou para o lado, pegou a espada de Sarkoja e a jogou para Carter no momento em que o macaco já os estava alcançando.
Carter saltou e pegou a espada no ar. Ele aterrissou perto dos dois tharks quando o macaco branco já os esmagava. Por alguns longos segundos, a arena ficou em silêncio. Então, a ponta da espada penetrou as costas do macaco. Carter abria a carne do animal, coberto pelo seu sangue, e a multidão explodiu.
Quando ele emergiu elevando a espada, os tharks enlouqueceram.
– Vorgínia! Vorgínia! Vorgínia!
Sola levou o pai alquebrado para longe do macaco, que ainda era sacudido por espasmos.
Coberto de sangue, Carter caminhou até a arquibancada. Com um golpe certeiro, ele cortou a corrente em duas, depois apontou a espada para Tal Hajus. Os tharks silenciaram.
– Exijo o direito de desafio! - Carter gritou.
A platéia reagiu com um murmúrio chocado.
Tal Hajus levantou-se devagar. Ele olhou para Carter com arrogância, mas seu tom agora era menos confiante.
– Não tem nenhum direito de desafio. Você não é um thark.
– Ele é um thark! - disse Tars Tarkas, brandindo o punho. - Ele é Dotar Sojat!
Sola começou a repetir:
– Do-tar So-jat! Do-tar So-jat!
Logo toda a multidão estava em pé.
– Do-tar So-jat! Do-tar So-jat! Do-tar So-jat!
Um lampejo de medo passou pelo rosto de Tal Hajus.
Carter girou sua espada como se quisesse envolver toda a arena.
– Quem vai aliar seu metal ao meu?
Os tharks gritaram ainda mais alto. Tars Tarkas e Sola aproximavam-se de Carter, mas ele os mandou recuar com um gesto. Sua atenção - e sua espada - estavam focadas unicamente em Tal Hajus.
Tal reagiu. Ele pegou quatro espadas dos guardas que o serviam, uma em cada mão. Depois passou com facilidade por cima da muralha de lanças e entrou na arena, e um grito de guerra brotou de seus lábios verdes.
Carter enrijeceu o corpo e pulou. Quando passou por Tal Hajus, no ar, ele abaixou o braço que segurava a espada. Todos os seus músculos se contraíram quando a lâmina cortou alguma coisa. Tudo acontecia depressa demais para ver.
Carter aterrissou como um gato e se virou. Tal Hajus o encarava com desprezo. Por um momento, Carter pensou que a espada não havia atingido o alvo, que cortara alguma coisa que a platéia jogou, talvez.
Mas então a cabeça de Tal se desprendeu do corpo e tombou no chão da arena.
Carter olhou para a multidão perplexa. Novamente, o público começou a ovacionar:
– Do-tar So-jat! Do-tar So-jat!
Sola tocou seu ombro, e Tars olhou para ele com um exausto sorriso thark. Carter sorriu de volta... e saltou mais uma vez, passando por cima da muralha de lanças e descendo no trono abandonado por Tal. De lá, ele olhou para a multidão com a espada erguida. Os tharks

mergulharam num silêncio obediente.
– O Jeddak de Zodanga planeja destruir Helium esta noite - Carter falou. - E se Helium cair, Barsoom também cai. Devemos nos livrar do ranço de ódios antigos. Os tharks nada têm a ver com isso, mas, por Issus, os tharks vão acabar com isso!
A multidão foi à loucura. Na arena lá embaixo, os olhos de Tars brilhavam orgulhosos.
– Vamos cavalgar - Carter berrou - até Zodanga!

CAPÍTULO 15

SAB THAN se sentia estranhamente inquieto enquanto observava os convidados para o casamento enchendo o palácio de luz. Esse era seu objetivo, o ponto máximo de tudo por que havia trabalhado. Mas a consciência de Matai Shang ainda invadia sua mente, perturbando seus pensamentos.

Nem mesmo isso é meu, ele pensava.

A nata da realeza de Zodanga passava pela porta exibindo o resplandecente traje vermelho. Do outro lado, os heliuminitas marchavam avançando como um mar azul. Os dois cortejos se dirigiam às escadas dos dois lados, subindo para uma área comum sob a cúpula brilhante. O casamento aconteceria no palanque central, onde Sab agora estava com seus cinco padrinhos e um guarda-costas.

Do outro lado do palanque, Dejah Thoris aproximava-se do pai, Tardos Mors. Ele entregou-lhe uma ponta de uma corrente cerimonial, e depois começou a falar em voz baixa.

– Quer ouvir o que eles dizem? - Matai Shang perguntou na mente de Sab. Ele assentiu, e de repente teve acesso a cada palavra da conversa entre Tardos e Dejah. Sem dúvida, Matai tinha outro espião infiltrado na corte real de Helium e compartilhava a consciência grupal dos therns mais uma vez.

– Eu sei - disse Tardos - que esse não é o destino que você teria escolhido, filha. Nem para você, nem para Helium. Mas escolher é um luxo, até mesmo para um Jeddak de Barsoom. Seu coração.

– Um coração também é um luxo - Dejah declarou.

Pai e filha se viraram e começaram a caminhar para o centro do palanque. Sab Than foi ao encontro dela exibindo um sorriso forçado. O rosto de Dejah era duro, despido de toda emoção.

– Calma - Matai Shang falou só para ele. - Lembre-se de que ela não é o troféu.

Os padrinhos acompanharam Sab, e as damas de Dejah juntaram-se a ela. Sab parou ao lado da noiva, e a sacerdotisa ocupou sua posição diante deles.

Lá em cima, um espelho anexado no alto de uma cúpula se moveu. Um raio de luar foi refletido para um receptor no palanque - e o palanque começou a levitar, erguendo-se no ar lentamente. Quando o palanque chegasse ao nível da galeria no segundo andar, a cerimônia começaria.

– O troféu é Barsoom - Matai falou.

Foi fácil achar Zodanga. Ela não havia percorrido uma grande distância desde que Carter escapara, e seu caminho de destruição era visível a quilômetros. Quando suas torres surgiram, o terráqueo soltou um grito de guerra, e várias centenas de tharks montados se lançaram contra os portões da cidade.

Atendendo a uma ordem de Tars Tarkas, os tharks atiraram, destruindo o portão principal com uma rajada violenta. Os tharks invadiram as ruas rugindo e uivando. Carter preparou-se para enfrentar resistência, puxando com força as rédeas do thoat. Ele olhou em volta, além dos antigos prédios de pedra e dos alojamentos dos guardas, e viu... nada. Ninguém, nenhuma multidão, nenhum cortejo nupcial, nenhuma defesa. Nenhum exército. Só alguns guardas e civis zodanguianos correndo para tentar escapar da horda verde.

O ataque thark foi reduzido a uma procissão lenta e perplexa. Tars Tarkas aproximou sua montaria na de Carter, e os dois trocaram olhares atônitos.

Sola viu um guarda zodanguiano escondido em uma soleira. Ela saltou de cima do thoat e pegou-o pelo pescoço, segurando-o bem perto das presas afiadas.

– Por que Zodanga está sem nenhuma defesa? - perguntou. - Onde estão todos?
– O exército foi deslocado para o entorno de Helium! Resta-nos apenas um pequeno contingente. - O homem se debatia apavorado.
– Eu imploro... piedade!...
Carter aproximou-se deles.
– Sab e Dejah Thoris. Onde eles estão?
– No casamento.
Tomado por uma frustração incontrolável, Carter puxou a espada.
– Em Helium! - o homem gritou. Tar Tarkas se aproximou de Carter.
– Estamos na cidade errada? - Ele bateu na cabeça do terráqueo, um golpe doloroso.
Eu mereço, Carter pensou.
– É a única maneira de chegarmos a tempo - insistiu Carter.
Tars Tarkas cravou nele o olhar de aço.
– Tharks. Não. Voam.
Estavam juntos no Hangar zodanguiano. Havia tharks ocupando todos os espaços, olhando desconfiados para as aeronaves ali reunidas. Normalmente, os marcianos verdes eram destemidos, sempre prontos para se lançar em uma nova situação sob o comando do Jeddak. Mas isso ia longe demais.
Carter abriu a boca para argumentar, mas parou. O tempo estava acabando.
– Tudo bem - disse. E apontou para um guarda thark, que jogou-lhe uma pistola extra. Carter pegou mais uma espada, e só então saltou sobre um planador individual, ligando imediatamente o motor.
Woola, o fiel Woola, rugiu protestando. Sola deteve o animal. Tars Tarkas aproximou-se de Carter com cuidado.
– Isso é loucura, Dotar Sojat. Você vai morrer.
– Nesse caso, nós nos encontrarmos no rio Iss! - Carter gritou em meio ao barulho do planador.
Sola tocou seu braço.
– Siga o canal - ela disse. - E tome cuidado. O luar vai obrigá-lo a voar baixo.
Ele assentiu, sorriu e removeu a mão dela. Em seguida, o planador ascendeu contra o céu noturno.
Carter começou seu ataque solitário contra as forças de Helium e Zodanga.
Enquanto a terra escura e desolada passava depressa lá embaixo, e Carter se deu conta de um fato surpreendente. Desde que chegara a Barsoom, esta era a primeira vez que ficava sozinho. Apesar da urgência de sua missão, de repente ficou pensativo.
Sua antiga vida na Terra agora era algo distante, quase inimaginável. O pensamento provocou uma pontada de culpa, e por um momento ele sentiu a presença de Sarah, sentiu o cabelo longo e macio acariciando seu pescoço. Silencioso e triste, ele se despediu dela pela última vez.
Nesse momento, entendeu o que era importante para ele. Barsoom - e acima de tudo, Dejah Thoris. A antiga guerra, a velha dor, tudo havia passado. Agora tinha um motivo novo para lutar, algo que valia a vida de um homem. Ele manuseou os controles do planador, alimentando o motor com mais força armazenada. A aceleração o empurrou contra o assento.
Helium já era visível adiante, uma joia cintilante em um mar de areia morta. Carter franziu o cenho e virou o planador de lado, analisando o deserto à sua frente. Não era fácil de distinguir, mas tinha certeza de que um grande exército de tropas terrestres de zodanguianos se movia pelo deserto, se espalhando para cercar a cidade. As tropas não levavam tochas, nem fonte de luz. Isso os teria delatado.

Exatamente como ele pensara. Zodanga planejava usar o casamento real como distração para invadir e dominar Helium com força avassaladora. Por isso haviam deixado a própria cidade quase sem defesa.

Carter respirou fundo ao aproximar o planador do exército zodanguiano. Um soldado apontou para cima, para ele, e girou rapidamente o rifle em sua direção. Mas um oficial de patente mais alta bateu na mão dele.

Carter suspirou aliviado. Contava com isso, com a chance de ninguém atirar para não delatar sua presença. Além do mais, ele voava em um planador zodanguiano. As tropas provavelmente imaginavam que era um deles.

De qualquer maneira, sabia que essa era a parte mais fácil.

Carter passou sobre as muralhas da cidade, desligando o motor para planar em silêncio. Ele estudou as torres rapidamente e viu um palácio cujas cúpulas brilhavam iluminadas.

Abram caminho, rapazes, ele pensou. Estou atrasado para o casamento.

Capítulo 16

- COMO NOSSOS ancestrais, reunimo-nos sob a luz dos primeiros amantes de Barsoom... Cluros e Thuria...

Para Dejah Thoris, toda esperança estava perdida. Ela se mantinha ereta sobre o palanque elevado, ouvindo a sacerdotisa selar seus votos de matrimônio. E sua desgraça.

– ... tal e qual as luas estão juntas em união celestial, assim também unimos Sab Than e Dejah Thoris. Também unimos Zodanga... e Helium.

Os olhos de Sab Than buscaram os dela. Dejah continuou olhando para frente, mesmo sabendo que era observada por centenas de olhos que estavam na galeria, lá no alto. Mais espectadores a observavam do chão, lá embaixo, junto com metade da guarda real de Helium.

A sacerdotisa despejou um líquido claro em uma taça de cristal.

– No Tempo dos Oceanos, os amantes celestiais se levantavam do mar todas as noites para consumar seu amor no céu. - Ela entregou a taça a Sab Than. - Bebei agora desta água sagrada, e estareis casados.

Sab Than alinhou os ombros, alcançando sua estatura máxima, e ofereceu o cálice num brinde à congregação.

– Que assim seja outra vez. - Ele olhou para Dejah, e seus olhos pareciam se apoderar dela. - Sou seu para sempre.

Sab sorveu um grande gole, depois ofereceu o cálice a Dejah. Ela o estudou por um momento, depois o pegou com as duas mãos.

– E eu sou sua. Para sempre.

Ela levou a taça aos lábios...

Carter atravessou a cúpula, provocando uma chuva de cacos de vidro. Guardas heliuminitas correram de um lado para o outro, sacando espadas e pistolas. No planador, Carter desceu e voou em torno do palanque elevado.

Ele gritou para Dejah Thoris, que protegia os olhos dos cascos de vidro. Dejah baixou a mão e chamou:

– Carter!

A taça cerimonial caiu da mão dela e se espatifou no palanque.

– É uma armadilha! - ele gritou. - Zodanga está cercando Helium!

Sab Than colocou-se na frente de Dejah, e os padrinhos o acompanharam. Ele olhava para Carter, mas desviou o olhar quando um de seus guarda-costas o segurou pelo braço.

Quando o guarda-costas falou, Carter reconheceu a voz profunda de Matai Shang.

– A nanoespada - Matai disse a Sab Than. - Agora!

Sab Than puxou um disco do cinturão. Carter viu lá do alto a conhecida energia azul brotar do disco, transformando-se em uma afiada e brilhante espada.

Carter pulou do planador, deixando-o cair na galeria. Ele aterrissou no lado mais distante do palanque, momentaneamente desorientado. Dejah correu em sua direção, mas Sab Than a agarrou pelo cabelo, detendo-a.

Diante dos olhos de Carter, Sab Than levitou e subiu impelido por um jato de energia azul, arrastando Dejah pelos cabelos com ele, aos gritos. Sab ascendeu à cúpula quebrada, indo até o espelho que transmitia a força para o receptor no palanque.

Sab levantou sua espada azul e, por um momento, Carter pensou que ele ia cortar o pescoço de Dejah. Mas Sab usou a ponta da lâmina para alcançar o espelho e virá-lo para cima, enviando o raio brilhante de luar para o céu.

– Helium vai cair! - Sab Than gritou.
Era o sinal, Carter sabia. O sinal para Zodanga invadir a cidade a toda força.
Mas era mais que isso. Privado de sua fonte de poder, o palanque foi a pique e despencou no chão. Carter perdeu o equilíbrio, rolando sobre um casal de velhos heliuminitas que corria tentando fugir da plataforma. Ele pediu desculpas, depois os jogou para um local seguro quando a primeira onda de soldados zodanguianos passou pela porta.
O caos explodiu. Zodanguianos abriam fogo, derrubando atônitos heliuminitas. Carter puxou a espada e olhou para cima, para onde Sab Than e seus cinco padrinhos pairavam no ar, sustentados pela azul e estática energia thern. Dejah Thoris continuava pendurada pelo cabelo que Sab segurava em uma das mãos. Os padrinhos sacavam seus discos azuis e transformavam-os em armas de fogo azul. Eles disparavam contra os soldados e cientistas de Helium. Carter esquivou-se e escapou de uma rajada mortal, mas foi por pouco.
Dejah Thoris tirou dos cabelos o adorno cravejado de jóias e o enterrou na mão de Sab. Ele gritou e a soltou.
Carter pulou, descrevendo um arco sobre o palanque destruído, e pegou Dejah nos braços, passando rapidamente pelos padrinhos suspensos no ar. Assustados, eles não tiveram tempo de reagir quando Carter e Dejah passaram voando.
Quando pousaram, ela o olhou por um instante breve, mas intenso.
– Então mudou seu metal.
Ele assentiu.
– E meu coração.
– Se puder ficar atrás de mim, senhor.
Ela pegou a espada de Carter e enfiou-a num zodanguiano que se aproximava, matando-o. Depois girou a lâmina num arco largo, atingindo mais dois homens.
Carter sorriu enquanto se esquivava de mais dois zodanguianos armados com espadas. Com o cotovelo, ele atingiu um, que caiu sobre o outro, apoderando-se de suas espadas.
Da galeria, Tardos Mors gritou ao ser atingido pelo fogo azul. Dejah Thoris se afastou de Carter para ir ajudar o pai. Enquanto corria, ela disparou contra os cinco padrinhos que flutuavam perto da cúpula. Carter a observava com pura admiração. Ele se virou depressa para segui-la - e então Sab Than o atacou furioso, brandindo sua mortal nanoespada azul. Carter protegeu-se atrás de um pilar, mas a lâmina de Sab cortou a coluna como se fosse manteiga. O golpe seguinte encontrou a primeira espada de Carter, cortando sua ponta. Carter cambaleou para trás e quase rolou por uma escada abaixo.
Sab Than sorriu, cruel e confiante.
Carter se defendeu do golpe seguinte, mas a nanoespada partiu a dele ao meio. Surpreso, ele mal pôde sacar a espada que sobrara no último segundo.
Carter percebeu desanimado que o princípio ativo da arma, fosse ciência ou magia thern, não podia ser derrotado por mera habilidade de espadachim. Sab era superior a ele, e o zodanguiano sabia disso. Meticulosamente, golpe a golpe, ele foi reduzindo as lâminas de Carter a cotocos cegos.
Finalmente, Sab o encurralou contra uma parede. Sua espada de lâmina negra e brilhante tocava o pescoço de Carter, seu hálito quente e fétido envolvia o rosto do terráqueo.
– Quando você estiver morto - Sab sibilou quando Helium me pertencer... ela também será minha.
Carter olhou para a galeria atrás dele, onde Tardos Mors, Kantos Kan e Dejah Thoris se encolhiam atrás de uma coluna, fazendo um último esforço contra várias tropas zodanguianas em

seus uniformes vermelhos. Seus regimentos invadiam o palácio sem cessar, dizimando o que restava das forças heliuminitas.
Não, Carter pensou, tentando recuar e se afastar da lâmina quente em seu pescoço. *Não pode acabar assim.*
Então foi como se o palácio implodisse. Pessoas gritando, zodanguianos e heliuminitas correndo em busca de proteção e segurança, e toda a estrutura da cúpula desmoronando. Sab cambaleou, mas não soltou Carter. Juntos eles viram um pesado transporte particular zodanguiano balançar, tombar e despencar no chão de proa, rachando o ancestral piso de pedra.
O tempo parecia ter parado quando o teto do transporte se abriu. Tars Tarkas desembarcou meio atordoado.
– Graças à Deusa, acabou - ele disse.
Sola apareceu atrás dele, e em seguida mais uma centena de tharks brotaram do transporte. Ao ver os guerreiros verdes, tanto zodanguianos quanto heliuminitas entraram em pânico.
– Tharks!
Até Sab Than hesitou momentaneamente surpreso. Aproveitando a oportunidade, Carter enfiou o cotoco de espada na perna de Sab, empalando-o com a força do braço. Sab rugiu de dor, reagindo e atacando às cegas, tentando atingir Carter. Mas Carter já saltava para longe dele.
– Vorgínia! - Tars Tarkas gritou.
Carter virou-se e Tars lançou-lhe sua espada. Carter pegou-a pelo cabo e, de um só golpe, amputou o braço inteiro de Sab Than que segurava a arma. Sab rugiu, um grito de dor que se misturou ao zunido dos planadores individuais pilotados por outros tharks. Eles invadiam o palácio pelo teto destruído, disparando as armas dos planadores. Três padrinhos caíram vítimas da fúria dos guerreiros verdes.
Talvez os tharks nunca tenham voado, Carter pensou. Mas eles visivelmente aprendem depressa.
Ele olhou para Dejah, viu que os dois padrinhos restantes ainda disparavam contra ela e o pai, e se abaixou para pular em seu socorro - e nesse momento Sola e Woola passaram por ele a bordo de um planador que seguia na direção dos padrinhos. Sola empunhava sua espada, e com ela atingiu um assassino no ar. Woola latiu e avançou, mordendo com força o peito do outro atacante. Eles caíram juntos, Woola rosnando com a vítima entre os dentes.
Dejah olhou para cima, sorriu, e Sola sorriu de volta.
– Os tharks - Tardos Mors falou fascinado. - Por Issus, eles lutam conosco!
E eles lutavam. Havia tharks por todo o palácio, disparando e cortando - mas só atacavam os zodanguianos de capas vermelhas. Um heliuminita mostrou seu uniforme azul para Tars Tarkas, e o thark sorriu em resposta, passando ao alvo seguinte.
Carter virou-se e viu Sab Than gemendo, segurando o ensangüentado resto de braço. Ele aproximou a espada de sua garganta.
– Os therns - disse Carter. - Você vai contar tudo que sabe sobre eles.
Sab Than se encolheu de dor e assentiu.
– Poupe minha vida e eu contarei...
Ele parou de falar, e seus olhos se cravaram assustados no próprio braço amputado, caído perto dali. A nanoteia da arma se expandia a partir dela, rastejando pelo chão na direção dele.
– Não - gemeu o zodanguiano. - Não, não faça isso. Eu fiz tudo. Eu... servi à Deusa...
Horrorizado, Carter viu a teia alcançar Sab e subir por seu rosto, entrar na boca e no nariz. Sab começou a sufocar, tremer, arfar desesperado por ar - estrangulado pela própria arma sobrenatural.
Quando Sab Than caiu morto, a teia se retraiu e afastou-se, rastejando na direção de Carter. O

terráqueo se preparou para saltar, mas era tarde demais. A teia subiu pela espada e pelo seu braço. Ele sacudia a espada, e seus olhos se moviam com desespero quando a substância sinistra rastejou lentamente se aproximando de seu rosto... e foi então que ele viu. Um thark verde na galeria manipulando um bracelete thern. Havia um medalhão em seu pescoço.
Como se surgisse do nada, a espada arremessada com precisão por Dejah Thoris atingiu o bracelete do falso thark. No instante em que ele se partiu, a nanoteia evaporou do corpo de Carter, dissipando-se no ar.
Na galeria, Dejah apontava a espada para o thark. Ele riu, mudou de forma... e Matai Shang surgiu diante dela.
Dejah nunca havia testemunhado as transformações de Matai, e recuou impressionada. Matai Shang tirou proveito do instante de surpresa, transformando-se em uma réplica da própria Dejah.
– Vossa Alteza - ele disse.
E enquanto ela o fitava perplexa, Matai a desarmou.
– Dejah! - Carter gritou. Em torno dele, tharks ainda lutavam contra zodanguianos, mas ele só tinha olhos para ela. Com um movimento preciso, Carter saltou para a galeria no mesmo instante em que o Matai-Dejah aproximava a espada do pescoço da verdadeira Dejah.
– Uma solução apropriada para o seu problema, não acha, capitão? - O thern sorriu com o rosto de Dejah. - Dejah Thoris sobrevive aos seus assassinos, mas não consegue comprovar sua equivocada teoria do Nono Raio.
– Não precisa fazer nada disso - disse Carter.
– Oh, eu sei. Mas acho que ela, quero dizer, eu vou gostar de representar essa cena em especial.
Rangendo os dentes, a verdadeira Dejah arrancou o medalhão do pescoço de seu adversário e o jogou para Carter. Ele o pegou prontamente, sorrindo ao ver Matai arregalar os olhos.
– Quer o medalhão? - Carter perguntou, jogando a jóia lá embaixo, no meio da batalha feroz entre zodanguianos, tharks e heliuminitas.
Sorrindo de volta, Matai jogou Dejah na galeria.
Carter saltou e a colheu no ar. Dejah apontou para baixo.
– Ele... eu... Não, ele está fugindo!
Carter pousou na beirada da galeria e pôs Dejah no chão com toda a delicadeza. Quando se virou para olhar, Matai já flutuava para o chão. O thern mudou de forma várias vezes em rápida sucessão: zodanguiano, heliuminita e zodanguiano outra vez. Depois desapareceu no meio da multidão.
– O medalhão - disse Dejah.
Carter assentiu, virou-se e pulou da galeria. Ele pousou sobre um escombro entre dois grupos de zodanguianos e tharks que se enfrentavam. Ali ele ouviu uma voz estranhamente familiar.
-Tars. O medalhão!
Carter se viu, a distância, estendendo a mão para Tars Tarkas. Tars retinha o medalhão, hesitante.
– Entregue-me, meu Jeddak.
Carter gritou para Tars, saltando por cima da multidão na direção do thark. Ele viu os olhos de Tars irem do verdadeiro John Carter, aproximando-se dele pelo ar, para Matai Shang disfarçado de Carter, ainda com a mão estendida para o medalhão.
Tars tomou sua decisão. Ele apontou a espada para Matai-Carter no momento em que o verdadeiro Carter se aproximava, também atacando.
Mas Matai desapareceu. Tars Tarkas cortou o ar com sua espada, ferindo a garganta do verdadeiro Carter. O thark saltou para trás, olhando em volta desconfiado.
Carter limpou o sangue do pescoço e olhou de um lado para o outro. Os últimos zodanguianos

eram levados por uma tropa de heliuminitas e tharks - o povo vermelho e o povo verde de Barsoom finalmente trabalhando juntos.
Não restava nenhum sinal da energia azul ou das armas thern.
Tars Tarkas se aproximou de Carter e pousou a mão sobre seu ombro.
– Você agora é meu Jeddak. E você venceu. - Ele sorriu. - Tudo terminou.
Carter viu Dejah correr pela galeria na direção dele, os braços abertos. Seu rosto estava ferido, o vestido de noiva rasgado, o cabelo sujo de sangue. Um terráqueo ficaria repelido ao vê-la.
Ela era a coisa mais linda que Carter já vira.
– Não - ele falou. - Ainda não acabou.
Os dois se abraçaram com um ardor e uma paixão únicos nos dois mundos. E no palácio de Helium, em escombros, todos os olhos se voltaram com grande curiosidade para aprender o significado das palavras de seu novo Jeddak.

CAPÍTULO 17

- ... REUNIMO-NOS sob a luz dos primeiros amantes de Barsoom, Cluros e Thuria...
Mais uma vez as palavras ressoaram sob a cúpula destruída do palácio. Mas, desta vez, Tardos Mors as pronunciava com alegria e orgulho. E os amantes que estavam sobre o palanque quebrado, cercados por poeira, escombros e sangue derramado, eram a princesa Dejah Thoris e o capitão John Carter.
Carter sorriu para Dejah, levando o cálice aos lábios. Depois parou e olhou para as alianças idênticas em seu dedo. Ele as tirou e segurou contra a luz, contemplando-as pela última vez. Com ternura, Carter depositou-as em uma bandeja de prata e deixou Sola levá-las.
Carter tomou do cálice e o entregou a Dejah. Ela terminou de bebê-lo, selando a união.
- Pelo antigo rito da lua e da água - Tardos continuou - vocês estão unidos. Marido e mulher.
Eles se beijaram como amantes que há muito não se viam, como mundos reunidos após séculos de separação. O palácio irrompeu em aplausos retumbantes.
Mas naquela noite, Carter se sentia inquieto. Ele se levantou do leito de núpcias, tomando cuidado para não acordar Dejah Thoris, e caminhou até a sacada. Helium estava a seus pés, castigada, mas viva, uma jóia multifacetada de vida e luz.
-John?
Dejah se aproximou e o enlaçou com os braços cobertos de seda. Ela era quente, reconfortante.
– Saudade do berçário thark?
Ele sorriu.
– Desculpe. Acabei de ter aquela sensação que se tem de repente... quando deixamos uma luz acesa. Ou uma porta aberta, talvez.
Ela inclinou a cabeça como se não entendesse.
– Volte para a cama. - Carter afagou o rosto da princesa. - Não vou demorar.
Ela pegou na mão dele e beijou-a.
– Não demore, John Carter da Terra.
Assim que ela entrou, Carter deixou o aposento e subiu vários lances de escada. Lá em cima, uma pequena varanda se debruçava sobre o grande abismo que dividia as duas metades de Helium. Woola juntou-se a ele e, latindo, assustou o guarda solitário em seu posto.
Carter contemplou o céu noturno. Uma estrela azul e verde atraiu seu olhar: a Terra. Ele enfiou a mão na bota para pegar o medalhão. Seis palavras simples poderiam transportá-lo através daquela distância...
- John Carter da Terra - ele murmurou.
Com toda a força que tinha, arremessou o medalhão da varanda. Woola correu até a beirada com a intenção de ir buscá-lo, mas parou, olhando para a escuridão do abismo. Depois se virou e grunhiu para Carter.
- Tem razão - Carter afagou o focinho do animal. - John Carter de Marte soa muito melhor.
Quando eles desceram a escada, o guarda se curvou e apoiou um joelho no chão.
– Senhor, preciso expressar minha mais profunda gratidão. O senhor salvou Helium...
– Por favor. - Carter estendeu-lhe a mão. - A honra foi minha.
Ele se curvou para ajudar o guarda a ficar em pé... e Woola rosnou.
– É justo, terráqueo.
O guarda segurava a mão dele com força. Tarde demais, Carter o viu mudar de forma e assumir a silhueta mortal de Matai Shang.

– Meu povo joga esse jogo de movimentos há séculos - disse Matai. - Acha que uma derrota vai nos expulsar de Barsoom para sempre?
Carter viu o medalhão na mão dele.
O thern tocou o peito de Carter com a outra mão.
– Ok Ohem - Matai recitou. - Ok Ohern Oktay. Weez Jasoom.
O medalhão pulsou. Woola ganiu. Matai Shang sorriu triunfante.
Carter sentiu um tremor intenso sacudir seu corpo, uma sensação que só havia experimentado uma vez.
Não, tentou dizer. Não, agora não! Mas estava paralisado, incapaz de falar. O medalhão brilhou mais forte, nove pernas de luz se estenderam como mandíbulas de chamas azuis. E numa explosão de luz, John Carter desapareceu.
Na caverna, um raio de luar solitário dançava sobre o veio de ouro.
Carter se levantou depressa... e a dor vibrou em todo seu corpo rígido. Roupas velhas e em decomposição estalaram e se rasgaram, transformando-se em pó. Ele tossiu, limpando a poeira do rosto. Todos os músculos doíam, atrofiados após anos de imobilidade.
Ele viu o esqueleto que havia sido do coronel Powell. Alguns fiapos do cordão da União ainda pendiam dos trapos que um dia haviam sido seu uniforme.
Carter ficou em pé, lutando contra a dor. Ele procurou os restos de seu bolso, da camisa, e depois caiu de joelhos e começou a cavar a terra.
– Não - sussurrou. - Não. Não...
Nada. Nenhum medalhão.
Carter atirou-se sobre a pedra grande, aquela com a aranha de nove pernas entalhada na superfície. Desesperado, o capitão bateu com a mão na pedra.
– *Ok Ohem - arfava. - Oktay, Weez Barsoom. Oktay! Weez BARSOOM!*
Dedos envelhecidos seguravam a rocha, agarravam-se a ela freneticamente. Traçavam o desenho sob sua mão.
– *Barsoom* - Carter falou com voz fraca. Mas era inútil.
O capitão Carter estava de volta à Terra.

CAPÍTULO 18

—... Distante oitenta milhões de milhas, e nenhum jeito de transpor o abismo. Não havia como me telegrafar de volta, devolver meu corpo e alma a seu verdadeiro lar. Como um idiota, eu jogara fora meu medalhão lá em Barsoom.

Saí da caverna e olhei para o céu escuro do Arizona, tão familiar e, ao mesmo tempo, tão frio. Tão estranho, agora.

Pensei em Matai Shang, no conhecimento que ele possuía da Terra e de nossa história. Isso significava que os therns também estavam presentes neste mundo, não só em Marte. Essa caverna no Arizona, as inscrições nela e o thern que eu ali matara eram prova disso.

Poderia haver outros lugares. Outras estações thern escondidas em algum lugar da Terra.

Assim que pensei nisso, soube para que meu ouro deveria ser usado.

Durante dez amargos anos, querido sobrinho, eu estive àprocura. Segui todas as trilhas de boatos e lendas possíveis, da mais obscura África à imensidão deserta do Ártico. Às vezes cheguei a perder a esperança de algum dia localizar os therns de novo.

E então, nas ilhas Orkney da Escócia, eu os encontrei.

Poupá-lo-ei dos detalhes tediosos, mas basta dizer-lhe que consegui obter um medalhão. Porém, antes de conseguir retornar a Barsoom, havia muitos planos que tinha de fazer em segredo. E os therns na Terra seguiam meus movimentos de perto, tramando recuperar a propriedade que eu tirara deles.

Não posso confiar em ninguém. Só em você.

Não tenho dúvida de que muito do que relatei o perturba. Mas prometo que logo você vai entender a causa da minha morte súbita, as instruções bizarras para o meu funeral, e a razão pela qual a porta do mausoléu só pode ser aberta por dentro. Eis algo que aprendi com os therns: se meu corpo morrer na Terra, sua "cópia" também há de perecer em Marte.

Saiba disso: você é a chave, Edgar. E esta a tarefa que confio a você, junto com toda a minhafortuna. Proteja o meu corpo, pois os therns hão de tentar destrui-lo. Na verdade, no tempo que você levou para ler estas páginas, eles já podem ter conseguido.

Fechei o diário de meu tio de um movimento brusco e levantei-me, a mente tomada pelas implicações de suas palavras. Saí do escritório e corri para fora da casa, atravessando alamedas e canteiros.

No escuro, quase bati no mausoléu. Deslizei as mãos pela superfície, procurando, aflito. Nada. Nenhuma depressão, nenhuma fechadura, nenhuma fresta.

Você é a chave, tio Jack escrevera. *A chave.* Mas onde estaria a fechadura?

Notei o epitáfio escrito sobre a porta: INTER MUNDOS. Meus olhos foram à letra E, depois ao D. E-D. Edgar. Apertei as duas letras sucessivamente. Nada.

Por um momento me entreguei à frustração. Depois me lembrei do telegrama, da estranha mensagem que me levara até ali. Tirei o papel do bolso do colete e alisei sua superfície amassada.

QUERIDO NED
VENHA IMEDIATAMENTE

– Ned - falei em voz alta. E lembrei uma das manias de tio Jack: ele nunca me chamava de Edgar.

Olhei novamente para a inscrição no túmulo e pressionei as letras N-E-D, nessa ordem.
A porta se abriu movida por engrenagens bem lubrificadas.
Dei um passo à frente e espiei a escuridão. O que vi ali me fez parar.
Um caixão vazio. Em uma tumba vazia.
Um movimento repentino chamou minha atenção, e eu me virei a tempo de evitar a faca arremessada contra mim. Um homem magro de terno preto e chapéu-coco levantou a faca outra vez, apontando a lâmina diretamente para o meu peito. Encolhi-me, sabendo que esse seria meu fim. Nunca fui de lutas.
Então, um tiro soou e o homem caiu.
Atrás dele estava meu tio, capitão John Carter. O revólver na mão dele ainda fumegava.
– Bom Deus - falei perplexo. - É você.
Carter sorriu.
-Olá, Ned.
Ele tirou do bolso um pequeno frasco e o jogou para mim.
– Toxina derivada de baiacu - ele disse. - Simula a morte.
Ele se ajoelhou e começou a examinar o corpo do assassino.
Olhei para o frasco e comecei a entender.
– Você nunca encontrou o medalhão. Nem nas Orkney, nem em lugar nenhum.
– Não. Mas estava certo sobre os therns. - Ele rasgou a camisa do homem de chapéu-coco para revelar um medalhão thern com o desenho da aranha de nove pernas. - Por isso sou tão grato por você ter me trazido um deles.
– Eu fui só... uma isca?
– Não, não. - Ele se levantou, aproximando-se de mim com ternura. - Você é muito mais que isso. Preciso realmente de um protetor... isto é, se estiver disposto.
De repente fiquei muito emocionado. Abracei meu tio com força, quase o derrubei. Ele correspondeu ao abraço e bateu nas minhas costas, entregando-me a pistola.
Em seguida, ele entrou no mausoléu. O medalhão parecia brilhar suavemente na mão dele.
– Adeus, Ned - disse. - Ned? Você devia adotar uma causa. Apaixonar-se. Escrever um livro, talvez.
– Não pode ficar um pouco mais? - perguntei.
Ele balançou a cabeça, empurrando a pesada porta por dentro.
– Já é mais que hora de ir para casa.
A porta se fechou com estrondo.
Escreva um livro, disse ele. Assim o fiz.
Tem mais uma coisa. Enquanto estava do lado de fora da tumba segurando a pistola na mão, ouvi a voz abafada de meu tio lá dentro.
– *Ok Ohem. Oktay... Weez...*
E depois, por um segundo, pensei ter ouvido a voz de uma mulher juntar-se a dele. Uma voz rica, profunda, nascida de um mundo onde mulheres selvagens lutavam ao lado dos homens por uma causa maior que eles mesmos. A voz de uma verdadeira princesa de Marte recebendo o marido guerreiro que voltava para casa.
– ... Barsoom - ela disse.
– ... Barsoom - repetiu ele.
Houve um breve clarão dentro da tumba. E pela última vez, John Carter se foi.